

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

ALINE ROSE DE CAMPOS SANTOS

**A VIOLÊNCIA DO COTIDIANO ESCOLAR: UMA LEITURA DISCURSIVA DO
BULLYING PARA OS ESTUDANTES DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

ALINE ROSE DE CAMPOS SANTOS

**A VIOLÊNCIA DO COTIDIANO ESCOLAR: UMA LEITURA DISCURSIVA DO
BULLYING PARA OS ESTUDANTES DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Maringá, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Eliana Alves Greco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Maringá

2025

Espaço para a Ficha Catalográfica.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S237v

Santos, Aline Rose de Campos

A violência do cotidiano escolar : uma leitura discursiva do bullying para os estudantes do 7º ano do ensino fundamental / Aline Rose de Campos Santos. -- Maringá, PR, 2025. 98 f. : il. color., figs., tabs.

Acompanha produto educacional: Proposta pedagógica de leitura discursiva sobre o tema bullying na escola contemporânea. 56 f.

Orientador: Prof. Dr. Eliana Alves Greco.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Língua Portuguesa, Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado profissional, 2025.

1. Leitura discursiva. 2. Bullying. 3. Análise do discurso. 4. Ensino fundamental. 5. Violência escolar. I. Greco, Eliana Alves, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Língua Portuguesa. Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado profissional. III. Título.

CDD 23.ed. 401.4

Elaine Cristina Soares Lira - CRB-9/1202

Maringá

2025

ALINE ROSE DE CAMPOS SANTOS

**A VIOLÊNCIA DO COTIDIANO ESCOLAR: UMA LEITURA DISCURSIVA DO
BULLYING PARA OS ESTUDANTES DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

BANCA EXAMINADORA
PARTICIPAÇÃO DE FORMA VIRTUAL



Orientadora: Profa. Dra. Eliana Alves Greco
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Profa. Dra. Annie Rose dos Santos
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Profa. Dra. Luciana Fracassi Stefaniu
Universidade Estadual do Centro-Oeste –
Unicentro

APROVADA EM 07/05/2025

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as vítimas de bullying escolar, que enfrentam diariamente o medo e a dor silenciosa. Desejo que suas vozes sejam ouvidas e suas histórias inspirem mudanças.

Às famílias, aos professores e aos colegas que se comprometem a criar um ambiente escolar mais seguro e acolhedor, esta pesquisa é para vocês. Juntos, podemos construir uma cultura de respeito, empatia e inclusão.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, pela força e sabedoria concedidas ao longo desta jornada.

À minha família, pelo amor incondicional, paciência e apoio em todos os momentos. Sem vocês, este trabalho não teria sido possível.

A minha orientadora Prof^a Dra. Eliana Alves Greco, pela orientação, conselhos e encorajamento contínuo. Seus ensinamentos e dedicação foram fundamentais para a realização desta dissertação.

Aos meus professores e colegas do programa de mestrado, pelas valiosas discussões, críticas construtivas e suporte ao longo do curso. Aprendi muito com cada um de vocês.

Aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental que participaram desta pesquisa, por sua disposição e sinceridade. Vocês foram a inspiração para este trabalho e espero que ele possa contribuir para um ambiente escolar mais seguro e acolhedor.

Aos diretores, coordenadores e professores da escola em que leciono, por permitirem a realização desta pesquisa e por seu compromisso com a educação inclusiva e transformadora.

Aos meus amigos, por suas palavras de incentivo e compreensão durante os momentos de ausência.

Agradeço sinceramente aos membros da banca de qualificação pela leitura atenta, pelas contribuições valiosas e pelo compromisso em enriquecer este trabalho com suas considerações e orientações.

Finalmente, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desta dissertação, meu sincero agradecimento. Que este trabalho possa inspirar novas reflexões e ações para a erradicação do bullying no ambiente escolar.

EPÍGRAFE

No ambiente escolar, o bullying é a sombra que ofusca a luz do aprendizado. É preciso coragem para enfrentá-lo e compaixão para erradicá-lo, criando uma comunidade onde cada aluno se sinta seguro e valorizado.

Aline Rose de Campos Santos.

SANTOS, Aline Rose de Campos. **A violência no cotidiano escolar**: uma leitura discursiva do bullying para os estudantes do 7º ano do ensino fundamental. Dissertação de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2025.

RESUMO

A leitura por ser essencial para a instrução e educação, desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos ativos e críticos, capazes de entenderem e se posicionarem diante dos problemas da sociedade. Para que os estudantes se tornem protagonistas de suas leituras, é necessário adotarmos estratégias que permitam a construção de um percurso de leitura abrangente, capaz de explorar a multiplicidade de sentidos presentes nos textos. Esse processo diz respeito à investigação dos sentidos que circulam nos textos e das ideologias que os atravessam, o que permite ao leitor compreender não apenas o conteúdo explícito, mas também os não ditos, e as formações ideológicas presentes. Essa leitura mais profunda é sustentada pela perspectiva discursiva da Análise de Discurso de linha francesa, a partir dos pressupostos teóricos desenvolvidos por Coracini (2010) e Orlandi (1993, 2002), que entendem o discurso como um espaço em que linguagem, sujeito e ideologia se articulam. A proposta visa refletir sobre a problemática do bullying, buscando estratégias para compreendermos e combatermos esse fenômeno no ambiente escolar. O objetivo desta dissertação é elaborar, aplicar e analisar uma proposta didático-pedagógica de leitura pela perspectiva discursiva sobre o bullying escolar, destinada aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. As atividades propostas têm como desafio incentivar os alunos a refletirem sobre os discursos presentes na sociedade e no ambiente escolar em relação ao bullying, desfazendo possíveis preconceitos e estereótipos. Nesse percurso, os estudantes terão a oportunidade de observar suas próprias percepções sobre o bullying e confrontá-las com novas imagens e discursos, especialmente aqueles que promovem a empatia, o respeito e a inclusão. Partindo das histórias dos alunos, a proposta visa enriquecer esse conhecimento com novas perspectivas e reflexões sobre a dinâmica do bullying e suas consequências. Ao final do processo, os alunos terão a oportunidade de retornar ao seu conhecimento inicial, agora enriquecidos com novas ideias e perspectivas. Dessa forma, poderão assumir seus próprios discursos de maneira mais consciente, reconhecendo a existência de outros discursos e formas de pensar. Isso não apenas promove uma compreensão mais profunda e inclusiva da temática do bullying, mas também contribui para a formação de um cidadão mais crítico, reflexivo e tolerante, para que participe ativamente da sociedade. Por fim, a proposta destaca a importância de uma prática de leitura que vai além da simples decodificação de textos, incentivando a análise crítica e a reflexão sobre os múltiplos sentidos e discursos presentes na leitura. Isso é importante para a formação de leitores capazes de compreender e interpretar de maneira abrangente, resultando em uma educação mais completa e integradora.

Palavras-chave: leitura discursiva; temática bullying escolar; Análise do Discurso.

SANTOS, Aline Rose de Campos. Violence in Everyday School Life: A Discursive Reading of Bullying for 7th Grade Elementary School Students. Master's Dissertation (Professional Master's in Literature) – State University of Maringá, Maringá, 2025.

ABSTRACT

Reading, being essential for instruction and education, plays a fundamental role in shaping active and critical citizens, capable of understanding and taking a stand on society's issues. For students to become protagonists of their own reading processes, it is necessary to adopt strategies that enable the construction of a comprehensive reading path—one that explores the multiplicity of meanings present in texts. This process involves investigating the meanings that circulate within texts and the ideologies that permeate them, allowing the reader to grasp not only the explicit content but also the unsaid, and the ideological formations at play. This deeper reading is supported by the discursive perspective of French discourse analysis, based on the theoretical foundations developed by Coracini (2010) and Orlandi (1993, 2002), who understand discourse as a space in which language, subject, and ideology are intertwined. The aim is to reflect on the issue of bullying and to seek strategies to understand and combat this phenomenon in the school environment. The objective of this dissertation is to develop, implement, and analyze a didactic-pedagogical reading proposal from a discursive perspective on school bullying, aimed at 7th-grade students in elementary school. The proposed activities are designed to challenge students to reflect on the discourses present in society and in the school context regarding bullying, deconstructing possible prejudices and stereotypes. Throughout this journey, students will have the opportunity to observe their own perceptions of bullying and confront them with new images and discourses, especially those that promote empathy, respect, and inclusion. Starting from students' own narratives, the proposal seeks to enrich this knowledge with new perspectives and reflections on the dynamics of bullying and its consequences. By the end of the process, students will have the opportunity to revisit their initial understanding, now enriched with new ideas and viewpoints. In doing so, they will be able to assume their own discourses more consciously, while recognizing the existence of other discourses and ways of thinking. This not only fosters a deeper and more inclusive understanding of the theme of bullying but also contributes to the development of a more critical, reflective, and tolerant citizen, who can participate actively in society. Ultimately, the proposal emphasizes the importance of a reading practice that goes beyond simple text decoding, encouraging critical analysis and reflection on the multiple meanings and discourses found in texts. This is vital for the formation of readers who are capable of understanding and interpreting in a comprehensive way, resulting in a more holistic and integrative education.

Keywords: discursive reading; school bullying; Discourse Analysis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dados de pesquisa nacional de saúde escolar.....	53
Quadro 2: Dados de pesquisa realizada pelo PENSE-2021.....	53
Quadro 3: Resultados da pesquisa realizada pela ocde 2015 referente ao bullying	54
Quadro 4: Países em que os estudantes se sentem mais solitários na escola.....	55
Quadro 5: Dados da OCDE exposição de meninos e meninas brasileiros ao bullying em relação aos outros países.....	56
Quadro 6: Proposição para a proposta didático-pedagógica de leitura.....	661

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Pesquisa nacional de saúde escolar.....	53
Imagem 2: Bullying e cyberbullying no Brasil.....	53
Imagem 3: <i>Percentual: situação da qual é vítima</i>	54
Imagem 4: Países em que os estudantes de sentem mais solitários na escola.....	55
Imagem 5: Exposição ao bullying.....	56
Imagem 6: Bullying no topo dos casos de violência.....	56
Imagem 7: Bullying no ambiente escola.....	76
Imagem 8:	
Resultado.....	788

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS	22
2.1. Concepções de leitura	22
2.1.2. A Análise do Discurso na perspectiva francesa: conceitos fundamentais	32
2.1.3. A leitura na perspectiva da Análise do Discurso e a sua importância para a formação do leitor	38
3. O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR.....	44
3.1 Tipos comuns de bullying	44
3.1.2 O bullying no ambiente escolar	46
3.1.3. A legislação contra o bullying.....	49
3.1.4. As consequências do bullying em números.....	51
4. METODOLOGIA	57
4.1. Procedimentos metodológicos	57
5. ANÁLISE DA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA.....	64
5.1. Oficina 1: Conhecendo do tema.....	66
5.2. Oficina 2: Você conhece os tipos de bullying?	71
5.3. Oficina 3: Produção de Padlet.....	72
5.4. Oficina 4: Produção de mapa mental em cartaz	76
5.5. Oficina 5: Entrevista via <i>Google Forms</i>	77
5.6. Oficina 6: Vídeo valorize a vida!.....	82
5.7. Oficina 7: roda de conversa	84
5.8. Oficina 8: Produção de paródias.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE	98

1. INTRODUÇÃO

A leitura, por ser uma prática essencial para a formação educacional, exerce um papel central na construção de cidadãos críticos e participativos, capazes de interpretar a realidade em que vivem e se posicionarem diante dos problemas sociais. Para que os estudantes assumam uma postura ativa diante dos textos que leem, é fundamental desenvolver estratégias pedagógicas que favoreçam um percurso de leitura mais aprofundado, que vá além da decodificação literal e permita acessar os múltiplos sentidos produzidos nas diferentes materialidades linguísticas.

Esse processo está diretamente relacionado à análise dos sentidos que circulam nos textos, assim como das ideologias que os atravessam. Ou seja, trata-se de uma leitura que busca compreender não apenas o que está dito, mas também o que está implícito, revelar intenções, silenciamentos e formações ideológicas. Tal abordagem é sustentada pela perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, conforme os pressupostos teóricos desenvolvidos por autoras como Coracini (2010) e Orlandi (1993, 2002), que compreendem o discurso como um espaço de articulação entre linguagem, sujeito e ideologia.

Nesta pesquisa, adotamos a premissa de que o significado de um texto deve ser investigado sob uma perspectiva discursiva, o que envolve analisarmos a interação entre os participantes da comunicação. Isso significa que, para entendermos o texto de maneira mais completa, é necessário considerarmos diversos fatores além de sua estrutura formal. Devemos prestar atenção em quem está falando, para quem o texto é direcionado, o que há por trás da produção do discurso e em qual contexto essa interação acontece. Ao examinarmos esses elementos – os objetivos do sujeito, o público-alvo e as circunstâncias em que o texto foi criado – somos capazes de ir além da simples análise da forma, chegando a uma compreensão mais profunda que envolve também o papel social do texto. Assim, não se trata apenas de interpretarmos as palavras, mas de entendermos como elas funcionam dentro de uma dinâmica comunicativa, considerando o impacto que pretendem gerar e as condições sociais em que estão inseridas.

Tal processo não é tão simples como pensamos; não é apenas passarmos os olhos sobre as linhas do texto e desvendarmos os sentidos; antes, é importante reconhecermos que a leitura é um produto social que se origina das relações interativas do processo comunicativo, “uma atividade social, com ênfase na presença

do outro, daquele que é interlocutor do leitor. Acreditamos, então, que o significado não está nem no texto, nem no leitor, mas nas convenções de interação social em que se dá a leitura” (Menegassi; Angelo, 2005, p. 33).

Ao tratarmos da importância da leitura, Solé afirma que

Poder ler, isto é, compreendermos e interpretarmos textos escritos de diversos tipos, com diferentes intenções e objetivos, contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada (Solé, 2014, p. 25).

O principal foco desta dissertação é a leitura, pois acreditamos que seja uma ferramenta essencial para o desempenho educacional. A leitura não apenas estimula a atividade cerebral, mas também desenvolve um papel importante na formação de cidadãos ativos e críticos. Ao ler, os alunos aprimoram a capacidade de analisar e refletir sobre diversas questões, permitindo que reconheçam e se posicionem sobre os problemas e desafios da sociedade.

Orlandi (1996) afirma que

A leitura busca observar tanto o processo de produção do texto quanto o processo de construção de seu significado. Nesse sentido, a autora destaca que o leitor não apenas capta um sentido previamente existente no texto, mas também participa ativamente da atribuição de significados a ele. Em outras palavras, a leitura é entendida como um ato de produção, e o objetivo é identificar o processo e as condições que tornam essa produção possível. Por isso, pode-se afirmar que a leitura representa o momento crítico na constituição do texto (Orlandi, 1996, p. 37).

Nas escolas, a abordagem nas aulas de leitura e escrita acaba por suprimir o prazer envolvido na prática da leitura crítica e, ao mesmo tempo, dificulta o desenvolvimento da escrita. Isso significa que as atividades de leitura são muitas vezes apresentadas de forma mecânica, sem estimular o interesse ou a reflexão dos alunos, o que pode tornar o prazer de ler uma tarefa desmotivadora. Da mesma forma, a produção escrita se torna um processo engessado, no qual a criatividade e a expressão pessoal são limitadas.

Como consequência, muitos alunos, tanto os que já passaram pela escola quanto os que ainda estão no sistema educacional, desenvolvem uma antipatia por essas práticas. Muitos justificam essa aversão repetindo o discurso de seus antigos professores, alegando que não sabem ou não conseguem aprender a ler e escrever,

o que reforça uma visão negativa das aulas de português. Esse cenário, além de prejudicar o desenvolvimento acadêmico, contribui para o aumento do número de analfabetos funcionais, pessoas que, apesar de terem sido alfabetizadas, não conseguem utilizar plenamente essas habilidades de forma crítica e autônoma em seu cotidiano.

Na proposta ora desenvolvida, sugerimos a prática pedagógica centrada no trabalho com gêneros discursivos como uma forma de estudarmos a Língua Portuguesa com a finalidade de melhorarmos os níveis de compreensão e interpretação dos alunos. Para isso, é necessário considerarmos as necessidades reais dos estudantes e a realidade da escola onde empreendemos a pesquisa e buscamos aplicar atividades que contribuam para a formação dos discentes.

Nessa abordagem de ensino-aprendizagem, voltada à formação social do aluno, a escola assume um papel crucial ao prepararmos os educandos para utilizarem plenamente a linguagem. Nessa direção, as atividades ora propostas visam ao desenvolvimento das seguintes habilidades nos alunos/leitores: criticar, contrariar, concordar, emitir opiniões, reformular ideias e responder continuamente aos enunciados que lhes são apresentados. Isso compreende engajarmos ativamente com o texto e participarmos de um diálogo contínuo, bem como proporcionarmos aos alunos a capacidade de perceberem os significados implícitos que dão sentido ao texto ou enunciado. Além disso, entendermos que a leitura é uma prática social que envolve a interação entre os sujeitos sociais, ou seja, o autor e o leitor.

Essa abordagem pedagógica visa não apenas ao desenvolvimento técnico das habilidades de leitura e escrita, mas também à formação de sujeitos críticos e reflexivos, capazes de se posicionarem e interagirem de maneira significativa na sociedade.

Observamos que, na sala de aula, há uma carência no trabalho com a prática da leitura, que a torne mais abrangente e capaz de explorar a multiplicidade de sentidos dos textos, o que é essencial para a formação integral do leitor. Se desejamos que os alunos sejam participantes ativos e críticos do que leem, é necessário adotarmos metodologias que lhes permitam construir um percurso de leitura aprofundado e significativo. Tais metodologias devem possibilitar que os alunos explorem diferentes interpretações e compreendam plenamente os diversos significados dos textos, promovendo uma leitura mais rica e engajadora.

Assim, é importante concebermos a leitura como uma prática social, um meio de possibilitar a realização de novos diálogos entre os sujeitos envolvidos no processo: o autor, representado pelo texto, e o leitor, uma resposta a uma necessidade, em práticas de letramentos socialmente determinadas (Menegassi; Fuza, 2010).

As dificuldades de leitura, especialmente no que se refere à leitura crítica, não são um tema novo ou inexplorado. Esse problema é tão complexo e preocupante que se tornou o foco de muitas pesquisas acadêmicas e propostas pedagógicas, todas com o propósito de encontrarem soluções ou, pelo menos, entendê-la.

Nossa pesquisa não busca investigar a causa dessas dificuldades, mas sim compreender como os alunos reagem a atividades de leitura realizadas sob uma perspectiva discursiva, abordando a temática bullying escolar. Para isso, planejamos aplicar uma proposta de intervenção pedagógica e observarmos as reflexões dos alunos. Nosso intento é investigarmos os níveis de compreensão dos estudantes a essas atividades, visando a entendermos como essa abordagem pode ajudar-nos a reduzirmos suas dificuldades de leitura. Com tal intervenção, esperamos contribuir para melhorarmos a habilidade dos alunos em realizarem leituras críticas e aprofundadas, facilitando seu desenvolvimento como leitores competentes e reflexivos.

Coracini (2010) revisita várias perspectivas da leitura — a do texto, a do leitor, a interacionista e a discursiva — e defende que a perspectiva discursiva é a que proporciona uma prática de leitura mais abrangente, resultando na formação de leitores mais críticos. Nessa abordagem, a leitura é entendida como um processo discursivo, em que os significados são construídos pelos sujeitos envolvidos e são influenciados por contextos sócio-históricos e ideológicos.

A leitura discursiva não se limita a interpretar os sentidos explícitos do texto, mas também investiga os discursos ideológicos presentes nesses sentidos. Isso permite aos leitores explorarem uma gama mais ampla de significados e compreendermos como diferentes ideologias e contextos moldam a forma como os textos são produzidos e interpretados.

Para a Análise do Discurso (AD), as condições de produção são fundamentais para moldar a forma como a leitura ocorre, ou seja, elas determinam o "como" se lê. Isso significa que, dentro de uma perspectiva discursiva, a leitura vai muito além de

simplesmente ativar o conhecimento prévio ou enciclopédico do leitor, algo que é típico de abordagens cognitivas.

Nesse sentido, Orlandi (1996) explica que

Não se trata apenas de estabelecermos uma conexão direta entre leitor e texto, leitor e autor, ou de identificarmos estratégias textuais eficazes que o autor utilizou e que o leitor é capaz de reconhecer no texto. Na perspectiva da AD, o ato de ler envolve a consideração de todo o contexto em que o texto foi produzido e lido, incluindo fatores históricos, sociais e ideológicos que influenciam tanto o autor quanto o leitor. Dessa forma, a leitura é entendida como um processo mais complexo, em que os sentidos não estão prontos no texto, mas são construídos a partir das interações discursivas e das condições específicas em que o texto é interpretado (Orlandi, 1996, p. 38).

Ao adotarmos essa abordagem, os leitores têm a oportunidade de desenvolverem uma visão mais crítica, uma vez que são incentivados a analisarem e questionarem as posições de sentido das palavras. Além disso, tal prática pode levar à maior tolerância, porque expande o entendimento dos leitores sobre as diversas representações sociais e perspectivas. Ao reconhecermos que existem múltiplas formas de interpretarmos o mundo, e que esses diferentes pontos de vista são válidos, os leitores se tornam mais abertos e respeitosos em relação às diferenças sociais e ideológicas.

É importante considerarmos, como enfatiza Silva (1999), que ler é sempre uma tentativa de entendermos a si mesmo como um ser inserido na história e no contexto social. Portanto, a leitura deve ser uma prática constante em todas as áreas do conhecimento, especialmente na disciplina de Língua Portuguesa, porque é um dos seus pilares estruturantes, conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018). Isso significa que a leitura não é apenas uma habilidade técnica, mas um processo fundamental para a formação do indivíduo e sua compreensão do mundo.

Coracini (2010) ressalta que raramente a concepção discursiva de leitura vem sendo contemplada na sala de aula, pois, na maioria das vezes, são promovidas atividades que focam apenas na visão do livro didático e/ou do professor. Desse modo, o aluno-leitor aprende meramente um sentido e, assim, tantos outros sentidos possíveis, acabam por ser ignorados. Isso empobrece a compreensão do texto, a leitura e, por consequência, a criticidade, na medida em que reproduz discursos autoritários, com verdades tidas como absolutas, que não condizem com a pluralidade de ideias e identidades da sociedade.

Nesse sentido, observa-se que, no contexto escolar, o trabalho com a leitura tem sido frequentemente direcionado a um processo de decodificação, em que o leitor inicia pela compreensão de unidades menores do texto — como palavras e frases — e só então avança para estruturas mais amplas, como parágrafos e a organização global do texto. Esse processo é conhecido como movimento ascendente (bottom-up). Nesse modelo, o leitor tem a função de descobrir o significado que já está completo e embutido no texto, sem trazer suas próprias interpretações ou experiências para a leitura. A premissa é que todo o significado necessário está contido no texto.

Kato (1990) afirma que essa abordagem utiliza um método linear e indutivo para processar as informações visuais. Isso pressupõe que o leitor analisa e sintetiza as informações começando pelas partes menores e construindo, passo a passo, a compreensão das partes maiores do texto. A autora ainda explica que o leitor idealizado pelo modelo ascendente é aquele que analisa cuidadosamente o visual e que sintetiza o significado das partes menores para obter o significado do texto.

De outra forma, nessa vertente, a leitura é vista como uma atividade técnica e objetiva. O leitor começa identificando letras e palavras, depois frases e, finalmente, compreende o texto como um todo. A compreensão do texto é alcançada através da construção metódica do significado, partindo dos elementos menores para os maiores. Isso implica que a interpretação do leitor é uma reconstrução do sentido preexistente no texto, baseada na análise detalhada e cuidadosa das informações visuais apresentadas. Esse modelo considera que o texto contém todo o significado necessário e que o papel do leitor é apenas decodificar e reconstruir esse significado da forma mais fiel possível.

Marcuschi (2006) argumenta que a leitura deve ir além da simples decodificação de palavras e frases; ela não deve se restringir à extração de informações superficiais do texto. Em vez disso, a leitura deve servir para ampliar o repertório dos leitores e ajudá-los no processo de construção de significados mais profundos e complexos. Isso implica que a leitura é uma atividade ativa e dinâmica, em que os leitores interagem com o texto, trazendo suas próprias experiências, conhecimentos e interpretações para desenvolver uma compreensão mais rica e completa.

Nosso interesse em trabalharmos com a leitura surgiu da realidade observada na instituição em que lecionamos, uma Escola Municipal de Ensino Fundamental na cidade de Nanduba-SP, onde a falta de competência leitora dos alunos é um

problema significativo. De forma mais específica, essa questão também afeta o desempenho dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental dessa escola.

Escolhemos a leitura porque precisamos entender como amenizarmos as dificuldades enfrentadas pelos estudantes, especialmente aqueles que ainda não têm autonomia para responder questões de leitura de textos. Em sala de aula, quando são confrontados com perguntas que exigem uma interpretação mais profunda, como localizar e compreender os significados implícitos, os alunos frequentemente pedem ajuda ao professor sobre como proceder e onde encontrar a resposta dentro do texto.

Além disso, observamos que muitos estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental ainda estão no estágio de decodificação de textos. Esses alunos têm dificuldade em identificar a ideia principal do que leem e, quando precisam expressar suas próprias opiniões sobre o texto, frequentemente produzem respostas superficiais ou simplesmente copiam trechos, sem oferecer uma reflexão pessoal sobre o assunto.

Diante do cenário apresentado, optamos por abordar o trabalho com a leitura através da perspectiva discursiva. Justificamos essa escolha pela necessidade de entendermos e superarmos as dificuldades de leitura dos alunos de maneira mais aprofundada e eficaz.

Assim, nesta dissertação, elaboramos uma proposta didático-pedagógica de leitura com base na perspectiva discursiva. Essa abordagem é fundamentada nos princípios teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, que consideram o discurso como um processo de construção de significados inspirado por contextos sócio-históricos e ideológicos.

Nossa proposta é apoiada pelos trabalhos de Coracini (2010) e Orlandi (1993, 2002), que oferecem respaldo teórico para a compreensão e interpretação dos textos. As autoras discutem como a leitura pode ser mais eficaz quando se explora não apenas o conteúdo explícito dos textos, mas também os discursos e ideologias subjacentes. Diante disso, buscamos desenvolver uma metodologia que permita aos alunos compreenderem melhor os textos e responderem de maneira mais crítica e reflexiva, superando as dificuldades identificadas.

Diante da necessidade de uma orientação para resolvermos o problema identificado, tivemos a oportunidade de ingressar no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Maringá, em 2023. Esse Programa nos ofereceu um valioso conjunto de orientações sobre como combinarmos o conhecimento teórico, discutido no âmbito acadêmico, com as práticas pedagógicas

efetivas em sala de aula. O Profletras nos forneceu ferramentas e estratégias para aplicarmos a teoria de forma prática, ajudando a transformarmos conceitos acadêmicos em métodos de ensino concretos e eficazes, alinhados com as necessidades reais dos alunos.

É interessante observarmos como os trabalhos pedagógicos do Profletras de Sacchi (2020) e Nascimento (2014) destacam os desafios enfrentados ao trabalharmos com práticas de leitura em um contexto em que os alunos estão em constante transformação, e cada vez mais conectados ao mundo virtual. Essa realidade exige a criação de novas metodologias de ensino que promovam aprendizagens ativas e engajamento dos estudantes, especialmente ao abordarmos temas sensíveis como o bullying.

Ao refletirmos sobre um tema relevante para desenvolvermos a nossa proposta, pensamos no bullying no ambiente escolar, um tipo específico de violência dentro da escola, anteriormente considerado apenas como "brincadeira", e agora reconhecido como bullying, um termo em inglês que se tornou amplamente aceito e difundido. De acordo com Dalosto e Alencar (2015), esse fenômeno social pode ser descrito por ações de abuso, que podem incluir agressões físicas, verbais, materiais ou exclusão social, manifestando-se em relações desiguais de poder entre os indivíduos.

O objetivo geral deste trabalho é desenvolvermos, aplicarmos e analisarmos uma proposta didático-pedagógica de leitura baseada na perspectiva discursiva sobre o tema bullying escolar, destinada aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. Para alcançarmos esse objetivo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: a) promover uma proposta didático-pedagógica de leitura pela perspectiva discursiva, a partir de conceitos da Análise de Discurso, explorando os possíveis sentidos dos textos; b) refletir sobre os diversos tipos de bullying e o que causam em suas vítimas, desenvolvendo estratégias de prevenções para identificar e erradicar tais práticas no ambiente escolar; c) analisar os resultados das oficinas e verificar se houve positividade por intermédio das atividades desenvolvidas.

Para alcançarmos tais objetivos, analisaremos as atividades aplicadas nas oficinas para verificarmos se os significados mobilizados pela leitura discursiva estão alinhados aos objetivos de nossa proposta de intervenção didática. Especificamente, buscaremos observar se houve ampliação da percepção dos alunos sobre o bullying escolar e maior tolerância e respeito às diversidades pessoais.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos, além desta Introdução em que apresentamos o tema da pesquisa, os objetivos gerais e específicos, a justificativa para a realização do estudo, bem como a metodologia adotada e a estrutura do trabalho.

O Capítulo 2 – Leitura e Produção de Sentidos traz o referencial teórico que fundamenta a proposta, abordando a leitura sob a perspectiva discursiva, ancorada nos pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa. Discutimos como essa abordagem amplia a compreensão textual, permitindo ao leitor identificar sentidos não explícitos, marcas ideológicas e posicionamentos discursivos presentes nos textos.

O Capítulo 3 – O Bullying no Ambiente Escolar apresenta uma explicação sobre o fenômeno do bullying, com foco no contexto escolar. Abordamos os tipos mais comuns, os impactos na vida dos envolvidos, a forma como o bullying é representado socialmente e como essas representações influenciam a percepção do problema. Também destacamos a legislação que trata do combate a essa prática.

No Capítulo 4 – Metodologia, descrevemos a metodologia utilizada para a elaboração da proposta de leitura com enfoque discursivo. Detalhamos as etapas de aplicação nas oficinas, os critérios para a seleção dos textos e dos gêneros discursivos multimodais, bem como os objetivos das atividades desenvolvidas com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.

O Capítulo 5 – Análise dos Resultados apresenta a análise dos resultados esperados com a aplicação da proposta. Examinamos as contribuições do trabalho para a formação crítica dos estudantes, avaliando se os objetivos foram alcançados, especialmente no que se refere à ampliação da percepção sobre o bullying escolar e à promoção de valores como respeito, empatia e inclusão.

Encerramos a dissertação com as considerações finais, destacando as contribuições do estudo para o campo da linguagem, da educação e para o enfrentamento do bullying no ambiente escolar, seguidas pelas referências bibliográficas que fundamentaram teoricamente a pesquisa.

2. LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

No decorrer dos anos em que atuamos como professora no ensino fundamental, frequentemente falamos sobre a importância da leitura. Por muito tempo, as dificuldades observadas em sala de aula ou relatadas por colegas ou outros profissionais da área em relação ao ensino e à aprendizagem dos estudantes foram justificadas pela ausência dessa prática entre os alunos ou pela afirmação de que eles liam, porém não compreendiam e nem interpretavam corretamente o que estavam lendo.

Compreendemos, à luz da Análise do Discurso, que a trajetória da leitura no campo educacional foi historicamente atravessada por diferentes concepções e práticas, marcadas por condições de produção diversas e por discursos que refletem distintos modos de significar o ato de ler. O conceito de leitura e suas práticas foram influenciados pelos avanços nas teorias dos estudos da linguagem. Nesse sentido, elegemos a leitura como principal foco do nosso trabalho, mais precisamente a leitura sobre a temática bullying escolar.

Neste capítulo, abordaremos os pressupostos teóricos sobre leitura e leitura discursiva, considerando ser necessário compreendermos essa teoria, para um melhor desenvolvimento da prática da leitura em sala de aula.

2.1. Concepções de leitura

A história do ensino de leitura nas escolas brasileiras evidencia que, ao longo do tempo, diferentes concepções de leitura têm atravessado as práticas pedagógicas nas salas de aula. Esses conceitos variam de acordo com as correntes teóricas e as abordagens pedagógicas que influenciam o ensino da língua portuguesa. Neste sentido, é importante destacarmos os principais conceitos que embasam o ensino de leitura, não apenas para compreendermos como eles estão refletidos no material didático, mas também no planejamento das aulas e nas práticas cotidianas dos professores.

A escolha de um conceito adequado para orientar o ensino de leitura exige que consideremos os objetivos pedagógicos que desejamos alcançar, bem como a perspectiva teórica que sustenta essa prática. É fundamental que essa escolha leve

em conta não apenas a capacidade de decodificação, mas também o desenvolvimento da compreensão crítica e da construção de sentidos pelos alunos.

Dessa forma, o ensino da leitura pode ser mais eficaz, pois estará alinhado às realidades e expectativas dos alunos, promovendo uma prática pedagógica que não apenas ensina a decodificação de textos, mas que também incentiva a compreensão crítica e contextualizada (Menegassi; Angelo; Fuza, 2022).

O desenvolvimento das teorias sobre leitura está diretamente ligado à evolução da própria Linguística, que é a ciência dedicada ao estudo da linguagem humana em suas diversas formas, incluindo a fala e a escrita, além de outras manifestações contemporâneas. Inicialmente, os estudos linguísticos se concentravam nas unidades isoladas da língua, como fonemas, sons, palavras e frases. No entanto, com o avanço das pesquisas no campo da ciência da linguagem, surgiram diferentes correntes a partir da Linguística Geral, como o Estruturalismo, o Gerativismo, a Linguística Cognitiva, a Psicolinguística, a Linguística Textual, a Pragmática, o Funcionalismo, as Teorias da Enunciação e a Análise do Discurso. Essas vertentes ampliaram o escopo de investigação, passando a considerar não apenas as estruturas isoladas, mas também o uso e os significados da linguagem em contextos mais amplos (Menegassi; Angelo; Fuza, 2022).

Nesse sentido, buscamos compreender as quatro perspectivas de leitura: a do texto, a do leitor, a interacionista e a discursiva. A primeira abordagem, a do texto, considera a leitura a partir da perspectiva do texto e adota o procedimento ascendente de processamento da leitura. Nesse caso, o leitor constrói o sentido por meio de um processo de extração e captura das informações que o texto contém.

Os estudos sobre a leitura, nesta perspectiva, centram-se nas teorias da decodificação de base estruturalista e, de acordo com esta visão, o conceito de leitura é visto como um processo de decodificação. Nessa abordagem, basta que o leitor saiba reconhecer o código escrito e possa transmiti-lo para o código oral.

Menegassi e Angelo (2005) explicam que ler, nesse caso, é identificar as letras do alfabeto e, a partir disso, formar palavras. Acreditava-se que uma vez realizada essa decodificação, de palavra a palavra, chega-se sem problemas ao conteúdo.

Além desse conceito, surge a ideia de leitura a partir do conhecimento lexical do leitor. Nessa concepção, o importante era conhecer as palavras e arquivá-las na memória para serem usadas durante a compreensão do texto.

Leffa (1999) diz que, nessa perspectiva, a leitura é concebida como um processo de “extração-de-significado” no qual se considera o texto como preciso, exato e completo, ou seja, o significado é simplesmente construído por meio de um processo de extração. Tudo está no texto, mas separado em duas camadas: uma camada profunda, que é o conteúdo a ser acessado pelo leitor, e uma camada superficial, que recobre o conteúdo, mostrando-o com maior ou menor clareza, dependendo justamente de sua transparência.

Essa teoria considera a leitura como um processo de decodificação de letras e sons, através do qual se alcança um significado. Sob essa perspectiva, a leitura é vista como um processo ascendente (“bottom-up” em inglês), fluindo do texto para o leitor. É um processamento orientado pelos dados (“data-driven” em inglês), em que as atividades realizadas pelo leitor são determinadas pelo conteúdo escrito na página. Leffa (1999) afirma que “na medida em que ler é extrair significados, um mesmo texto sempre gera os mesmos significados, pelo menos para leitores com o mesmo nível de competência” (Leffa, 1999, p. 6).

Greco e Lisboa (2019) ressaltam que professor que segue este modelo de ensino elabora suas atividades de maneira que o leitor retire do texto apenas as informações que são necessárias para o entendimento, contudo caso não haja compreensão do que se lê, o leitor é considerado inábil, pois o texto é completo e necessita somente ser aprofundado.

O leitor é considerado apenas como um mero receptor, sendo passivo, e possuindo um estilo mecanizado de leitura, uma vez que os sentidos do texto são determinados pelo autor do texto ou por um leitor autorizado (Perfeito, 2010, p. 14).

Essa leitura de extração de significados está associada à ideia de que o texto tem um significado preciso, exato e completo, que o leitor-minerador pode obter com esforço e persistência. Como o texto contém o significado, esse texto precisa ser apreendido pelo leitor na íntegra (Leffa, 1996, p. 12).

De acordo com Kleiman (2013), o leitor ignora a funcionalidade das palavras no texto e contexto, priorizando seu significado de dicionário. Outro problema é que as avaliações escolares, baseadas nessa teoria, tornam-se descontextualizadas, fragmentadas e sem objetivos significativos para os alunos. A leitura em voz alta é priorizada na sala de aula, e aqueles que conseguem ler com desenvoltura são considerados capazes de compreender o texto sem dificuldades. No entanto, essa

prática de leitura dificulta a concentração e a compreensão do aluno, que se foca mais nas palavras e na pronúncia do que no conteúdo e no sentido do texto.

Acreditava-se que o texto detém todo o significado, sendo completo e não necessitando do leitor para atribuir-lhe sentido. Nessa visão, o texto é visto como algo completo e autoexplicativo, desconsiderando os múltiplos significados que diferentes leitores podem gerar, assim como os diversos sentidos que um único leitor pode empregar ao ler um texto com diferentes objetivos.

Diante desse processo de ascensão da leitura, a visão do leitor exerce uma função primordial para compreensão do texto. Já que o sentido da leitura é vertical, ou seja, vem do texto para o leitor, cabe aos olhos capturarem os sentidos contidos na base textual. Podemos resumir os principais aspectos da perspectiva com foco no texto da seguinte forma: a) o texto era processado em sua totalidade; b) a leitura era vista como um processo passivo, um simples reconhecimento do que o texto apresenta; c) compreendia-se a leitura como cópia de informações textuais; d) priorizava-se a oralização da leitura como mecanismos para o processo de decodificação (Leffa, 1999).

Nessa concepção, o sentido do texto está intrinsecamente ligado às palavras e frases, dependendo exclusivamente do conteúdo textual, sem considerar a participação ativa do leitor. Segundo Greco e Lisboa (2019), essa abordagem recebeu grande crítica, uma vez que parte do princípio de que o texto tem um significado fixo e completo, ignorando a influência e a interpretação individual do leitor.

Ao contrário da perspectiva do texto, a do leitor busca entendermos o que acontece na mente do leitor, que não apenas extrai o sentido do texto, mas também atribui a ele um significado próprio. Diferente da abordagem anterior, este processo é descendente, focando no leitor que, baseado em seu conhecimento, dá sentido ao texto.

Leffa (1999) alerta para a possibilidade de que essa interpretação possa ser uma ilusão de compreensão, já que essa visão de leitura pode distorcer os significados reais do texto. Muitas vezes, o leitor acredita que estão compreendendo o texto corretamente, mas, na verdade, está atribuindo um significado completamente diferente do que o autor pretendia.

O processamento da leitura, nessa perspectiva, é compreendido como a atribuição de significados ao texto. Nele, o sentido é construído de modo descendente

acionado do leitor para o texto, ou seja, o sentido constrói-se em sentido vertical de cima para baixo (Leffa, 1999).

Nessa abordagem, ler é conferir significados ao texto, de forma que o leitor consiga entender e compreender. Desse modo, várias pessoas poderão ler o mesmo texto, porém cada uma terá uma compreensão diferente da outra, pois levamos em conta as suas histórias de leitura, contexto social e suas experiências de vida (Greco; Lisboa, 2019).

Enquanto a perspectiva textual sustenta que a construção do sentido ocorre de modo ascendente (sobe do texto ao leitor), em maneira metaforicamente simples de dizer, a perspectiva do leitor defende que o sentido é construído de modo descendente (em inglês, “top-down”, como se encontra na literatura da área), isto é, vai do leitor ao texto, em uma visão inversa ao processamento ascendente (Menegassi; Angelo, 2005).

Leffa (1999) destaca várias características da perspectiva com foco no leitor: a) o leitor utiliza estratégias para avaliar a sua compreensão, tais como: seleção, predição, inferências e confirmação; b) o leitor assume uma postura ativa durante a leitura e utiliza o mínimo que o texto dispõe, ou seja, usa o maior número de previsões possíveis; c) o processo é mais cognitivo do que visual; d) o leitor precisa dispor de conhecimento linguístico e textual suficiente para compreender o texto.

Greco e Lisboa (2019) explicam que a abordagem descendente coloca o leitor como o centro da leitura, enquanto o texto ocupa um papel secundário. Entretanto, mesmo o leitor exercendo um papel ativo neste processo, essa perspectiva tem recebido vários julgamentos negativos, uma vez que rejeita os aspectos sociais, confia em excesso nas predições, e todas as interpretações de texto levantadas pelo aluno devem ser consideradas corretas. Além disso, o leitor pode construir uma compreensão equivocada do conteúdo abordado, e o fato de se valorizar a leitura do aluno, qualquer interpretação que ele faça, se torna legítima.

A perspectiva do leitor na teoria da leitura repousa basicamente na abordagem psicolinguística da compreensão, com ênfase nos aspectos cognitivos, mais do que afetivos e, principalmente, mais do que sociais. A preocupação maior é descrever a leitura como processo, como algo que acontece na mente do leitor. O leitor passa a ser visto como o soberano absoluto na construção do significado. Como o significado não é extraído, mas atribuído, o leitor tem o poder de atribuir o significado que lhe aprouver.

Se a interpretação do aluno entrar em choque com a interpretação do professor, prevalece a interpretação do aluno, na medida em que ele que é o leitor. A construção do significado é uma questão de foro íntimo, imune a qualquer injunção externa que possa interferir na privacidade e no direito que o leitor tem de interpretar. A compreensão não é ditada por um juiz, autoridade ou academia, mas pela relação que se estabelece entre o texto lido e a experiência vivida por cada leitor. Na medida em que privilegiava o processo sobre o produto, a perspectiva do leitor representa uma evolução sobre a abordagem anterior com ênfase no texto. Na medida, porém, em que ignora os aspectos da injunção social da leitura, consegue ver apenas parte do próprio processo que tenta descrever (Leffa, 1999, p. 15-16).

Incitando essa problemática, desenvolveu-se uma nova perspectiva que combina as teorias anteriores: a interação entre o leitor e o texto. Leffa (1999) explica que essa teoria abrange abordagens psicolinguísticas e sociais. Nesse contexto, a leitura utiliza tanto o processo ascendente, em que o significado é construído a partir do texto, quanto o processo descendente, em que o leitor aplica seu próprio conhecimento e contexto para interpretar o texto.

Esse modelo integrador vê a leitura como um processo dinâmico de interação entre o texto e o leitor, sendo que ambos contribuem para a construção do significado. Ao adotarmos o primeiro processo, consideramos que o leitor não tem total domínio do conteúdo do texto, e aproveitamos do material linguístico oferecido para poder construir o significado do texto (Leffa, 1999).

No processo descendente, o leitor dispõe de conhecimentos prévios e tenta antecipar informações por meio de suas previsões. Em seguida, tenta confirmar essas informações com o intermédio do texto. Há, portanto, uma inter-relação entre o leitor e o texto por meio da localização de inferências. Os conceitos presentes no texto evocam uma cadeia de conhecimentos prévios, que estão presentes na memória do leitor, entre os quais as expectativas, que são a base para o estabelecimento de inferências, para as conexões que conferem coerência e significado ao texto, sempre a partir da interação do leitor com o texto (Menegassi; Angelo, 2005).

Para salientar a concepção interacionista da leitura, Kleiman (2004) reitera a importância da interação à distância entre leitor e autor, via texto. O leitor constrói e não apenas recebe um significado global para o texto, por meio da associação das marcas formais, formulação de hipóteses e outras formas de processamento, enquanto o autor busca a adesão do leitor, apresentando os melhores argumentos, a

evidência mais convincente e as marcas formais mais claras. A autora inda reitera que a interação à distância no processo de leitura diz respeito ao diálogo silencioso que se estabelece entre o leitor e o autor do texto — mesmo que eles não estejam presentes no mesmo tempo ou espaço.

Essa interação não é direta como numa conversa oral, mas acontece por meio do texto, mediado pela linguagem. O leitor, ao ler, procura reconstruir sentidos, argumentos e posicionamentos discursivos deixados pelo autor, ativando seus conhecimentos prévios, o contexto social e histórico.

Kleiman (2004) acredita que o leitor constrói o sentido do texto, ao se utilizar, no momento da leitura, de seus conhecimentos prévios, que são informações ou conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida. O conhecimento prévio compreende o linguístico, o textual e o de mundo ou enciclopédico. O conhecimento linguístico é o conhecimento implícito que faz com que falemos português como falantes nativos e desempenhamos um papel central no processamento do texto, pois sem ele a compreensão não é possível.

A autora ainda ressalta sobre o conhecimento que abrange desde como pronunciar português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua. É importante expormos os alunos às diversidades de gêneros discursivos e tipologias textuais, para que aprimorem seus conhecimentos sobre as estruturas e composições textuais e, com isso, possam compreender e interpretar melhor os textos que lhes forem ofertados (Kleiman, 2004).

Nesse mesmo sentido, Solé (1998) aconselha que o professor utilize estratégias, antes e durante a leitura, para ativar os conhecimentos prévios que os alunos têm internalizados, sendo necessário: a) dar alguma explicação aos alunos sobre o texto que será lido, indicando a sua temática, informar sua estrutura textual, gênero discursivo e/ou tipologia textual, b) ajudar os alunos a prestarem atenção a determinados aspectos do texto, como ilustração que acompanham a escrita, títulos e subtítulos, enumerações, mudanças de letras, palavras-chave e determinadas expressões que possam aparecer no decorrer do texto, c) conduzir os estudantes a explicarem aspectos ou experiências próprias sobre o tema do texto.

A autora ainda explica que, para termos leitores proficientes e críticos, é necessária uma aprendizagem que se baseia no que se discute ou debate. Assim, o

ensino de estratégias de compreensão contribui para dotar os alunos dos recursos necessários para aprender a aprender (Solé, 1998).

Nessa perspectiva, para Kleiman (2002), processarmos o texto é percebermos o exterior, as diferenças individuais superficiais; percebermos a intenção, ou melhor, atribuímos uma intenção ao autor, é chegarmos ao íntimo, à personalidade através da interação. Porém, o processo interativo entre o leitor e o texto não é suficiente para que a compreensão leitora possa ocorrer de forma plena, já que concebermos a leitura apenas como uma atividade cognitiva é desconsiderarmos o fenômeno social e histórico no qual a linguagem forma-se.

Para Menegasssi e Angelo (2005), a leitura também é uma atividade social, em que o significado é construído a partir das verificações das convenções sociais, do domínio das práticas em que os diferentes textos estão inseridos, ou seja, conhecendo-se as circunstâncias e o momento em que são produzidos, por quem são escritos, que o leitor terá condições de se apropriar do sentido e da função do texto.

Coracini (2010) também considera a perspectiva interacionista limitada, uma vez que, por mais que incida elementos fora do texto, não há relevância para os aspectos sociais e históricos que influenciam a leitura e, consequentemente, na compreensão e a interpretação. A autora então propõe que, em sala de aula, o professor deve realizar um trabalho voltado para a concepção discursiva de leitura.

Após estudiosos criticarem as concepções anteriores como ineficazes, começou-se a discutir a necessidade de uma concepção que não apenas aborde o caráter discursivo do texto, mas que também explique a leitura como um fenômeno social, histórico, cultural e ideológico originado da/na linguagem. Essa abordagem considera tanto os aspectos cognitivos quanto os discursivos, divergindo, de certa forma, das teorias linguísticas focadas exclusivamente nos aspectos formais e normativos da língua.

Diante dessa necessidade de compreendermos a leitura como prática social, nasce a perspectiva discursiva, na qual só é possível compreendermos a leitura se observarmos as condições de produção. Nela, o sujeito não é a fonte de sentido, como se discute na concepção centrada no leitor, mas está submerso na ideologia dominante, o discurso se encontra envolvido no processo histórico, social e ideológico e o efeito de sentido produzido pelos locutores, e o texto é a materialização do discurso (Menegassi; Angelo, 2005).

A perspectiva discursiva de leitura utiliza o referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa, desenvolvida por Michel Pêcheux na França, na década de 1960, focando na historicidade do texto. Atualmente, a Análise do Discurso está bem estabelecida como uma disciplina dentro dos estudos linguísticos.

No Brasil, o entendimento sobre o conceito de leitura, dentro do campo da Análise do Discurso, começou a ser amplamente desenvolvido a partir dos estudos de Eni Orlandi, que é uma das principais referências nessa área. Suas pesquisas abriram caminho para que os estudos discursivos, que analisam como o discurso é construído e interpretado, evoluíssem significativamente. Com o tempo, esses estudos passaram por um processo de amadurecimento, no qual novas ideias e abordagens surgiram, e o campo foi se expandindo. Além disso, a Análise do Discurso se reconfigurou, adaptando-se a novas demandas e questões contemporâneas, o que resultou na consolidação dessa área de pesquisa como uma parte fundamental dos estudos da linguagem. Isso garantiu o seu reconhecimento e importância dentro das Ciências Humanas, passando a ocupar um lugar de destaque nas investigações sobre como a linguagem funciona nas interações sociais e nos textos (Menegassi; Angelo; Fuzza, 2022).

Para a Análise do Discurso (AD), os sentidos não estão só nas palavras, mas na relação com o que está fora do texto, nas condições em que eles são produzidos. As condições de produção compreendem, essencialmente, os sujeitos e a situação (o contexto imediato e o contexto sócio-histórico-ideológico) de ocorrência dos enunciados. (Menegassi; Angelo, 2005, p. 36).

A Análise do Discurso se apresenta como uma ruptura com a tradição da Linguística Geral de investigar o produto do fenômeno linguístico, isto é, a língua no tocante a seu sistema interno, separada da historicidade e do sujeito (Menegassi; Angelo; Fuzza, 2022)

O campo de estudo dessa disciplina, como o nome sugere, é o discurso. Segundo Orlandi (2002), o discurso é definido como um efeito de sentidos entre os interlocutores. A autora amplia essa definição ao explicar as condições de produção do discurso em duas vertentes: em sentido estrito, que abrange as circunstâncias imediatas da enunciação (tempo, lugar, interlocutores, imagens recíprocas), e em sentido amplo, que inclui o contexto socio-histórico e o aspecto ideológico.

Orlandi (1993) acredita que a leitura é produzida em condições determinadas, ou seja, em um contexto sócio-histórico que deve ser levado em conta. Autor e leitor,

introduzidos em um contexto sócio-histórico-ideológico, são, portanto, produtores de sentido. A produção de sentidos acontece em situações sempre novas. Logo, não é o texto que define as leituras, mas a posição da qual o sujeito fala. Assim, para o trabalho com leitura em sala de aula, é preciso considerarmos as condições de produção, de recepção e de circulação do texto, visto que essas condições são determinantes para a constituição de sentidos.

Ao analisarmos essa perspectiva centrada nos fatos sociais dos sujeitos, Menegassi e Angelo (2005) destacam que a leitura leva à construção de um interlocutor virtual. Durante a interação com o texto, o leitor faz inferências e cria um outro sujeito com quem se relaciona. Nessa abordagem discursiva, a produção de sentidos ocorre em circunstâncias sempre novas, pois depende do contexto histórico-ideológico em que o leitor e o autor estão inseridos. O texto, portanto, é sempre analisado com base na formação discursiva de um determinado contexto. Uma informação expressa em um contexto sócio-histórico-ideológico específico não será transmitida da mesma maneira em outro contexto. A ressignificação dos sentidos do texto é um processo contínuo, influenciado pelo momento e lugar em que o sujeito se encontra, sua posição social e os objetivos do discurso.

O discurso, ao mesmo tempo em que é produzido por um sujeito, constrói sentidos que representam as posições sociais, históricas e ideológicas desse sujeito. E, provavelmente, a maior contradição do sujeito seja o fato de produzir o discurso e simultaneamente ser constituído por esse discurso.

Dessa forma, Brandão considera

um sujeito social, histórica e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro. Eu sou eu na medida em que interajo com o outro. É o outro que dá a medida do que eu sou. A identidade se constrói nessa relação dinâmica com a alteridade (Brandão, 2009, p. 8).

A leitura pela perspectiva discursiva é concebida como um processo em que atuam dois sujeitos que produzem sentido – o leitor e o autor. Cada um deles se insere num momento sócio-histórico, sendo ideologicamente constituídos, ou seja, cada sujeito é inserido em uma conjuntura social, tomado em lugar social, histórica e ideologicamente marcado. Além disso, ao considerarmos que o texto é lido e produzido por sujeitos inseridos sócio-historicamente em determinada sociedade e que, devido a isso, reflete marcas dessa sociedade, o texto não pode ser lido apenas

como estrutura material, ou seja, somente como parte gramatical da língua. (Greco; Lisboa, 2019).

Brandão (2009) acredita que, para compreendermos o sentido de um discurso, devemos levar em conta o contexto histórico-social, o produtor do discurso, o leitor, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do assunto. Nesse sentido, essas questões devem ser consideradas pelo professor, quando for trabalhar a leitura em sala de aula. É do contexto histórico-social que deriva a pluralidade possível das leituras, porém a leitura não está relacionada apenas com as condições de produção do discurso, mas também com a história de leitura do leitor, com as outras leituras e com o contexto de vida desse leitor.

O mesmo leitor não lê o mesmo texto da mesma maneira em diferentes momentos e em condições distintas de produção de leitura, e o mesmo texto é lido de maneiras diferentes em diferentes épocas, por diferentes leitores. É isso que entendemos quando afirmamos que há uma história de leitura do texto e há uma história de leitura dos leitores. (Orlandi, 2005).

Orlandi (1993) aponta que

Algumas leituras são mais legítimas que outras. Essa legitimação ocorre de maneiras diferentes, de acordo com as várias instituições: na igreja cristã, a leitura legítima está a cargo do teólogo; no Direito, a cargo do jurista etc. Na escola, a legitimação fica a cargo do professor, que retoma, em seu trabalho pedagógico, uma leitura considerada ideal. No entanto, muitas vezes a leitura ideal do professor é fornecida pelo livro didático. A autonomia imediata, nesse caso, é o autor do livro didático adotado que, por sua vez, pode-se ter sua história de leitura (Orlandi, 1993, p. 87).

Entretanto, sabemos que cada leitor possui sua história de leitura, a qual, na maioria das vezes, é diferente da história de leitura do autor do livro didático. Orlandi ainda ressalta que é importante que a escola elabore as atividades de leitura que não só consolide a hegemonia da classe dominante, mas desperte a multiplicidade de sentidos que também exteriorizam a historicidade de outras classes (Greco; Lisboa, 2019).

2.1.2. A Análise do Discurso na perspectiva francesa: conceitos fundamentais

A Análise do Discurso surgiu por volta da década de 1960, a partir dos estudos de Michel Pêcheux, que trouxeram uma nova abordagem ao estudo da Ciência da Linguagem. Antes disso, as discussões sobre língua e linguagem seguiam caminhos diferentes. O estruturalismo, que negava o papel do sujeito e da situação, e a gramática gerativa transformacional (GGT) de Noam Chomsky, que atribuía um valor biológico à linguagem, dominavam os debates linguísticos.

A Análise do Discurso surge então questionando o formalismo estrito da linguagem e a negação da exterioridade. A linguagem passa a ser vista não apenas como um sistema de regras formais, mas como uma prática que atribui valor ao trabalho com o simbólico e à divisão política dos sentidos, reconhecendo que o sentido é dinâmico e instável (Orlandi, 2013).

Orlandi (2013) diz que

Análise do Discurso (AD) é herdeira da Linguística, da Psicanálise e do Marxismo, mas essa relação não se dá como submissão, mas como provocação. Assim, ao propormos o método da AD, confrontando o político com o simbólico, Pêcheux interroga a Linguística quanto sua omissão sobre a historicidade, assim como questiona as Ciências Sociais sobre a transparência da linguagem. Do mesmo modo, interpela o Materialismo Histórico marxista sobre o simbólico e se distancia da Psicanálise quanto a sua forma de tratar a ideologia materialmente relacionada ao inconsciente, mas sem ser absorvida por ele (Orlandi, 2013, p. 20).

Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, correr por, de movimento. O discurso é palavra em movimento, prática de linguagem, e com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (Orlandi, 2013).

Discurso ainda é conceituado na AD como um mecanismo de produção de sentidos sobre a realidade, pois cada pessoa que versa sobre um fato ou acontecimento o faz a partir de percepções, memórias que circulam socialmente. Assim ocorrem polissemias nesse processo, ou seja, deslocamentos de sentidos elaborados a partir de construções histórico- sociais. Pêcheux compreende o sentido como algo regrado pelo espaço e pelo tempo das práticas humanas, descentralizando o conceito de subjetividade e limitando a autonomia do objeto da Linguística (Orlandi, 2013).

Orlandi (2013) explica que

Na Análise do Discurso, procuramos compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas e funcionamentos, Michel Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjettivas”, entendendo-se “subjettivas” não como “que afetam o sujeito”, mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito” (Orlandi, 2013, p. 46).

Essa explicação é importante porque os discursos analisados pela Análise do Discurso não são aleatórios ou meramente casuais, como uma conversa descontraída ou mais informal. Ao contrário, os discursos estudados nessa área carregam uma forte carga ideológica, o que significa que eles estão intimamente ligados a contextos sociais, políticos e históricos. Portanto, o discurso, no âmbito da AD, não é simplesmente uma sequência de palavras ou frases, mas um conjunto de sentidos que reflete e sustenta posições ideológicas e relações de poder dentro de uma sociedade.

A Análise do Discurso se concentra em estudar objetos que refletem, de maneira mais ou menos indireta, as preocupações de uma determinada coletividade em um contexto específico (Maingueneau, 1997, p. 17). Como mencionamos, nesse tipo de pesquisa, buscamos entender o significado da linguagem em situações concretas, ou seja, a forma como a língua é utilizada na prática. Não há uma única teoria ou concepção que defina totalmente o discurso, mas, de forma geral, entendemos que é um “suporte abstrato” que organiza os diferentes textos concretos que circulam em uma sociedade (Gregolin, 1995, p. 17). Isso significa que o discurso fornece a estrutura que sustenta os diversos textos que expressam os sentidos e ideias no âmbito social.

Gregolin (1995) explica que

Na Análise do Discurso (AD), os discursos são vistos como construções sociais que expressam tanto a visão de mundo dos indivíduos que falam (enunciadores) quanto da sociedade à qual esses indivíduos pertencem. Isso significa que, quando uma pessoa fala ou escreve, ela não apenas transmite informações, mas também revela suas crenças, valores e ideologias, sejam elas conscientes ou inconscientes. Esses discursos refletem o lugar que o sujeito ocupa na sociedade e suas relações com o poder, as normas e os padrões culturais. Por exemplo, discursos machistas, racistas ou políticos (de direita ou esquerda) não surgem isoladamente, mas são formados por meio das interações sociais, das relações de poder e das experiências históricas desses indivíduos e grupos. Eles mostram como essas pessoas percebem o mundo e como tentam influenciar a sociedade ao seu redor. Além disso, os discursos têm a capacidade de reforçar ou questionar as normas sociais existentes, ajudando a moldar tanto a identidade individual quanto a

percepção coletiva da realidade. Portanto, o estudo do discurso na AD permite compreendermos como as palavras estão ligadas à estrutura social e como elas contribuem para a construção de relações de poder e ideologias. (Gregolin, 1995, p. 17).

Por esse tipo de estudo, podemos conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (Orlandi, 2013).

Brandão (2004) afirma que

A linguagem é uma atividade exercida entre falantes: entre aquele que fala e aquele que ouve, entre aquele que escreve e aquele que lê. A linguagem é um trabalho desenvolvido pelo homem – só o homem tem a capacidade de se expressar pela linguagem verbal. Nas relações do dia a dia, fazemos um uso (quase) automático da linguagem (por ex., em situações informais como em conversas com amigos, familiares etc.), mas em situações mais complexas (como em entrevista para trabalho, em uma conferência, falando com uma autoridade) exercer, dominar a linguagem é uma atividade trabalhosa, pois exige esforço, o desenvolvimento de um conhecimento linguístico e de conhecimentos extra linguísticos. Isto é, não basta saber a gramática da língua, mas tenho de saber também quem é a pessoa com quem falo ou a quem escrevo, tenho de ajustar a minha linguagem à situação em que estou falando, ao contexto em que o discurso está sendo produzido. (Brandão, 2004, p. 2).

A linguagem não se limita a ser uma simples mensagem que precisa ser decodificada. Ela gera efeitos de sentido que são produzidos sob condições específicas e se revelam de maneiras distintas no ato de comunicação. Esses efeitos são visíveis na forma como a mensagem é expressa e deixam marcas que o analista de discurso deve identificar e compreender. Além disso, os elementos que estão à margem da linguagem e do texto também desempenham um papel significativo, pois fazem parte do discurso e influenciam a interpretação e o significado global (Orlandi, 2007, p. 30).

A linguagem, servindo como uma mediação indispensável entre o indivíduo e seu entorno, é entendida como o espaço onde a ideologia se concretiza. Atuando como um sistema de representação da realidade, a linguagem essencialmente cria um distanciamento entre o objeto representado e o signo que o representa. É

exatamente nesse intervalo, no espaço entre a coisa e sua representação por meio de signos, que se encontra o ideológico (Brandão, 2004, p. 9).

Para Orlandi (1999), não existe discurso sem sujeito, assim como não existe sujeito sem ideologia. É por meio do discurso que conseguimos identificar as ideologias das quais os sujeitos fazem parte, pois os sujeitos de um determinado “grupo” acabam produzindo discursos semelhantes, como exemplo, podemos citar o discurso político de sujeitos que seguem as ideias de direita ou de esquerda, de sujeitos religiosos que seguem uma religião e não outra. As ideologias buscam atuar em determinadas conjunturas, seja para manter ou modificar, e ainda justificam e explicam estilos de vida.

A ideologia é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social (Gregolin, 1995, p. 17).

A Análise do Discurso concentra primordialmente nos efeitos de sentido produzidos por um sujeito durante o ato discursivo, investigando não apenas o que um texto quer dizer, mas como ele produz seu significado. Dessa forma, o sujeito ativa suas memórias discursivas, buscando desvelar sentidos que perpassam o texto e os gestos interpretativos que o constituem. Portanto, o analista deve não apenas explorar o conteúdo do texto, mas também focar nos mecanismos significantes utilizados, considerando sua materialidade própria e significativa e sua espessura semântica (Orlandi, 2007, p. 18).

Segundo Orlandi (2005), o modo como o sujeito se expressa e os sentidos que atribui às palavras estão profundamente conectados à formação discursiva à qual pertence. De acordo com a autora, a formação discursiva é o que nos permite entender como os sentidos são construídos no discurso. Isso significa que as palavras só adquirem seu significado dentro da formação discursiva específica à qual o sujeito pertence. A formação discursiva é composta por um conjunto de regras, crenças e valores que moldam a maneira como o indivíduo interpreta e utiliza a linguagem. Além disso, o lugar social e ideológico que esse sujeito ocupa também influencia o sentido dos enunciados que produz.

Podemos entender que o significado de uma palavra não depende apenas de sua definição no dicionário, mas também do contexto em que é empregada e das

crenças do sujeito que a pronuncia. Para entendermos o que uma palavra realmente significa em um dado discurso, é necessário analisarmos tanto o contexto social e histórico quanto a ideologia do sujeito que a utiliza. Quando um sujeito faz um enunciado, o fato de estar inserido em uma formação discursiva específica, e não em outra, determina o sentido que seu discurso assume.

É por isso que Orlandi (2005) afirma que um enunciado pertence a uma formação discursiva, assim como uma frase pertence a um texto e uma proposição a um conjunto dedutivo. O enunciado produzido pelo sujeito é influenciado diretamente pela ideologia da formação discursiva em que está inserido. Dessa forma, os sentidos dos discursos são definidos pelas formações discursivas, que, por sua vez, representam as formações ideológicas presentes no discurso, ativando então, no sujeito, a sua memória discursiva.

Orlandi (2007), enfatiza que a interpretação de um texto não é um processo isolado, mas está profundamente condicionada pelas experiências prévias do sujeito e por sua trajetória de leituras. Essas experiências moldam sua percepção e compreensão do discurso, permitindo que ele relacione novos conteúdos a saberes já constituídos. Dessa forma, a memória discursiva possibilita ao leitor identificar sentidos implícitos, reconhecer padrões discursivos e compreender os efeitos ideológicos e sociais que o texto pode produzir."

Quando pensamos em memória do discurso, como aponta Courtine (1994), não nos referimos e nem nos reportamos àquela da psicolinguística, da neurociência ou das ciências cognitivas; a memória que nos interessa é a memória social, coletiva, na sua relação com a linguagem e a história.

Coracini (2010) aborda a importância da memória discursiva no contexto da leitura e da interpretação de textos, ao discutir a natureza dos processos de leitura como práticas sociais e discursivas. Segundo a autora, a leitura é um ato discursivo em que os leitores utilizam seus conhecimentos, experiências e os discursos que já circulam na sociedade para atribuir sentido aos textos que leem.

A memória discursiva, nesse sentido, é fundamental, pois é a partir dela que os leitores constroem significados e estabelecem conexões com os textos. A autora ainda argumenta que a leitura não é simplesmente um processo de decodificação de palavras, mas envolve a interação entre o leitor e o texto, mediada pela memória discursiva. Essa interação é influenciada pelos discursos que o leitor já internalizou ao longo de sua vida, os quais moldam sua compreensão e interpretação dos textos.

A autora ainda ressalta que a memória discursiva permite aos leitores que: a) identifiquem referências a outros textos e discursos, compreendendo como um texto dialoga com outros discursos presentes na sociedade; b) situem o texto dentro de um contexto histórico, cultural e social mais amplo, essencial para uma interpretação mais profunda; c) detectem as ideologias e os posicionamentos subjacentes nos textos, possibilitando uma leitura crítica e reflexiva; d) utilizem suas experiências e conhecimentos para atribuir significados aos textos, indo além da simples leitura superficial (Coracini, 2010).

Desse modo, leitura é um processo ativo e dinâmico, em que o leitor é coautor na construção dos sentidos do texto. A memória discursiva, portanto, é um elemento crucial nesse processo, pois é, a partir dela, que o leitor interage com o texto de maneira significativa, crítica e reflexiva.

Ao adotarmos a Análise do Discurso como base teórica para esta pesquisa, é fundamental seguirmos as orientações propostas por Orlandi (2013). Entre elas, destaca-se a recomendação de que o analista de discurso deve estar atento ao funcionamento da ideologia nos textos, evitando assumir uma postura ingênua diante dos efeitos que ela produz. Como ressalta a autora, é necessário reconhecer a opacidade da linguagem — ou seja, compreender que o sentido não é totalmente transparente ou evidente —, considerar o sujeito como descentralizado e atravessado por formações discursivas, e valorizar o efeito metafórico como constitutivo do discurso (Orlandi, 2013, p. 61).

2.1.3. A leitura na perspectiva da Análise do Discurso e a sua importância para a formação do leitor

A prática e a compreensão da leitura são fundamentais para o êxito escolar e o desenvolvimento crítico do aluno, permitindo que ele compreenda melhor os aspectos da sociedade e enfrente seus desafios e contradições. Portanto, incentivarmos a leitura crítica deve ser uma prioridade no ensino para que os estudantes se tornem cidadãos mais engajados na promoção de uma sociedade mais justa. Dessa forma, Silva (1999, p. 47) afirma: “queremos educar e promover um tipo de leitor que não se adapte ou se ajuste inocentemente à realidade existente, mas que, por meio das práticas de leitura, participe ativamente da transformação social.”

Para Silva (1999), o leitor crítico é aquele que, movido por sua intencionalidade, desvela o significado pretendido pelo autor, reage, questiona, problematiza, aprecia com criticidade e não se detém no que o autor escreveu. O autor explica que o leitor se conscientiza de que ler não é simplesmente um ato para reter ou memorizar, mas um ato para compreender, criticar e refletir.

Nesse mesmo sentido, Coracini (2010) propõe caminhos para uma prática pedagógica que reconheça o aluno como sujeito ativo, pensante e crítico no processo de leitura. Para que isso aconteça, o professor precisa adotar estratégias que ultrapassem a leitura superficial do texto, criando situações que desafiem os estudantes a refletirem sobre os sentidos construídos nas diferentes materialidades discursivas. Uma dessas estratégias consiste na comparação de textos diversos que tratam de um mesmo fenômeno ou acontecimento. Ao colocar lado a lado diferentes formas de dizer sobre um mesmo tema, o professor pode conduzir os alunos a observarem as variações nas estruturas formais, nas escolhas linguísticas e nos contextos socioculturais em que cada texto está inserido.

Esse movimento de confronto entre discursos permite ao leitor perceber que o sentido não é fixo ou único, mas construído a partir das condições de produção e da ideologia que atravessa cada enunciação. Assim, essa prática favorece uma leitura crítica, em que o aluno desenvolve a capacidade de identificar posicionamentos, ideologias e efeitos de sentido que se manifestam nos textos.

Isso ajudará os alunos a perceberem que todo texto resulta de uma infinidade de outros textos, assim como o sujeito é constituído por uma infinidade de outros sujeitos. Coracini ressalta que o professor deve adotar uma postura que permita o questionamento das verdades apresentadas em sala de aula como inquestionáveis.

Coracini (2010) afirma que as posturas teóricas que privilegiam o texto como portador de sentido se revelam na escola, em nível consciente ou inconsciente, no tratamento que se dá ao texto em qualquer disciplina curricular: um objeto, uno, completo, que tem um fim em si mesmo. O texto constitui, na escola, o lugar instituído do saber e, por isso mesmo, funciona pedagogicamente como objeto onde se inscreve objetivamente a verdade, que parece atemporal e definitiva, verdade essa a ser decifrada (descoberta) e assimilada pelo aluno, e nisto consiste a aprendizagem que será avaliada em função do maior ou menor grau de assimilação.

A autora ainda explica que nas aulas, principalmente da nossa língua materna, o texto é, na maioria das vezes, usado como pretexto para o estudo da gramática, do

vocabulário ou de outro aspecto da linguagem que o professor (ou o livro didático) reputam como é importante ensinar. Assim, o texto, parte do material didático, perde a sua função essencial de provocar efeitos de sentido no leitor-aluno, para ser apenas o lugar de reconhecimento de unidades e estruturas linguísticas cuja funcionalidade parece prescindir dos sujeitos.

Nas aulas de leitura, o que costuma ser chamado de "entendimento do texto" é, em grande parte, conduzido pelo professor, por meio de perguntas que buscam verificar se os alunos compreenderam as ideias principais ou o que o autor queria transmitir. Essas perguntas geralmente se resumem a solicitações de reconhecimento, em que os alunos precisam encontrar no texto as respostas "corretas", aquelas que o professor ou o livro didático consideram adequadas, muitas vezes sem permitir interpretações mais amplas.

Além disso, o estudo do vocabulário é uma prática constante nessas aulas, mas é frequentemente abordado de uma forma que reforça uma visão de leitura como um processo de decifração de palavras isoladas, como se o texto fosse apenas uma sequência linear de palavras no papel. Essa abordagem faz parecer que o sentido do texto surge apenas da soma dos significados individuais de cada palavra, desconsiderando o contexto mais amplo. Dessa maneira, aprendermos a ler muitas vezes é reduzido a apenas descobrirmos o significado das palavras, pronunciar corretamente e identificar as ideias principais, como se essas ideias já estivessem fixas no texto pela intenção consciente do autor, sem espaço para outras interpretações ou construções de sentido (Coracini, 2010).

Coracini (2010) aponta que, raramente, a prática de sala de aula adota a concepção de leitura como um processo interativo entre leitor e texto ou leitor e autor, considerando explicitamente as marcas deixadas pelo autor como as únicas responsáveis pelos possíveis sentidos. Ainda menos comum é a adoção da concepção discursiva, em que outras interpretações, além da do professor, são permitidas. Frequentemente, a leitura se limita ao livro didático, visto como a única fonte de verdade e conhecimento, o que reflete a dependência do professor em relação a este material como base teórica para suas aulas.

Conforme Silva (1999), a participação no mundo da leitura é uma condição básica para a realização da cidadania, pois torna o sujeito capaz de compreender e atuar na dinâmica do mundo. Para situarmos nos diferentes contextos sociais, é preciso ter diferentes gestos de leitura, os quais devem ser viabilizados pela escola,

pois é na educação que o leitor trilha o caminho da leitura. E esse caminho deve promover leitores questionadores, capazes de acionar os processos aprendidos e praticados na escola para participar conscientemente no contexto social.

Brandão (1999), em relação à leitura, também afirma que

A leitura como exercício de cidadania exige um leitor privilegiado, de aguçada criticidade, que, num movimento cooperativo, mobilizando seus conhecimentos (linguístico, textual e de mundo), seja capaz de preencher os vazios do texto; que não se limite à busca das intenções do autor, mas construa a significação global do texto percorrendo as pistas, as indicações nele colocadas que seja capaz de ultrapassar os limites pontuais de um texto e incorporá-lo reflexivamente no seu universo de conhecimento de forma a levá-lo a melhor compreender o mundo e seu semelhante. Cabe à escola o desafio da formação desse leitor (Brandão, 1994, p. 90).

É importante considerarmos, conforme destacado por Silva (1999), que a leitura é sempre uma tentativa de compreendermos a si mesmo como um ser inserido na história. Por isso, a leitura deve ser uma prática constante em todas as áreas do conhecimento, especialmente na disciplina de Língua Portuguesa, que é um de seus eixos estruturantes, conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018).

Antunes (2003) ressalta três pontos essenciais relacionados à prática de leitura: favorece a ampliação dos repertórios de informação do leitor, possibilita a experiência do prazer estético e promove a ampliação da competência discursiva da língua. Para alcançarmos esses benefícios, é necessário deixarmos para trás a crença de que o processo de ensino-aprendizagem se resume apenas à transmissão de conhecimento.

Na perspectiva da Análise do Discurso, o texto é entendido como "uma unidade complexa de significação, levando em conta as condições em que ele foi produzido" (Orlandi, 1988, p. 17). Isso significa que, ao analisarmos um texto, o foco deve ser em como ele constrói seus significados, em vez de simplesmente buscarmos o que ele significa. Em outras palavras, a Análise do Discurso não se limita a identificarmos o conteúdo literal do texto, mas busca entendermos os processos pelos quais os sentidos são formados e como esses significados estão ligados ao contexto em que o texto foi criado. Dessa forma, a AD tenta desvendar os mecanismos que permitem que o texto, enquanto um objeto simbólico, adquira e comunique seus múltiplos significados.

Esses mecanismos fazem com que cada personagem expresse, em seu

próprio discurso, pontos de vista que estão alinhados com suas condições e experiências dentro das relações sociais e históricas em que estão inseridos. Ou seja, o discurso de cada personagem reflete o contexto social e histórico que eles vivem, influenciando diretamente suas falas e atitudes.

Dessa forma, o leitor, ao se deparar com essas diferentes posições, é levado a participar de uma prática social mais ampla, em que há uma disputa entre diferentes papéis e identidades dos sujeitos. Essa interação entre diferentes perspectivas permite que o leitor ativamente interprete e construa significados para o texto, ao invés de apenas absorver uma interpretação pronta, mergulhando em um processo dinâmico de produção de sentido (Menegassi; Angelo; Fuza, 2022).

Nesse sentido, a leitura visa refletir sobre a sociedade. Um aspecto crucial é o contexto em que o texto está inserido, assim como o conhecimento de mundo do leitor. Portanto, “não se lê, apenas a palavra escrita, mas também o próprio mundo que nos cerca” (Leffa, 1996, p. 9).

Para finalizar este capítulo, salientamos que o trabalho com a leitura discursiva e a Análise do Discurso na temática bullying no ambiente escolar pode possibilitar uma compreensão mais profunda e crítica dos discursos que circulam na sociedade e que podem reforçar ou desafiar as práticas de bullying. Essa abordagem permite que os alunos examinem como os textos literários, notícias e outros tipos de discursos apresentam e lidam com o bullying. Ao analisarmos um texto, os alunos podem ser orientados a identificarem e discutirem as formas de poder e resistência presentes no texto, como certas vozes são silenciadas ou marginalizadas e quais ideologias subjacentes sustentam essas práticas.

Dessa forma, a Análise do Discurso ajuda a revelarmos as dinâmicas sociais e culturais que influenciam o bullying, promovendo uma reflexão crítica e a conscientização sobre como essas práticas podem ser combatidas e transformadas. Isso não apenas enriquece a compreensão dos alunos sobre o tema, mas também os capacita a reconhecerem e questionarem as estruturas de poder e opressão em diferentes contextos discursivos.

Essa abordagem permite que os educandos desenvolvam uma consciência reflexiva sobre como o bullying é representado e perpetuado na mídia, na literatura e nas interações cotidianas. Ao compreendermos as dinâmicas discursivas que sustentam as palavras do bullying, os estudantes são capacitados a questionarem e

desafiarem essas práticas em suas próprias vidas, promovendo uma nova dinâmica de cultura escolar.

3. O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR

Nesta proposta de leitura discursiva, trabalhamos sobre o tema bullying no contexto escolar. Neste capítulo, buscamos refletir sobre os aspectos que consideramos relevantes para abordarmos as principais questões relacionadas ao tema, bem como os discursos e as narrativas sobre bullying podem ser compreendidos e desafiados por meio de uma abordagem crítica, destacando a importância de considerarmos as influências sociais, culturais e ideológicas que permeiam essas práticas. Ao fazermos isso, pretendemos fornecer uma base sólida para entendermos o bullying por meio da perspectiva discursiva, capacitando alunos e educadores a promoverem um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso.

3.1 Tipos comuns de bullying

Bullying é um comportamento agressivo e repetitivo que envolve um desequilíbrio de poder ou força. No contexto escolar, o bullying pode se manifestar de diversas formas, como agressão física, verbal, psicológica ou mesmo cibernética (cyberbullying). As ações de bullying são intencionais e causam sofrimento à vítima, podendo incluir xingamentos, humilhações, intimidações, exclusão social, disseminação de boatos, agressões físicas e danos a pertences pessoais.

O bullying ocorre em contextos interacionais dinâmicos e pode envolver as crianças de diferentes maneiras, fazendo com que essas assumam papéis diferenciados em relação à postura adotada perante este fato. Assim, surgem muitos papéis de participação no bullying escolar, dentre os quais há as vítimas, os agressores, as vítimas-agressoras e os espectadores. Contudo, cada um desses papéis ainda pode se subdividir em perfis, segundo as características que os tipificam (Salmivalli, 1996).

O fenômeno bullying se diferencia de outras agressões pela persistência e intencionalidade, além de possuir três aspectos marcantes no que diz respeito a sua caracterização: o ato agressivo não resulta de uma provocação; não é ocasional; e é relevante a desigualdade de poder entre alunos agressores e vítimas (Raimundo; Seixas, 2009).

Além disso, Rocha, Costa e Neto (2013) também destacam que, para ser considerado bullying, a agressão deve ocorrer entre pares e que, apesar do fenômeno ser caracterizado como uma agressão, nem toda a agressão é classificada como bullying. Para ser dada como tal, a agressão física ou moral deve apresentar quatro características: intenção do autor em ferir o alvo; repetição da agressão; presença de público espectador; e concordância do alvo com relação à ofensa.

O bullying é considerado como tal quando apresenta elementos de repetição, provocação de prejuízos e desigualdade de poder entre o opressor e a vítima. Através do reconhecimento dessas características podemos identificarmos o bullying como direto e indireto, subdividindo-o em pelo menos quatro tipos diferentes sendo eles: o social ou relacional, verbal ou físico e cyberbullying. (Lopes Neto, 2005).

De forma direta, podemos citar os tipos de agressão física e verbal. A agressão física envolve socos, chutes, pontapés, empurrões, que geralmente diminuem com a idade, e podem incluir, no ambiente escolar, roubos de lanches e materiais escolares. Esse comportamento agressivo também pode ser observado em adultos, em ambientes diversos, mesmo que com pouca frequência, uma vez que normalmente quem age como agressor nessas situações são pessoas arrogantes que possuem habilidade de persuadir a vítima, ridicularizando a mesma e promovendo sofrimento (Pedra; Fante, 2008).

O bullying verbal, segundo Berger (2007), consiste em insultos e atribuições de apelidos humilhantes praticados pelo agressor contra a vítima, e é muito comum nas escolas, e evolui em agressões físicas com o avanço da idade.

De forma indireta, podemos ressaltar o bullying psicológico, que pode levar a vítima à depressão e ansiedade; e o bullying virtual, também conhecido como cyberbullying, caracterizado por ataques verbais e psicológicos pelas redes sociais.

Berger (2007) também destaca que o cyberbullying vem ganhando mais espaço ultimamente, afetando o relacionamento social da vítima, e é o mais prejudicial, pois a faixa etária da maioria dos casos é na adolescência, momento em que o jovem está em busca de uma “aprovação social”.

O bullying, muitas vezes, acaba sendo confundido como uma brincadeira, pois geralmente os agressores são sutis, e assimilam a crueldade praticada com uma brincadeira normal. As vítimas geralmente são escolhidas por acaso, muitas vezes são os mais tímidos, inseguros, isolados e que não se encaixam nos padrões convencionais de “beleza” ou “econômicos”. Mas, o padrão inverso também pode

gerar motivo para esse tipo de violência ser praticado, uma vez que, crianças e adolescentes são “ridicularizados” também por serem inteligentes ou possuírem algum objeto que demonstre nível socioeconômico maior que os demais, e acaba gerando inveja nos colegas de sala. (Maldonado, 2011).

As vítimas geralmente constituem o grupo dos alunos mais novos, têm poucos amigos, são passivos, retraídos, infelizes, pouco sociáveis, inseguros, sofrem com a vergonha, medo, depressão, ansiedade e são desesperançados quanto à possibilidade de adequação ao grupo (Matos, 2001).

Em contrapartida, o perfil dos agressores muitas vezes é hiperativo, têm dificuldades de atenção, menor inteligência, desempenho escolar deficiente, são os principais responsáveis por levarem armas à escola, são tipicamente populares e veem sua agressividade como qualidade, podendo mostrar-se agressivos inclusive com os adultos (Lopes Neto, 2005).

Esse comportamento agressivo na infância traz como consequências problemas nos relacionamentos afetivos e sociais, dificuldades em respeitar as leis, menor autocontrole e aumento da probabilidade de se tornarem pessoas mais agressivas ou agressores envolvidos em criminalidade (Pereira, 2002).

Contudo, em qualquer esfera de participação no bullying, essas atitudes de abuso de poder podem acarretar problemas graves no desenvolvimento dessas crianças e adolescentes que se refletirão até mesmo na vida adulta e tornam-se extremamente necessárias maiores investigações sobre como esse fenômeno acontece e quais os perfis dos participantes do bullying escolar, principalmente em comunidades de risco, nas quais crianças e adolescentes estão em contato direto com formas violentas de resolver conflitos. Sabemos que a probabilidade de envolvimento nesse tipo de comportamento cresce consideravelmente quando aumentam os fatores de risco que afetam as crianças e adolescentes (SPENCE; MATOS, 2000).

3.1.2 O bullying no ambiente escolar

O bullying no ambiente escolar é uma das práticas mais comuns entre crianças e adolescentes pois a escola se configura como um ponto de encontro diário entre eles. Nos últimos anos, tem sido cada vez mais recorrente, pois é na escola onde geralmente encontram-se todas as diferenças reunidas em um só lugar, um ambiente

onde há conflitos diários, sejam eles pela diversidade de forma de ensino, valores familiares distintos, culturais, étnicos e religiosos etc. (D'aurea; Paula, 2009).

Nesse cenário comumente acontecem violências voltadas a professores, funcionários e alunos, pois no bullying a intenção é prejudicar e humilhar as vítimas, e o agressor busca sempre uma vítima que não reage, e com isso se sente mais forte para continuar com a prática, persistindo por um determinado tempo (Berger, 2007).

Abordarmos esta temática em sala de aula de modo que faça o estudante refletir e conhecer os diversos tipos de bullying, objetivando a conscientização não só no ambiente escolar, mas sim em todo o seu entorno social para que possa conhecer e refletir sobre as suas práticas não só enquanto estudante, mas também enquanto cidadão social.

O avanço do bullying atualmente reflete as mudanças na sociedade que afetam a maneira como é perpetrado e percebido. Com o advento da tecnologia e das mídias sociais, o bullying pode ocorrer não apenas no ambiente físico escolar, mas também online. O cyberbullying, que envolve o uso de dispositivos eletrônicos para intimidar, assediar ou humilhar, tornou-se uma forma comum de bullying na era digital. O ambiente online permite que os agressores permaneçam anônimos ou usem identidades falsas, tornando mais difícil identificar e responsabilizar os perpetradores. Isso pode levar a uma sensação de impunidade e encorajar comportamentos agressivos não só dentro como fora dos muros escolares.

Estudo realizado por Mason (2008) aponta que, a cada 10 (dez) estudantes, pelo menos 8 (oito) possuem acesso à internet além dos muros escolares e, com isso aumentam as agressões (cyberbullying) para as vítimas, significando que sua casa não é mais um refúgio. Para as vítimas, o recurso da internet pode levar a também se tornarem agressores, como forma de se vingar do transtorno que sofre, seja físico ou psicologicamente no ambiente escolar. Há relatos de casos em que o agressor, que pode ter sido potencialmente uma vítima em algum momento de sua vida, invade e-mails alheios e a partir deles cria situações de difamação e constrangimento, acarretando problemas para os donos do endereço eletrônico (Fante; Pedra, 2008).

Por meio de artigos que revelam dados reais, buscamos mostrar para o estudante quão significativa e relevante é esta pesquisa realizada por Mason (2008), pois ela aborda que a maioria dos jovens já sofreu algum tipo de bullying em sua vida escolar, e muitos deles não tiveram coragem de falar para os pais e nem de denunciar o agressor, tendo então que conviver com esta angústia por vários anos de suas vidas.

A escola assume importante papel nas dinâmicas de bullying, podendo ser percebida pelos alunos vítimas como rede de apoio, ou como espaço de violação de direitos. A lei nacional n.º 13.185/2015 favorece que a instituição de ensino seja percebida como local de proteção, pois causa impacto profundo nas relações sociais e coloca os gestores de ensino no compromisso do enfrentamento e prevenção ao bullying (Mesquita, 2017).

A naturalização do bullying oferece a sensação de que nenhuma providência cabe frente aos atos agressivos, circunstância que ocorre a partir do fato de muitos educadores desconhecerem o fenômeno, pois o assunto não é discutido no período de formação, o que dificulta a realização de intervenções adequadas (Silva; Rosa, 2013). Logo, o combate ao bullying deve estar previsto nos programas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação, e ser trabalhado nos cursos de licenciatura (Trevisol; Campos, 2016).

Dada à complexidade do problema, gestores públicos começaram a se preocupar com a demanda e reconheceram a importância de desenvolver políticas públicas para abordar o tema bullying escolar. A legislação brasileira, tanto nacional quanto estadual, passou a tratar do assunto, propondo programas de combate ao bullying, além de medidas de conscientização e prevenção nas escolas.

Cantini (2004) afirma que a escola desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento social de crianças e adolescentes. Constitui-se em um espaço de convivência e aprendizagem, oportunizando a socialização de jovens na cultura ocidental moderna. A escola proporciona a experiência de relações de hierarquia, vivências de igualdade e convívio com as diferenças, que, dentre outras, terão influência estruturante na formação do indivíduo. Lisboa e Koller (2003) ainda complementam que dessa forma, não pode ser considerada apenas como um espaço destinado à aprendizagem formal ou ao desenvolvimento cognitivo.

Conforme Lisboa (2005), as interações que ocorrem no contexto escolar são caracterizadas pela forte atividade social. É nesse ambiente que as crianças e os adolescentes têm a oportunidade de expandir sua rede de interações e relações para além da família, desenvolvendo autonomia, independência e aumentando sua percepção de pertencer ao contexto social.

As habilidades sociais, juntamente com as características de personalidade, contribuem para determinar a forma com que o indivíduo se relaciona com seus pares,

e tal aprendizagem serve como um treinamento para o convívio em sociedade (Cantini, 2004).

Contudo, as ações interventivas na escola podem se dar a partir da implementação de cultura de paz, propondo modificações que alcançam a estrutura social, econômica e jurídica, e também valores pessoais e o modo de vida das pessoas. A promoção da cultura de paz, ao trabalharmos questões relacionadas à afetividade e ao respeito à diversidade, contribui para o crescimento da pessoa e permite maior respeito em relação às diferenças (Feizi, 2003).

3.1.3. A legislação contra o bullying

Países como Estados Unidos e Noruega possuem leis que exigem que as escolas implementem políticas de prevenção e intervenção contra o bullying. Tais leis recomendam que as escolas tenham políticas anti-bullying claras e eficazes, e estabelecem procedimentos para relatar e investigar os agressores sobre quaisquer incidentes de bullying.

Em muitos casos, o bullying é motivado por preconceito ou discriminação com base em características como raça, etnia, gênero, orientação sexual, religião ou deficiência. Portanto, as leis anti-discriminação podem ser aplicadas para combater o bullying quando é motivado por esses tipos de preconceito.

No contexto nacional, identificamos três legislações referentes ao bullying escolar, sendo todas de natureza informativa, duas de natureza preventiva e uma nova lei de natureza punitiva. A Lei n.º 13.185/2015 institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) e tem origem no Projeto de Lei n.º 5.369/2009. De natureza preventiva, nos seus objetivos, constam ações de intervenção e prevenção a todos os tipos de violência.

A Lei n.º 13.277/2016 institui o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola. De natureza informativa, apresenta uma data de combate ao fenômeno. A Lei n.º 13.663/2018, de natureza preventiva, altera a Lei n.º 9.394/96 (LDBEN), incluindo nos deveres da escola, a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz.

As leis estaduais de natureza preventiva apresentam ações de intervenção e prevenção que, associadas ao contexto social e familiar, favorecem reflexões sobre o fenômeno e permitem que os envolvidos trabalhem valores pessoais. Oito estados brasileiros instituíram Programa de Combate ao Bullying e seis estados implementaram Medidas de Conscientização e Prevenção à Prática do Bullying. Nessas leis, prevalecem as ações: de capacitação dos docentes e da equipe pedagógica para implementação das ações de prevenção (14 legislações estaduais); e de orientação da família sobre como proceder diante da prática do bullying e o seu envolvimento no processo de soluções de conflito (08 estados).

Outras ações aparecem em menor incidência, como a inclusão de normas de prevenção ao bullying no projeto político pedagógico (leis n.º 9.297/2010 - MA, 3.887/2010 - MS, 9.724/2012 - MT, 13.995/2009 - PE); no regimento escolar (leis n.º 14.754/2010 - CE, 9.297/2010 - MA, 3.887/2010 - MS e 10.943/2017 - PB; e a criação de uma unidade interdisciplinar para a promoção de atividades de orientação e prevenção (leis n.º 1.527/2011 - AP, 14.754/2010 - CE, 9.297/2010 - MA, 3.887/2010 - MS e 17.355/2012 - PR).

Começou ser punitiva, no Brasil, a Lei Federal Lei nº 14.811/2024, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que inclui os crimes de bullying e cyberbullying no Código Penal, responsabilizando os pais em caso de menores, pelos atos cometidos pelos seus filhos.

Pela leitura do novo dispositivo legal, percebemos que, no crime de bullying e cyberbullying, a conduta de intimidação exercitada contra a vítima (que pode ser uma violência física ou psicológica) deve ser sistemática, ou seja, não pode ser uma conduta eventual (apenas um ato), podendo, ainda, ser praticada, individualmente ou em grupo.

Para a prática do crime de bullying e cyberbullying, também não é necessária uma motivação evidente a prática da conduta delituosa, podendo o ilícito se dar por atos de intimidação, de humilhação ou de discriminação ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais.

Segundo o novo Art. 167-A do Código Penal, a pena prevista para o crime de bullying não é privativa de liberdade, mas pena de multa, se não constituir crime mais grave. Isso significa que o crime de bullying foi tipificado como um crime de menor potencial ofensivo, devendo ser processado e julgado no Juizado Especial Criminal.

Já se o crime for praticado pela internet (rede social, aplicativos, jogos on-line ou por qualquer outro meio ou ambiente virtual, ou transmitida em tempo real), será tipificado como cyberbullying. Nesse caso, a pena passa a ser de reclusão de 2 a 4 anos, e multa, se a conduta não constituir crime mais grave. O processo e julgamento do crime de cyberbullying ocorrerá em uma Vara Penal e não no Juizado Especial Criminal.

Ao trabalharmos com a lei do bullying em sala de aula, envolvemos uma abordagem multidimensional, focada tanto na prevenção quanto na intervenção, estabelecendo o conhecimento de normas e regras, perante a legislação, promovendo a cultura do respeito e empatia, procurando criar um ambiente seguro para denúncias e que faça o educando perceber que o bullying é um crime e quem o pratica pode ser penalizado.

3.1.4. As consequências do bullying em números

A depressão é um transtorno psicológico que pode surgir em qualquer idade, mas, na infância e na adolescência, que são períodos particularmente sensíveis para o seu desenvolvimento, o bullying desempenha uma forte influência nesse contexto. Nessas etapas, o ambiente escolar é central para a vida dos jovens, onde a interação social é intensa, mas nem sempre positiva.

A exposição contínua ao bullying pode levar a sentimentos de tristeza, desesperança e isolamento, impactando negativamente a saúde mental e dificultando o desenvolvimento emocional saudável. Estudos, como os de Costa (2011), Burochovith e Santos (2008) Ferreira e Fonseca (2005), indicam que a prevalência de sintomas depressivos entre jovens é elevada. De acordo com Burochovith e Santos (2008), essa alta incidência está fortemente associada ao ambiente escolar, onde crianças e adolescentes passam a maior parte do seu tempo e podem ser frequentemente expostos ao bullying.

Esses estudos demonstram que crianças e adolescentes que sofrem bullying têm um risco aumentado de apresentar sintomas de depressão, os quais podem perdurar até a vida adulta. Esse vínculo sugere a importância de intervenções no ambiente escolar para prevenir o bullying e promover o bem-estar emocional, visando minimizar os efeitos adversos dessa experiência sobre a saúde mental dos jovens.

Tenaglia (2008) descreve que

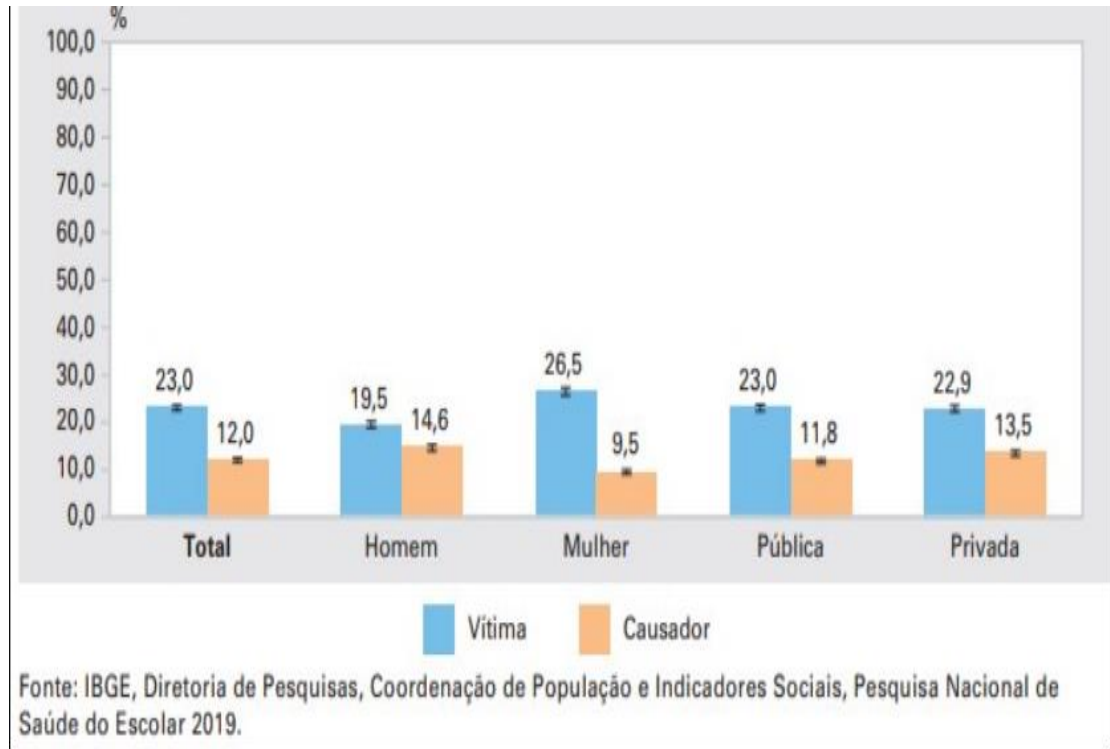
A depressão causada pelo bullying gera uma variedade de sintomas emocionais, cognitivos e físicos que afetam profundamente a vida diária. Entre esses sintomas, destacam-se a ansiedade constante, um sentimento persistente de angústia e irritabilidade, bem como uma tristeza intensa e contínua. A pessoa pode perder o interesse por atividades que antes lhe traziam prazer, enfrentar dificuldades para tomar decisões e sentir-se indiferente em relação ao que ocorre ao seu redor. Além disso, sentimento de culpa e de inutilidade são comuns, contribuindo para uma visão negativa de si mesmo. Problemas de concentração podem surgir, dificultando a realização de tarefas cotidianas. No aspecto físico, é frequente queixas de dores, como dores de cabeça, musculares, desconforto no estômago e uma sensação de aperto no peito, sem causas médicas aparentes. Alterações no sono também são típicas, podendo variar entre insônia e sono excessivo (hipersonia), assim como mudanças no apetite, que levam ao ganho ou perda de peso. Nos casos mais graves, surgem pensamentos suicidas, incluindo a elaboração de planos ou tentativas de tirar a própria vida, indicando a gravidade do quadro e a necessidade urgente de apoio e tratamento (Tenaglia, 2018, p. 28).

De acordo com dados da pesquisa realizada no ano de 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o bullying é um problema frequente nas escolas brasileiras e afeta uma parcela considerável dos estudantes. O levantamento mais recente da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE), realizada em 2021, revelou que uma quantidade significativa de jovens entre 13 e 17 anos relataram terem sido vítima de bullying e cyberbullying, com índices mais altos no ensino fundamental. Esse tipo de violência pode incluir insultos, exclusão social, agressões físicas e cyberbullying, e é um fator de risco importante para o desenvolvimento de problemas de saúde mental, como depressão, ansiedade e baixa autoestima.

Os estudantes que enfrentam bullying apresentam maior propensão a faltas escolares, dificuldades de desempenho e comportamentos autodestrutivos, evidenciando a urgência de políticas públicas e programas educativos que promovam um ambiente escolar mais seguro e acolhedor. Esses dados revelam o impacto negativo do bullying como mostramos abaixo e ressalta a necessidade de um olhar atento e de intervenções eficazes para proteger o bem-estar dos jovens.

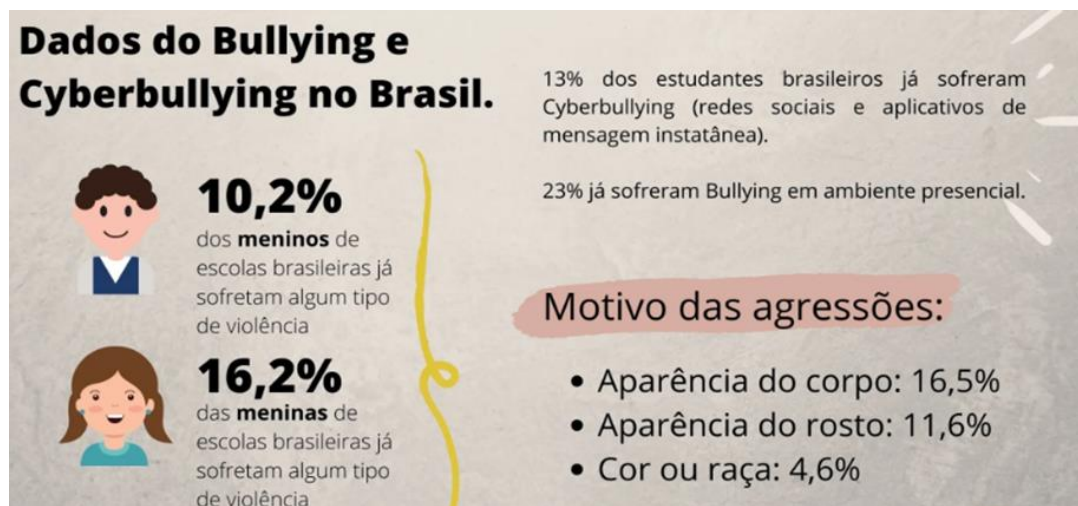
Quadro 1: Percentual de estudantes de 13 a 17 anos, com indicação de intervalo de confiança de 95% por posição assumida na efetivação de sofrerem bullying, segundo o sexo e a dependência administrativa da escola- Brasil 2019.

IMAGEM 1: PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE ESCOLAR



Quadro 2: Dados da pesquisa realizada pelo PENSE- 2021 sobre o bullying e o cyberbullying no Brasil.

IMAGEM 2: BULLYING E CYBERBULLYING NO BRASIL



Fonte: IBGE- Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE-2021).

No Brasil, estima-se que um em cada dez estudantes é frequentemente vítima de bullying nas escolas, conforme dados publicados, em 2015, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Esse relatório, que faz parte do terceiro volume do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), examina detalhadamente o bem-estar dos alunos nas escolas, o documento analisa aspectos emocionais e sociais que afetam a experiência escolar, como o bullying e o apoio educacional.

A pesquisa foi realizada com mais de 540 mil estudantes de 15 anos, representando, por meio de uma amostra, cerca de 29 milhões de alunos de 72 países. Essa ampla base de dados oferece uma visão abrangente das condições que influenciam o desenvolvimento e a saúde mental dos jovens em diferentes sistemas educacionais, destacando a importância de ambientes escolares seguros e de apoio ao bem-estar geral dos estudantes.

Quadro 3: Resultados da pesquisa realizada pela OCDE- 2015 referente ao bullying.

IMAGEM 3: PERCENTUAL: SITUAÇÃO DA QUAL É VÍTIMA

Percentual	Situação da qual é vítima
17,5%	Sofrem alguma forma de <i>bullying</i> algumas vezes por mês
7,8%	São excluídos pelos colegas
9,3%	São alvos de piadas
4,1%	São ameaçados
3,2%	São empurrados e agredidos fisicamente
5,3%	Colegas pegam e destroem suas coisas
7,9%	São alvos de rumores maldosos
9%	Foram classificados no estudo como vítimas frequentes de <i>bullying</i> estando no topo do indicador de agressões e mais expostos a essa situação.

Fonte: OCDE, Gráfico III.8.2 - ¹

¹ Exposição dos estudantes ao bullying: resultados baseados nos auto-relatos dos alunos e no índice de exposição ao bullying, in Resultados do PISA 2015 (Volume III): Bem-estar dos Alunos, PISA, Publicação da OCDE, Paris, <https://doi.org/10.1787/9789264273856-graph38-en>.

Ainda segundo dados da OCDE, o percentual de estudantes no Brasil que relataram sentirem-se solitários na escola foi superado apenas pelos índices registrados nas Filipinas, onde 28% dos alunos relataram solidão, seguidos pela Turquia com a mesma porcentagem. El Salvador e Chile também apresentaram percentuais elevados, com 27% dos estudantes reportando essa sensação, apenas alguns décimos acima do Brasil. Em contraste, a média de estudantes que se sentem solitários entre os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é de 16%, evidenciando que a solidão escolar é um problema mais acentuado em alguns países como mostramos no quadro abaixo.

Quadro 4: Resultado da pesquisa realizada pela OCDE -PISA 2022. Países em que os estudantes se sentem mais solitários na escola.

IMAGEM 4: PAÍSES EM QUE OS ESTUDANTES SE SENTEM MAIS SOLITÁRIOS NA ESCOLA.

Países	Total (%)
Filipinas	28
Turquia	28
El Salvador	27
Chile	27
Brasil	27
República Dominicana	26
Jamaica	26
Panamá	26
Marrocos	25
México	25
Guatemala	25
Brunei Darussalam	24
Camboja	24
Paraguai	23
Moldávia	22
Jordânia	22

Fonte: PISA 2022. ²

² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/12/05/pisa-2022-brasil-esta-entre-paises-com-mais-estudantes-que-se-sentem-solitarios-na-escola-11percent-relatam-bullying-frequente.ghtml>

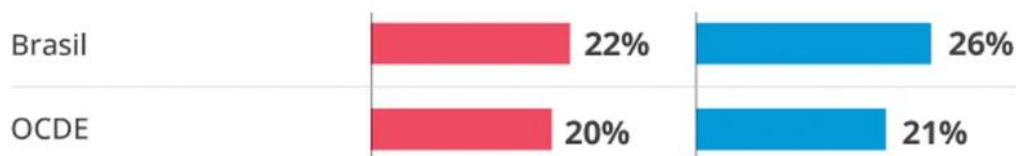
Os dados do gráfico abaixo revelam que, no Brasil, a exposição de meninos e meninas ao bullying nas escolas é significativamente mais alta em comparação com a média dos países da OCDE. Esse alto índice de bullying entre estudantes brasileiros destaca uma preocupação em relação ao ambiente escolar e os efeitos nocivos que esse tipo de violência pode ter sobre o desenvolvimento emocional, social e acadêmico dos jovens. Em comparação com os índices dos países da OCDE, onde as taxas de bullying são consideravelmente menores, esses dados sugerem a urgência de políticas e programas voltados para a conscientização, prevenção e combate ao bullying nas escolas brasileiras, visando a criação de espaços mais seguros e inclusivos para todos os estudantes.

Quadro 5: Dados da OCDE que comparam a exposição de meninos e meninas brasileiras ao bullying em relação a outros países

IMAGEM 5: EXPOSIÇÃO AO BULLYING

Exposição ao bullying entre estudantes na faixa de 15 anos de idade

**DIZEM SER ALVO
DE BULLYING PELO
MENOS ALGUMAS
VEZES NO MÊS**



Fonte: PISA 2022.³

³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/12/05/pisa-2022-brasil-esta-entre-paises-com-mais-estudantes-que-se-sentem-solitarios-na-escola-11percent-relatam-bullying-frequente.ghtml>

4. METODOLOGIA

A proposta didático-pedagógica deste trabalho tem como objetivo central explorar a leitura discursiva a partir da temática do bullying escolar, possibilitando aos alunos uma reflexão crítica sobre esse fenômeno presente no cotidiano educacional. Neste capítulo, apresentaremos de forma detalhada como essa proposta será colocada em prática.

Inicialmente, abordaremos a metodologia adotada, explicando os fundamentos teóricos que sustentam a proposta e o contexto em que ela foi desenvolvida – incluindo o perfil dos alunos envolvidos, a série escolar, o número de participantes, o tempo de aplicação e os objetivos de aprendizagem previstos. Essa contextualização é essencial para compreender os objetivos pedagógicos das atividades.

Na sequência, descreveremos, passo a passo, como cada atividade será realizada durante as oficinas. Isso inclui a seleção dos textos e gêneros discursivos multimodais (como notícias, vídeos, músicas, entre outros), os critérios utilizados para a escolha desse material e a organização das etapas de leitura e produção. Também detalharemos os recursos didáticos utilizados — como materiais impressos, cartazes, formulários digitais e recursos audiovisuais — e as estratégias pedagógicas que visam favorecer o engajamento dos alunos, estimulando a construção coletiva de sentidos e o desenvolvimento de uma postura crítica diante dos discursos analisados.

Essa explicação cuidadosa permitirá que outros professores e pesquisadores compreendam a estrutura da proposta, podendo adaptá-la e aplicá-la em contextos semelhantes. A intenção é que a prática pedagógica aqui apresentada contribua não apenas para o combate ao bullying, mas também para a formação de leitores mais conscientes, capazes de interpretar os textos em suas múltiplas camadas de sentido.

4.1. Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa é de natureza propositiva e foi norteadada pelo Conselho de Ética da Universidade Estadual de Maringá, por meio do parecer de número 6.560.846.

Nesta pesquisa, utilizamos um método qualitativo, buscando explorar a leitura sob a ótica da leitura discursiva, com a temática bullying escolar como eixo central. O nosso intuito é refletirmos sobre o bullying no ambiente escolar, visando ampliar essa

perspectiva e promovermos maior respeito e tolerância dentro e fora dos muros escolares.

Inseridos na Linguística Aplicada, neste trabalho buscamos explorar a leitura por meio de um projeto didático-pedagógico. Esta pesquisa tem como base teórico-metodológica a leitura discursiva sob a perspectiva da Análise de Discurso, a partir das autoras Coracini (2010) e Orlandi (1993; 2002).

A pesquisa foi realizada em uma escola localizada no interior do estado de São Paulo, que atende cerca de 300 alunos e funciona nos períodos da manhã e da tarde. Durante o turno da manhã, a escola é frequentada exclusivamente por estudantes que residem na zona urbana. No período da tarde, no entanto, a maior parte dos alunos vem da zona rural, enquanto uma pequena parcela é oriunda da área urbana. Esse cenário escolar reflete a diversidade socioeconômica e cultural da região, com diferenças nas vivências e nos contextos de vida dos alunos que frequentam cada turno.

Por ser uma cidade pequena de aproximadamente 5.000 habitantes, temos apenas uma escola de ensino fundamental II, sendo de rede municipal. A cidade não possui nenhuma escola particular, e todos os alunos, tanto da zona urbana quanto da zona rural, frequentam a mesma escola.

Ao refletirmos sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos do 7º ano do ensino fundamental, decidimos desenvolvermos um trabalho voltado para a leitura, considerando sua importância para o progresso do estudante, tanto na escola quanto na sociedade.

Na turma do 7º ano, a maioria dos alunos não possuem uma rotina de leitura, sendo leitores apenas das mídias digitais, como Facebook, Instagram e jogos. Muitos alunos só leem os textos que lhes são ofertados durante as aulas. Além disso, há uma certa dificuldade na interpretação dos textos, pois, muitas vezes, durante a leitura, os alunos não conseguem compreender aquilo que se lê, muito menos a multiplicidade de sentidos e os discursos que permeiam os textos.

Em relação à temática a ser trabalhada - o bullying escolar - primeiramente, a escola procura abordar o problema de forma que envolva toda a comunidade escolar, procurando mostrar ao aluno que o bullying pode manifestar-se de diversas formas, como verbal, físico, social e cibernético, e suas consequências podem ser devastadoras para o bem-estar e o desempenho acadêmico dos alunos.

Além disso, a sala escolhida para o desenvolvimento do projeto é composta por 30 alunos. Essa turma tem maior número de registro de ocorrências escolares relacionadas ao bullying, sendo de maior quantidade relacionado o bullying verbal. A grande reclamação dos colegas de sala são os apelidos, o preconceito e falta de respeito dos pares. Embora a escola já tenha implementado algumas intervenções, como reuniões com os pais para tentar conter o bullying, observamos que essas medidas não têm sido eficazes. A razão é que falta um trabalho mais estruturado e contínuo que aborde o tema de maneira profunda, permitindo que os alunos compreendam plenamente o que é o bullying e tenham acesso a informações que os levem a refletir e reavaliar suas atitudes, tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Silva (2010) alerta que a escola precisa estar atenta aos meios narrativos dos autores violentos, não apenas no contexto físico, mas ainda, no âmbito virtual, pois podem afetar toda a dinâmica social da comunidade escolar.

A prevenção do bullying nas escolas deve ser uma preocupação constante de todos os envolvidos na educação das novas gerações. Isso contribui para a criação de um ambiente pedagógico colaborativo, em que as aprendizagens ocorrem de forma integrada. Uma abordagem eficaz inclui a conscientização sobre os diferentes tipos de agressões e a promoção de discussões abertas, como rodas de diálogo sobre o tema. Essa estratégia envolve a divulgação de informações, reflexão sobre o problema e o ensino aos alunos sobre como identificarem e denunciarem comportamentos de bullying. Além disso, devemos fomentar o desenvolvimento de habilidades sociais importantes, como a alteridade e a empatia, para que os estudantes possam interagir de maneira mais respeitosa e solidária (Silva, 2010).

Os alunos precisam perceber a importância de se trabalhar sobre o bullying de várias maneiras, para entenderem o impacto significativo que esse problema pode ter em suas vidas e no ambiente escolar. Acreditamos que é essencial discutirmos o bullying escolar para reavaliarmos as percepções e imagens associadas a esse problema. Esse trabalho visa aumentar o conhecimento dos alunos sobre o bullying escolar, promovendo maior tolerância e empatia entre eles.

Para desenvolvermos a nossa proposta didático-pedagógica escolhemos textos que visam atender as necessidades da hipermodernidade em que vivemos, contemplando também os novos letramentos, especialmente os digitais (Brasil, 2018, p. 69).

A importância de trabalharmos com multiletramentos, conforme Rojo (2012), é fundamental para abordarmos as necessidades e desafios contemporâneos da educação em um mundo cada vez mais globalizado e tecnologicamente avançado. A autora ainda destaca que o conceito de multiletramentos se refere à habilidade de compreendermos e produzirmos significados em uma variedade de contextos culturais e linguísticos, utilizando diferentes modos de comunicação, incluindo textos escritos, visuais, sonoros e multimodais (ROJO, 2012).

Para evidenciarmos a apropriação dos multiletramentos e demandarmos novas estratégias para o trabalho com leitura e escrita, é fundamental explorarmos textos de diferentes gêneros multimodais. O repertório proposto inclui mapa mental, Padlet, vídeo, entrevista e paródia. Cada uma dessas ferramentas oferece oportunidades únicas para desenvolvermos habilidades de leitura de maneira inovadora e envolvente.

As atividades serão desenvolvidas por meio de um trabalho propositivo, organizado em uma sequência de oficinas de leitura, que exploram textos de diversos gêneros para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. Divididas em oito oficinas, as atividades começarão considerando as histórias de leitura dos alunos como ponto de partida. Elas abordarão imagens da sociedade, aspectos sócio-históricos e a realidade do bullying escolar. O objetivo final é ampliar a compreensão dos alunos sobre as principais consequências do bullying.

Assim, esta proposta didático-pedagógica de leitura foi desenvolvida para promovermos o avanço da aprendizagem de maneira progressiva, utilizando uma ampla variedade de textos de diferentes gêneros discursivos que abordam a temática bullying escolar.

A seguir, apresentamos detalhadamente a estrutura da proposta didático-pedagógica de leitura, que é composta por oito oficinas.

Quadro 6: Proposição para a proposta didático-pedagógica de leitura.

OFICINAS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
1ª Oficina: Conhecendo o tema.	1º Roda de conversa. Pré-leitura sobre o tema por intermédio de questões que instiguem os alunos a falarem o que sabem sobre o tema. 2º Leitura e atividade de compreensão textual: Um em cada 10 estudantes já foram ofendidos nas redes sociais. ⁴	Trabalhar a fase de pré-leitura referente ao tema, abordando o assunto de maneira lúdica, de forma que os alunos possam ir expondo o que sabem sobre o assunto.
2ª Oficina: Você conhece os tipos de bullying?	Pesquisa na sala de informática sobre os diversos tipos de bullying.	Conhecer os tipos de bullying existentes para perceberem se já sofreram algum deles.
3ª Oficina: Produção de Padlet. https://pt-br.padlet.com/	Explicação da plataforma online Padlet. Criar um mural online para os alunos exporem a sua pesquisa dos tipos de bullying existentes, de forma que toda a comunidade escolar possa ter acesso.	Compreender o uso da plataforma online Padlet. Produzir escrita na plataforma Padlet.

⁴ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-09/ibge-um-em-cada-dez-estudantes-ja-foi-ofendido-nas-redes-sociais>.

4ª Oficina: Produção de mapa mental.	Realização de um mapa mental em formato de cartaz para exposição no mural escolar, sobre os tipos de bullying.	Observar os tipos de bullying existentes e quais são os mais comuns no ambiente escolar.
5ª Oficina: Entrevista via google forms.	Entrevistarmos colegas de outras salas, via google forms, para que seja de forma anônima, deixando o aluno mais confortável para responderem perguntas referentes ao bullying escolar.	Compreender a composição do gênero entrevista. Observar o gráfico com as porcentagens das respostas dos alunos referentes às perguntas respondidas. Analisar e interpretar os dados coletados para compreender melhor as percepções dos estudantes sobre o assunto.
6ª Oficina: Vídeo Valorize a vida! https://www.youtube.com/watch?v=JBqav_oNg_nY	Assistirmos ao vídeo para que possamos observar a fala da personagem e o quanto o bullying foi prejudicial em sua vida acadêmica.	Trabalhar a conscientização e a empatia tanto dentro como fora da escola.
7ª Oficina: Roda de conversa.	Roda de conversa referente ao vídeo assistido na oficina anterior visando a percepção dos estudantes sobre as consequências que o	Perceber as reais consequências do bullying e como podem se defender de um agressor.

	bullying pode gerar na vítima.	
8ª Oficina: Paródia.	Características do gênero paródia. Discussão sobre as condições de produção. Escolha da música para criação.	Atividade de produção. Produzir uma paródia sobre o tema bullying.
Apresentação de fechamento.	Apresentação da paródia para as demais turmas da escola no pátio escolar.	Expor o trabalho desenvolvido pela turma.

Fonte: a autora

5. ANÁLISE DA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Neste capítulo, apresentamos a análise de nossa proposta didático-pedagógica de leitura, discutindo os resultados de sua elaboração à luz da Análise de Discurso de linha francesa. A temática do bullying escolar serve como eixo central, com o objetivo de analisar criticamente não apenas sua inserção no contexto escolar, mas também os modos de sua representação nas dinâmicas socioculturais mais amplas.

Com base nos conceitos de Coracini (2010) e Orlandi (1993, 2002), a leitura discursiva do tema bullying escolar enfatiza a compreensão do indivíduo a partir da linguagem e dos discursos que o constituem. As autoras, ao abordarem questões de identidade, subjetividade e discurso, destacam que o indivíduo é constantemente construído e reconstruído por meio das interações sociais e dos discursos em que está inserido.

No contexto do bullying escolar, essa perspectiva permite ver o agressor e a vítima como posições discursivas, ou seja, posições de sujeito que são ocupadas conforme os discursos em circulação nas relações sociais. Em outras palavras, quem é visto como agressor ou vítima não é uma característica intrínseca da pessoa, mas algo que emerge das relações de poder, das trocas simbólicas e dos significados atribuídos a essas figuras dentro do espaço escolar.

Coracini (2010) aborda como os discursos hegemônicos, aqueles que detêm maior poder e influência, moldam a formação das identidades. No contexto do bullying, discursos que reforçam a agressão, a exclusão ou a desigualdade podem alimentar esses comportamentos e perpetuar práticas de violência simbólica nas escolas. No entanto, a noção de "normalidade" e "anormalidade" é construída por meio dos discursos, sendo o bullying frequentemente associado a uma tentativa de controle ou exclusão de quem não se ajusta aos padrões impostos pelos discursos dominantes.

Procuramos promover, por meio das atividades aplicadas, mais respeito e tolerância frente às diferentes formas de ser e conviver em nossa comunidade. A partir da leitura, é possível compreendermos o bullying como um fenômeno social complexo, que envolve não apenas agressões físicas ou verbais, mas também a circulação de discursos que constroem e reforçam identidades e hierarquias sociais dentro e fora da escola. A leitura também estimula o pensamento crítico, especialmente quando os textos apresentam diferentes pontos de vista ou problemáticas sociais, o que incentiva a reflexão, a argumentação e a interpretação. Além disso, ao entrar em contato com

diferentes textos, os alunos ampliam seu conhecimento relacionado às suas histórias de leitura, compreendendo novas perspectivas e experiências. Esse processo também os ajuda a desenvolver empatia, pois os incentiva a se colocarem no lugar do outro e a refletirem sobre diferentes realidades e pontos de vista.

Ao explorarmos os gêneros discursivos nas aulas de Língua Portuguesa, a prática da leitura assume um papel fundamental para auxiliar os alunos a compreenderem não apenas as características estruturais e linguísticas de cada gênero, mas também os contextos sociais, históricos e culturais em que esses textos são produzidos e interpretados. A partir da perspectiva da Análise do Discurso, essa abordagem permite que os estudantes analisem os sentidos que emergem dos textos, considerando as relações de poder, ideologias e posições de sujeito que estão presentes em cada produção textual.

Dessa forma, os alunos não apenas aprendem a produzir textos adequados a diferentes contextos, mas também desenvolvem uma leitura crítica, que os capacita a reconhecer os discursos que circulam na sociedade e a refletir sobre os efeitos desses discursos em suas próprias práticas e visões de mundo.

O propósito central de trabalharmos com a leitura discursiva nesta proposta é possibilitarmos aos alunos uma análise crítica dos sentidos produzidos pelos textos e discursos que circulam no ambiente escolar e na sociedade. Por meio dessa abordagem, buscamos ir além da simples decodificação textual, promovendo reflexões sobre os aspectos ideológicos, históricos e sociais que constituem os discursos relacionados ao bullying. Assim, os alunos serão incentivados a compreenderem como as palavras e os sentidos atuam na construção de posições de sujeito e na manutenção ou desconstrução de práticas de exclusão e preconceito.

Este capítulo será organizado em oficinas que compõem a proposta pedagógica, cada uma voltada para trabalharmos a leitura discursiva e crítica. As atividades foram planejadas para estimular, nos alunos, o desenvolvimento de habilidades de interpretação e reflexão acerca do bullying escolar. A divisão será realizada da seguinte forma:

Conhecendo o tema: introdução ao tema do bullying, destacando a importância de compreender os discursos que legitimam ou condenam essas práticas, para uma leitura inicial das implicações sociais do fenômeno.

Você conhece os tipos de bullying? Exploração dos diferentes tipos de bullying (físico, verbal, psicológico, virtual) por meio de pesquisas, levando os alunos a refletirem sobre os discursos que caracterizam e perpetuam essas práticas.

Produção escrita no suporte Padlet: utilização do Padlet como ferramenta interativa para registrar reflexões sobre o bullying, promovendo uma construção coletiva de sentidos a partir dos textos analisados.

Produção de mapa mental: construção de mapas mentais para organizar os conceitos e discursos sobre bullying, auxiliando na compreensão da relação entre diferentes perspectivas abordadas.

Entrevista via *Google Forms*: realização de uma pesquisa para coletar os discursos dos próprios estudantes sobre o bullying, ampliando a leitura crítica da realidade escolar e social.

Vídeo: Valorize a vida!: exibição de um vídeo sobre bullying e suas consequências emocionais, seguido de uma análise discursiva das mensagens transmitidas, incentivando a leitura crítica do material.

Roda de conversa: espaço para que os alunos compartilhem suas experiências e opiniões sobre o bullying, analisando os discursos que emergem e promovendo empatia, respeito e inclusão.

Produção de paródias: criação de paródias que desconstruam discursos de exclusão e violência, incentivando os alunos a construírem discursos que promovam o respeito e a aceitação das diferenças.

Por meio dessas oficinas, buscamos proporcionar uma prática pedagógica que explore os múltiplos sentidos da leitura, contribuindo para a formação de leitores críticos e cidadãos conscientes, capazes de identificar e transformar discursos que perpetuam o bullying no ambiente escolar e na sociedade.

5.1. Oficina 1: Conhecendo do tema

Nesta primeira oficina, buscamos explorar a roda de conversa, que é uma metodologia eficaz para abordarmos questões complexas e sensíveis como o bullying escolar, pois cria um espaço democrático e colaborativo em que os participantes podem compartilhar experiências, interpretações e visões de mundo. Essa abordagem

valoriza a troca de conhecimento, permitindo que todos contribuam a partir de suas vivências, o que enriquece a compreensão coletiva sobre o tema trabalhado.

Durante a conversa, ao ouvirmos relatos pessoais e perspectivas variadas, os participantes são levados a refletir de maneira crítica sobre as raízes do bullying, suas consequências e formas de enfrentamento. Além disso, a interação promove o reconhecimento da pluralidade de opiniões, essencial para compreendermos a complexidade social, cultural e emocional que envolve o problema.

Essa prática também é fundamental para o desenvolvimento de habilidades importantes. A escuta ativa, por exemplo, é estimulada à medida em que os participantes se empenham em compreenderem os pontos de vista alheios, cultivando empatia e respeito. Ao mesmo tempo, a argumentação é fortalecida, logo cada pessoa é incentivada a organizar seus pensamentos e apresentar suas ideias de forma clara e fundamentada.

Tais habilidades, quando aplicadas ao contexto do bullying, ajudam a criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo, tanto no grupo participante quanto em espaços como o ambiente escolar. A dinâmica ainda estimula a construção de soluções coletivas, já que a troca de ideias amplia o repertório de estratégias para lidar com o bullying, destacando a importância de ações preventivas e educativas. Assim, a roda de conversa não apenas sensibiliza para o tema, mas também empodera os participantes a agirem como agentes de mudança em suas comunidades.

Orlandi (1993) defende que o discurso é um lugar de produção de sentidos, em que a língua e as condições de produção (históricas, sociais e ideológicas) influenciam a forma como entendemos e significamos o mundo ao nosso redor. Aplicada ao bullying, essa visão permite analisarmos não apenas como um ato isolado de violência, mas uma prática discursiva que reflete e reforça relações de poder, exclusão e dominação no ambiente escolar e na sociedade.

O conhecimento sobre o bullying, sob essa ótica, possibilita identificarmos como certos grupos ou indivíduos são marginalizados, como essas práticas são legitimadas no discurso cotidiano e como a sociedade, por meio da linguagem, pode naturalizar ou combater essas formas de agressão. Portanto, compreendermos o bullying pela leitura discursiva ajuda a desvendarmos os mecanismos linguísticos que perpetuam o fenômeno e a criar espaços de resistência e transformação através da conscientização e da reeducação discursiva.

Nesse sentido, a primeira atividade sendo a roda de conversa tem como intuito despertarmos a curiosidade do aluno, incentivando-os a explorarem o tema de forma ativa e reflexiva. Por meio de questionamentos, buscamos engajar o estudante, estimulando sua capacidade de investigação e promovendo uma conexão mais profunda com o conteúdo. Essa abordagem inicial visa também fomentar a autonomia no processo de aprendizagem, fazendo com que o aluno se sinta motivado a buscar respostas, interpretar informações e construir seu próprio conhecimento de maneira crítica e participativa.

Após realizarmos a roda de conversa com os alunos sobre o tema bullying, consolidamos aprendizados importantes que ajudaram a turma a refletir sobre suas próprias atitudes e a importância de um ambiente escolar mais acolhedor. Durante a atividade, os participantes compartilharam experiências pessoais, discutiram sobre o que sabiam do tema, reconheceram sinais que poderiam identificar uma vítima e propuseram formas de agir diante dessas situações. Essa troca de ideias permitiu que todos compreendessem melhor o impacto negativo do bullying na vida das pessoas e a necessidade de prevenir sua ocorrência.

Como próximos passos, sugerimos ações que reforçassem os valores discutidos. Propusemos, como exemplo, a criação de um código de convivência em sala de aula que pode ser elaborado coletivamente, em que os alunos poderiam registrar normas de respeito e inclusão. Também incentivamos atividades práticas, como dramatizações de situações de bullying, que ajudaram os alunos a se colocarem no lugar do outro e a desenvolverem empatia. Projetos como campanhas antiviolação e murais informativos foram idealizados para sensibilizar toda a comunidade escolar e reforçar as mensagens discutidas na roda de conversa.

Mantivemos o diálogo aberto, garantindo que os alunos soubessem que poderiam confiar nos professores e colegas caso enfrentassem ou presenciassem situações de bullying. Além disso, sugerimos oficinas periódicas focadas no desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a empatia e a resolução de conflitos, que ajudam a turma a construir relacionamentos mais saudáveis. A equipe escolar também se propôs a monitorar mais atentamente o ambiente, observando sinais de possíveis vítimas ou agressores e promovendo ações preventivas.

Após a roda de conversa, lemos com os alunos o texto "*Um em cada 10 estudantes já foram ofendidos nas redes sociais*", o que aprofundou a discussão ao trazer dados concretos sobre o impacto do bullying virtual, ou cyberbullying. A leitura

serviu para conscientizar os estudantes sobre como as agressões nas redes sociais podem ser tão prejudiciais quanto aquelas presenciais, destacando a rapidez com que essas ofensas se espalham e a dificuldade de apagá-las. Isso ampliou o entendimento dos alunos sobre as formas de bullying, conectando o tema à realidade digital que muitos vivenciam diariamente.

Durante a leitura e a conversa sobre o texto subsequente, os alunos refletiram sobre como o anonimato e a distância nas redes sociais podem incentivar comportamentos agressivos e também reconheceram que as consequências para as vítimas são profundas, incluindo isolamento, ansiedade e baixa autoestima. Esse momento foi importante para reforçar que todos têm responsabilidade no uso consciente das redes sociais, seja ao evitar comentários negativos, seja ao denunciar atitudes de bullying virtual.

Essa integração entre roda de conversa e leitura sobre o tema do cyberbullying ampliou a conscientização dos estudantes, oferecendo ferramentas práticas para criar tanto no ambiente físico quanto no digital uma convivência mais saudável, ética e respeitosa.

Considerações sobre o texto lido

1. O que é bullying, de acordo com o texto?

Bullying é um ato verbal que acaba com a autoestima das pessoas e pode trazer consequências graves para a vítima. (aluno P.M.)

2. Quais formas de bullying foram descritas no texto?

Verbal, físico e cyberbullying. (aluna K.)

3. Quem são as principais vítimas do bullying, segundo o texto?

Os mais fracos que apresentam alguma característica fora do “padrão” imposto pela sociedade. (aluna T.)

4. Que consequências o bullying pode causar, tanto para as vítimas quanto para os agressores?

Para a vítima, sofrimento, depressão e ansiedade; e para o agressor, nada, mas deveria ser preso ao meu ver. (aluno P.B.)

5. *Em sua opinião, por que algumas pessoas praticam bullying?*

Pelo simples fato de quererem ser melhor que os outros. (aluno R.)

6. *Como o texto sugere que o bullying pode ser prevenido ou combatido?*

Denunciando e todos fazendo o seu papel. (aluna Y.)

7. *Qual é o papel dos colegas de classe (espectadores) em situações de bullying?*

Todos precisam agir juntos para combater. (aluno O.)

8. *Qual foi a parte mais impactante do texto para você? Por quê?*

Todo o texto, pois percebi o quanto as vítimas sofrem. (aluna A.)

9. *Como os professores, pais e alunos podem trabalhar juntos para prevenir o bullying?*

Fazendo palestras na escola, os pais corrigindo em casa e ouvindo os filhos sempre com atenção. (aluno V.)

10. *O que podemos fazer, como grupo, para criar um ambiente mais acolhedor na escola?*

Sabermos ouvir uns aos outros, tendo empatia e ajudando em situações de bullying. (aluno M.)

11. *Você acha que o texto oferece soluções viáveis para o bullying? Explique sua resposta.*

Sim, pois conta de forma simples como as pessoas sofrem por não estarem enquadradas em grupos “populares” na escola. (aluna B.)

Fonte: a autora

Observamos, pelas respostas dos alunos, que eles são capazes de identificar a temática do texto, que aborda o bullying e as diversas maneiras pelas quais essa prática interfere no desenvolvimento do adolescente. Sob a ótica da Análise do

Discurso, essa atividade não apenas promove a compreensão literal do texto, mas também a reflexão sobre os sentidos construídos discursivamente.

A partir dessas questões, os alunos são convidados a identificar as vozes presentes no texto, os posicionamentos ideológicos subjacentes e como o discurso sobre o bullying é produzido e reproduzido na sociedade. Esse estudo permitiu que os estudantes percebessem como o bullying é apresentado e interpretado por diferentes sujeitos sociais, além de explorarem como os significados são moldados pelas condições históricas e sociais em que o discurso é efetuado.

A forma como o discurso é organizado reflete a interação entre diferentes áreas de significados. Em outras palavras, embora um texto possa sugerir significados específicos, durante a interação ele pode ser interpretado de maneiras variadas, já que a textualização do discurso ocorre com lacunas (ORLANDI, 2012, p. 94).

A resposta ao questionário, portanto, não se restringe à identificação de informações explícitas no texto, mas incentiva uma leitura em que os alunos pudessem questionar as formações imaginárias, as relações de poder envolvidas e o impacto dessas representações na forma como o bullying é compreendido e tratado na escola e na sociedade.

5.2. Oficina 2: Você conhece os tipos de bullying?

Na segunda oficina, o foco está na realização de uma pesquisa para aprofundar o entendimento dos estudantes sobre o tema em questão. O objetivo é incentivarmos os alunos a aplicarem métodos de investigação de forma crítica e reflexiva, permitindo que eles explorem o bullying de diferentes perspectivas. Nesse processo, trabalhamos para desenvolver habilidades essenciais, como análise, interpretação e produção de conhecimento, utilizando fontes de pesquisa online variadas. Além disso, buscamos estimular uma postura mais investigativa e autônoma, capacitando os alunos a avaliarem as informações de maneira crítica e a construírem uma compreensão mais fundamentada e abrangente sobre o tema.

Além disso, a oficina visa criar um espaço de troca de ideias, onde os alunos possam explorar múltiplas perspectivas e reconhecer diferentes discursos. Ao final, observamos que os participantes conseguiram articular suas descobertas de maneira

crítica, contribuindo para uma compreensão mais profunda e multidimensional do objeto de pesquisa.

Sob a ótica da leitura discursiva, com base nos conceitos de Coracini (2010) e Orlandi (1993), pesquisar os tipos de bullying é crucial para compreendermos como os sentidos sobre essa prática são construídos, disseminados e interpretados pelos diferentes sujeitos e instâncias sociais. A leitura dos diversos tipos de bullying – físico, verbal, psicológico ou virtual – revela as condições de produção e circulação dos discursos que naturalizam ou contestam essas formas de violência. Nesse processo de leitura, o foco não está apenas no conteúdo explícito, mas também nas condições de produção, nas vozes silenciadas e nos mecanismos discursivos que estruturam as relações de poder e exclusão.

Assim, ao explorarmos esses textos, o leitor é convidado a desvelar os sentidos ideológicos que sustentam o bullying e os seus conceitos, entendendo como ele se articula em práticas sociais e escolares, e a questionar as representações que legitimam ou desafiam esses comportamentos. Esse movimento crítico da leitura discursiva possibilita uma interpretação mais aprofundada e consciente, favorecendo intervenções que visem a transformação social e a promoção de uma convivência mais inclusiva e respeitosa.

Após a pesquisa referente aos tipos de bullying, realizamos uma atividade de interação oral em que os alunos puderam apresentar os resultados de suas investigações, compartilhando as conclusões de forma resumida e destacando o que pesquisaram sobre o tema. Durante essa atividade, os alunos tiveram a oportunidade de fomentar discussões relevantes relacionadas às suas pesquisas. Além disso, a prática da comunicação é uma parte fundamental, permitindo que os alunos desenvolvam suas habilidades de oratória e recebam feedback construtivo de seus colegas.

5.3. Oficina 3: Produção de Padlet

Nesta terceira oficina, são propostas atividades com gêneros discursivos diversos, com o objetivo de enriquecer o aprendizado dos alunos e estimular a expressão criativa. Ao todo são três atividades que apresentam informações sobre o tema, para que ao final possam realizar a produção escrita no mural digital Padlet.

O uso do Padlet, uma plataforma digital colaborativa, foi fundamental para que os estudantes pudessem compartilhar suas produções de forma interativa e visual, além de permitir que desenvolvessem suas habilidades digitais, tornando-os mais familiarizados com ferramentas tecnológicas, que são cada vez mais relevantes no mundo contemporâneo. Ao explorarem diferentes gêneros discursivos, os alunos puderam aprimorar sua capacidade de adaptação à linguagem e ao formato adequado para cada tipo de texto, reforçando a importância da versatilidade na comunicação.

Para início de conversa, os alunos analisaram os dados referentes ao gráfico retirado do jornal *Correio Braziliense* e, por meio desses gráficos, perceberam a quantidade de casos de bullying relatados em um determinado período. Além de interpretarem os números apresentados visualmente, os alunos também realizaram uma leitura discursiva dos gráficos, ou seja, foram além da simples leitura dos dados e buscaram entender os discursos subjacentes, as possíveis causas e os impactos sociais dessa violência.

Os alunos analisaram como o bullying está inserido em um contexto mais amplo, relacionando as estatísticas a fatores sociais, culturais e psicológicos, a influência das redes sociais, o papel da família, bem como as condições emocionais de vítimas e agressores. Com isso, a leitura discursiva permitiu uma compreensão mais crítica e profunda do problema, indo além dos números para considerar como a linguagem visual e textual usada no gráfico apresentado abaixo reflete e reforça ou até mesmo minimiza a gravidade do bullying. Assim, essa abordagem ajudou os alunos a questionarem não apenas o que os dados mostram, mas também o que eles podem estar deixando de evidenciar sobre a complexidade do fenômeno.

IMAGEM 6: BULLYING NO TOPO DOS CASOS DE VIOLÊNCIA

Bullying no topo dos casos de violência

No ano passado, a Secretaria de Segurança Pública coletou a opinião dos gestores de 368^{as} escolas públicas do DF para uma pesquisa qualitativa sobre violência nas instituições de ensino. O levantamento mostrou que as ocorrências mais recorrentes são:



Fonte: Correio Braziliense⁵

Após os alunos realizarem a primeira atividade, que consistiu no trabalho com o gráfico, foram orientados a registrar suas respostas das perguntas em seus cadernos. As questões propostas tinham como objetivo estimular a análise crítica e a interpretação dos dados apresentados.

- 1) Em sua opinião essas porcentagens referentes aos tipos de bullying são reais? Sim, pois vemos constantemente o crescimento do bullying não só nas escolas, mas também em outros ambientes sociais (K.B).*
- 2) Se fizéssemos um gráfico sobre os tipos de bullying na nossa escola, as porcentagens seriam iguais, maiores ou menores? Acredito que um pouco menor pelo fato da nossa escola ser pequena em quantidade de estudantes (M.F).*

Fonte: a autora

O gráfico ilustra a incidência de casos de modo que faça os alunos terem a percepção sobre a gravidade do problema e serve como ponto de partida para uma discussão mais ampla.

Os alunos foram incentivados a refletirem sobre o que o gráfico revela acerca do bullying em seu ambiente escolar, e tiveram a oportunidade de analisar como os relatos de bullying podem aumentar ou diminuir em determinadas situações, além de debater possíveis fatores que contribuem para essas variações. Após foram realizadas algumas questões sobre o gráfico analisado.

- 1. Qual é o tipo de bullying mais frequente, de acordo com o gráfico? Bullying verbal (M.A).*
- 2. Em sua opinião qual faixa etária foi realizada esta pesquisa? Adolescentes entre 12 a 16 anos (Y).*
- 3. Segundo o gráfico, qual é o ambiente onde o bullying ocorre com mais frequência? Escolas (J.P).*
-

4. De acordo com o gráfico, qual é a principal consequência relatada pelas vítimas de bullying?

Eu acredito que seja depressão (B).

5. A partir dos dados apresentados no gráfico, em sua opinião qual medida pode ser adotada pelas escolas para combater o bullying?

Atividades como esta, que buscam a reflexão de todos (E).

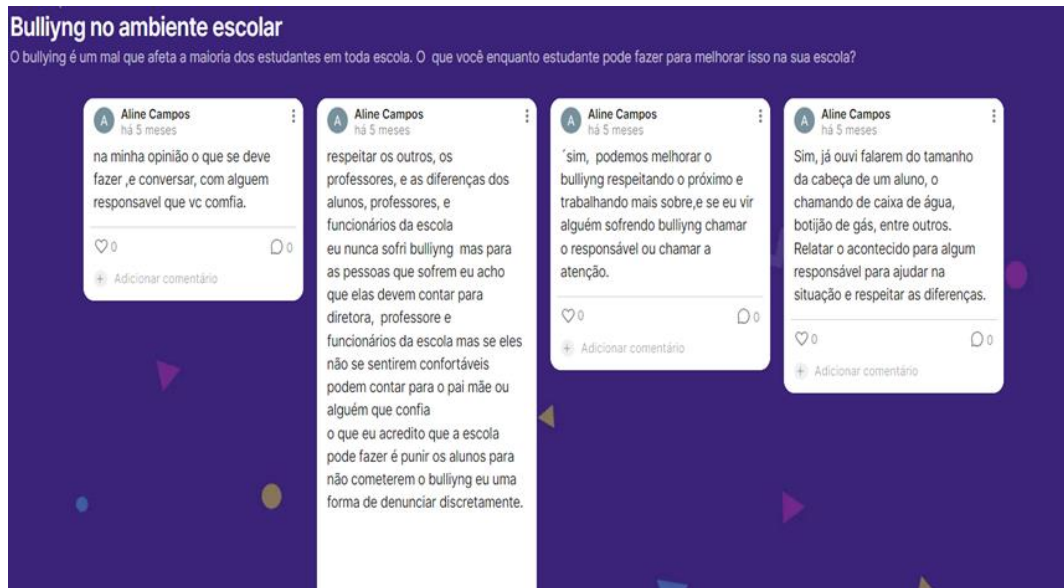
Fonte: a autora

Após a realização das questões, os estudantes puderam observar como o aumento ou a diminuição de relatos de bullying em determinados casos pode estar relacionado a fatores como campanhas de conscientização realizadas pela escola, mudanças nas políticas de convivência escolar, o impacto das redes sociais ou até mesmo a presença de canais de denúncia acessíveis e confiáveis. Além disso, esses dados podem indicar padrões de comportamento entre diferentes faixas etárias ou grupos sociais, permitindo uma análise mais ampla das dinâmicas que favorecem ou inibem a prática do bullying no ambiente escolar.

Por fim, a atividade culminou em discussões sobre formas de intervenção e prevenção do bullying, como a promoção de campanhas de conscientização, a criação de espaços de diálogo e a importância de reportar situações de abuso. Como parte dessa iniciativa, os alunos foram incentivados a realizar uma atividade de escrita na ferramenta digital Padlet, com o objetivo de compartilhar suas reflexões, sugestões e experiências relacionadas ao tema.

Essa dinâmica não apenas ajudou os alunos a compreenderem melhor o fenômeno do bullying, mas também os empoderou para serem agentes de mudança em suas escolas, promovendo um ambiente mais respeitoso e solidário, além de fomentar um espaço virtual colaborativo e engajador para o aprendizado.

IMAGEM 7: BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR



5.4. Oficina 4: Produção de mapa mental em cartaz

Nesta oficina de produção de mapa mental em cartaz, os alunos puderam explorar, de forma criativa e colaborativa, os conceitos relacionados ao tema central bullying escolar e organizando ideias e informações de maneira visual e estruturada.

A atividade começou com uma breve introdução sobre o que é um mapa mental e como ele pode ser usado para simplificar informações complexas, seguida de uma breve explicação em grupo para coletar palavras-chave referentes ao tema, ideias e exemplos relevantes.

Cada grupo escolheu um subtópico para desenvolver, como causas do problema, impactos sociais e emocionais, estratégias de intervenção e exemplos de boas práticas, permitindo uma divisão equilibrada das tarefas.

Os alunos utilizaram cartolinas, canetas coloridas, adesivos e outros materiais visuais para dar destaque às informações, utilizando setas, ramificações e diagramas para interconectar os diferentes aspectos do tema. Durante o processo, foram incentivados a debater e justificar suas escolhas, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico e da argumentação. Além disso, a criação coletiva favoreceu o diálogo e a troca de perspectivas entre os participantes, enriquecendo o resultado final.

Ao término da produção, os cartazes foram apresentados para toda a turma, e cada grupo teve a oportunidade de explicar as escolhas feitas no mapa mental,

estimulando a reflexão e o aprendizado coletivo. Esses cartazes, além de servirem como instrumentos pedagógicos, foram expostos em locais estratégicos da escola, ampliando a conscientização e o impacto da atividade. Assim, a oficina não apenas ajudou os alunos a consolidarem seu entendimento sobre o tema, mas também os empoderou a levarem a discussão para fora da sala de aula, inspirando outros estudantes a se envolverem com as questões abordadas.

5.5. Oficina 5: Entrevista via *Google Forms*

A entrevista via *Google Forms* foi realizada para coletar dados e opiniões sobre o tema abordado, permitindo uma análise mais ampla e detalhada das percepções dos estudantes. O formulário foi elaborado pelos próprios alunos, que criaram perguntas estratégicas, incluindo questões objetivas e dissertativas, para explorar diferentes aspectos do assunto.

As perguntas objetivas buscaram medir o grau de familiaridade dos respondentes com o tema, a frequência com que observam ou vivenciam situações relacionadas e as atitudes mais comuns adotadas nesses contextos. Já as questões dissertativas foram planejadas para captar reflexões mais profundas, como sugestões de soluções ou relatos de experiências pessoais.

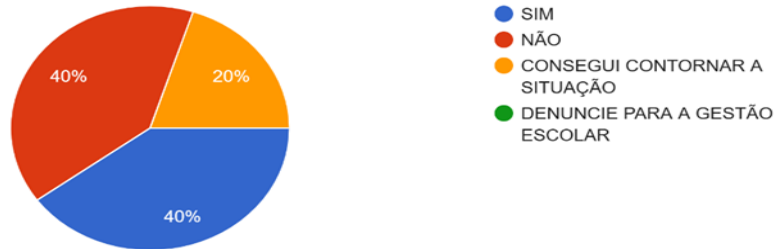
A aplicação da entrevista via *Google Forms* trouxe vantagens significativas, como a possibilidade de alcançar um maior número de participantes em pouco tempo, garantindo a diversidade de respostas. A ferramenta também facilitou a tabulação dos dados, permitindo que as informações fossem rapidamente organizadas e analisadas em gráficos, tabelas e resumos estatísticos.

Os resultados obtidos, como mostrados nos gráficos abaixo, serviram como base para discussões em sala de aula, ajudando os alunos a compreenderem melhor o panorama geral do tema e a identificarem padrões e tendências nas respostas. Essa abordagem não apenas promoveu uma aprendizagem ativa, mas também estimulou o uso consciente das ferramentas digitais para a investigação e resolução de problemas. Além disso, a coleta de dados por meio de entrevistas reforçou a importância de ouvir diferentes perspectivas, contribuindo para a construção de soluções mais inclusivas e eficazes.

IMAGEM 8: RESULTADOS

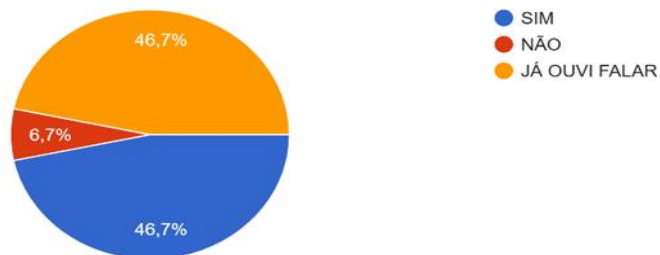
EM ALGUM MOMENTO DE SUA VIDA SE SENTIU PRESSIONADO POR COLEGAS DE SALA, COM BRINCADEIRAS QUE O DEIXARAM CONSTRANGIDO?

15 respostas



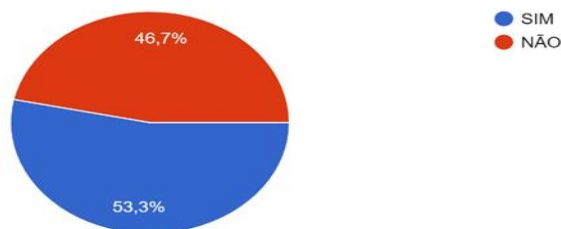
VOCÊ CONHECE AS LEIS QUE SÃO PUNITIVAS PARA OS PRATICANTES DO BULLYING?

15 respostas



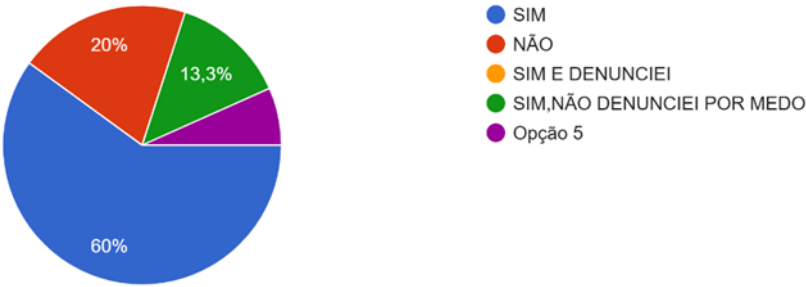
VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE BULLYING?

15 respostas



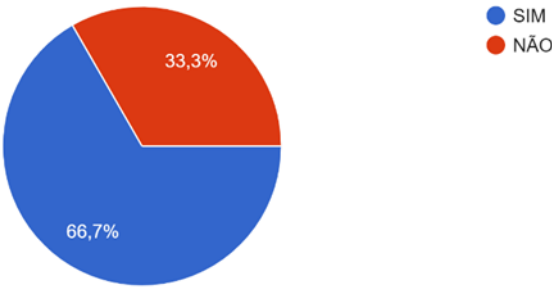
VOCÊ JÁ PRESENCIOU ALGUMA CENA DE BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR?

15 respostas



EM SUA OPINIÃO AS PIADINHAS E BRINCADEIRINHAS, SÃO UM TIPO DE BULLYING?

15 respostas



CASO JÁ TENHA PRESENCIADO UMA SITUAÇÃO DE BULLYING, QUAL FOI A SUA REAÇÃO?

12 respostas

Falei para um responsável a situação

Indignado e mal pela pessoa

Tristeza

Fiquei sem reagir , mas não denunciei

Fiquei chateado com aquilo

Fiquei com medo

Fiquei constrangida sem reação

Contar para um responsável

Tristeza com o colega

VOCÊ CONHECE OS TIPOS MAIS COMUNS DE BULLYING PRATICADOS ENTRE OS JOVENS?SE SIM,DIGA-NOS QUAIS VOCÊ CONHECE.

13 respostas

Bullying verbal, bullying físico e cyberbullying

Ciberbuling

Macaco,nego,preto.baleia

Sim , físico ,moral , psicólogo , cyberbullying, sexual...

Bullying de violência

Bullying físico

Fonte: a autora

Ao final, o gráfico mostra que a maioria dos participantes reconhece a relevância do tema abordado e destaca padrões importantes nas respostas coletadas e algumas delas acabam se repetindo, no entanto não aparecem novamente, como é o caso das perguntas que possuem 12 e 13 respondentes. Em outro caso, os respondentes colocaram resposta que não existia, como a opção 5, que seria tida como “não sei”, apresentada na pergunta *“Você já presenciou alguma cena de bullying no ambiente escolar?”*

Os dados revelaram que uma parcela significativa dos respondentes já presenciou ou vivenciou situações relacionadas ao problema em questão, indicando a urgência de intervenções mais efetivas. Além disso, os gráficos evidenciaram que é necessário realizar campanhas de conscientização e espaços de diálogo como estratégias para lidar com o tema.

Outro aspecto interessante observado nos gráficos foi a percepção sobre o papel das escolas e comunidades na prevenção e resolução do problema. Uma porcentagem expressiva dos participantes enfatizou a necessidade de maior engajamento institucional, com programas educativos e treinamentos para professores e alunos. Por outro lado, algumas respostas evidenciaram lacunas, como

a falta de conhecimento ou confiança em reportar casos, destacando a importância de melhorar a comunicação e o suporte oferecido.

Esses resultados foram apresentados para a turma em formatos visuais claros, que facilitaram a compreensão e fomentaram debates sobre os próximos passos. A análise final indicou não apenas os desafios a serem enfrentados, mas também as oportunidades para implementar ações transformadoras no ambiente escolar e comunitário, alinhadas às necessidades identificadas pelos próprios participantes.

5.6. Oficina 6: Vídeo valorize a vida!

Nesta oficina, os alunos assistiram ao vídeo Valorize a Vida, que aborda temas como autoestima, empatia, respeito mútuo e a importância de cuidar da saúde mental, com foco na prevenção de problemas como bullying, isolamento social e outros comportamentos prejudiciais.

Ao final do vídeo, foi explicada para os alunos a importância de cultivar atitudes que promovam o respeito, a empatia e o cuidado com a saúde mental, tanto individual quanto coletiva, bem como pequenas ações cotidianas, como ouvir alguém com atenção, oferecer ajuda ou palavras de apoio podem fazer uma grande diferença na vida das pessoas ao seu redor. Os alunos foram orientados sobre a relevância de identificarem sinais de sofrimento em colegas e de não hesitarem em buscar apoio de professores, orientadores ou familiares em situações difíceis.

Também foi ressaltada a necessidade de desconstruir comportamentos prejudiciais, como julgamentos e exclusões, substituindo-os por práticas que valorizem as diferenças e fortaleçam os laços de solidariedade no ambiente escolar. A explicação destacou que valorizar a vida não se trata apenas de cuidar de si, mas também de criar uma rede de apoio que beneficie todos, contribuindo para um espaço mais saudável e acolhedor.

Além disso, os alunos foram incentivados a refletirem sobre o papel que podem desempenhar como agentes de transformação em suas comunidades, promovendo iniciativas, como campanhas de conscientização, rodas de conversa e apoio mútuo entre os colegas. A atividade concluiu reforçando que ações coletivas, por menores que pareçam, têm o potencial de gerar impactos profundos e duradouros, ajudando a construir uma cultura escolar baseada no respeito e na valorização da vida.

Após as explicações, os alunos responderam algumas questões reflexivas referentes ao vídeo, que tiveram como objetivo estimular a análise crítica e o aprofundamento sobre os temas abordados. As perguntas foram elaboradas para que os estudantes conectassem o conteúdo do vídeo com suas próprias experiências, promovendo uma compreensão mais pessoal e significativa. Entre as questões propostas, estavam reflexões como:

1. O que você entende por "valorização da vida"?

Cuidar de si e do outro (P.B).

2. Você já presenciou ou ouviu falar sobre casos de bullying? Em sua opinião, como isso afeta a vida das pessoas envolvidas?

Sim, causando depressão, ansiedade e muitas vezes até suicídio (M).

3. Em sua opinião, como o bullying impacta a autoestima e o bem-estar de quem sofre com isso?

A pessoa fica desmotivada para exercer qualquer tarefa que lhe é proposta (B).

Fonte: a autora

Além disso, alguns alunos ressaltaram a necessidade de envolver toda a comunidade escolar, incluindo professores, funcionários e famílias, no combate ao bullying. Eles enfatizaram que ações coletivas são mais eficazes do que medidas isoladas, destacando a importância de um ambiente escolar que valorize o diálogo e a cooperação.

Outro ponto levantado foi a ideia de que o bullying não é apenas responsabilidade de quem pratica ou sofre, mas de todos que testemunham a situação. Isso reforça a ideia de que o silêncio dos espectadores pode contribuir para a perpetuação do problema, enquanto atitudes de apoio e intervenção podem fazer toda a diferença.⁶

Por fim, as respostas dos alunos também indicaram uma maior conscientização sobre o impacto emocional e psicológico que o bullying causa, tanto nas vítimas quanto nos agressores. Essa reflexão é fundamental para a criação de estratégias

⁶ Valorize a vida. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JBqav_oNgnY&t=4s

que visem não apenas a punição, mas a educação e transformação de comportamentos, promovendo um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo para todos.

5.7. Oficina 7: roda de conversa

A roda de conversa sobre o vídeo assistido foi realizada de forma fluida e interativa, com o objetivo de promover uma reflexão compartilhada entre os alunos. Primeiramente, os alunos retomaram brevemente o conteúdo do vídeo para garantir que todos estivessem alinhados sobre o que havia sido assistido. Essa retomada foi feita de forma geral, sem muitos detalhes, para que todos pudessem refletir sobre o material apresentado. Após essa introdução, a conversa foi aberta, e os alunos compartilharam o que mais os havia chamado a atenção, o que consideraram relevante ou até mesmo surpreendente no vídeo.

Em seguida, exploraram os principais temas abordados no vídeo, como questões sociais, culturais, emocionais ou educativas. A conversa se expandiu a partir disso, com os alunos questionando se algum dos pontos levantados pelo vídeo ressoava com suas experiências pessoais. Foi criado um espaço de empatia e troca de perspectivas, onde todos puderam compartilhar suas ideias e sentimentos em relação aos temas tratados.

A interação foi aprofundada com questões mais provocativas, como reflexões sobre o impacto do vídeo nas suas formas de ver o mundo. Perguntas como: “Como você se sentiu ao ver as cenas de bullying no vídeo?” “Você já presenciou ou vivenciou algo parecido no seu ambiente escolar?” ajudaram a intensificar o debate e a reflexão crítica. Quando surgiram divergências de opinião, isso foi visto como algo positivo, pois abriu portas para uma discussão mais rica e construtiva.

Além disso, os alunos compartilharam experiências relacionadas ao tema, seja de maneira pessoal ou observada em outras pessoas. Isso ajudou a criar uma atmosfera de colaboração e aprendizagem mútua, aproximando a teoria do vídeo da prática do dia a dia.

Por fim, ao concluir a roda de conversa, os alunos sintetizaram os principais pontos levantados, reforçando as reflexões mais importantes que surgiram durante a conversa. O fechamento foi realizado com a pergunta sobre o que cada aluno levaria

consigo após a discussão e se havia algo que gostariam de aprofundar em futuras conversas ou explorações sobre o tema. Dessa forma, a roda de conversa se tornou não apenas um momento de discussão, mas também de aprendizado coletivo e de construção de novos entendimentos.

5.8. Oficina 8: Produção de paródias

O gênero discursivo paródia foi trabalhado de forma dinâmica e criativa, com o objetivo de estimular a reflexão dos alunos sobre o tema bullying, além de desenvolver habilidades de leitura crítica e produção textual. O trabalho começou com uma introdução ao conceito de paródia, explicando-a como uma recriação de um texto original, na qual alterações são feitas para atribuir novos sentidos, que podem ter um tom humorístico, reflexivo ou crítico, dependendo da situação comunicativa.

Em seguida, foram analisados exemplos de paródias de músicas, poemas e propagandas que abordavam temas sociais, incluindo o bullying. Essa etapa permitiu que os alunos identificassem as características do gênero, o tom crítico ou lúdico e a adaptação criativa da mensagem original. Após essa análise, houve uma roda de conversa em que os alunos refletiram sobre como o gênero paródia poderia ser usado para abordar o bullying de maneira impactante e criativa, reconhecendo o papel da linguagem como ferramenta de sensibilização e mudança social.

Na sequência, os alunos ouviram duas músicas *Olhos coloridos*, de Sandra de Sá, e *Eu sou*, de Negra Li, que retratavam o preconceito racial e a aceitação. Realizamos uma atividade de oralidade em que os estudantes foram convidados a compartilharem suas percepções sobre as letras e os temas abordados. Durante essa atividade, discutiram como as músicas apresentavam as desigualdades, as divergências culturais, sociais ou até mesmo pessoais, e como essas questões eram expressas de maneira musical e lírica. A intenção era fazer com que os alunos refletissem sobre os efeitos de sentido nas letras das músicas e como as diferenças eram tratadas de maneira sensível ou crítica.

Durante a dinâmica, os alunos foram estimulados a realizar uma análise discursiva das músicas selecionadas, comparando as abordagens apresentadas em cada uma. Esse processo envolveu a observação de elementos formais, como ritmo, melodia e escolhas linguísticas, bem como a identificação de como esses aspectos

contribuem para a construção de sentidos e para o reforço das ideias sobre diferenças e diversidade.

Ao refletirem sobre os discursos presentes nas músicas, os alunos puderam compreender de que maneira as produções textuais e musicais expressam visões de mundo, situações comunicativas e posicionamentos ideológicos. Essa abordagem discursiva proporcionou uma leitura mais reflexiva das obras, permitindo que os estudantes reconhecessem os significados implícitos e os valores socioculturais presentes nos textos, promovendo uma reflexão aprofundada sobre o respeito e a empatia nas relações humanas.

Em grupos, os alunos puderam fazer conexões entre as músicas e experiências pessoais ou sociais que conheciam, além de pensar em como a música pode ser uma ferramenta poderosa para promover reflexão sobre temas como a desigualdade e a diversidade.

A atividade de oralidade não se limitou apenas a uma análise crítica, mas também encorajou os alunos a expressarem suas próprias opiniões, elaborarem argumentos e ouvirem as perspectivas dos outros. Ao final, houve um momento de síntese, no qual os alunos puderam compartilhar o que mais os impactou nas músicas e o que aprenderam com a reflexão sobre as diferenças que retratam. Essa atividade contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de comunicação, escuta ativa e um melhor raciocínio, ao mesmo tempo em que proporcionou uma reflexão profunda sobre a diversidade e as questões sociais contemporâneas.

Em seguida, os alunos responderam algumas questões em seus cadernos referentes às músicas ouvidas. As questões foram elaboradas para aprofundar a compreensão dos temas abordados nas letras e incentivar a construção de sentidos. As perguntas estimulavam os alunos a refletirem sobre as diferenças sociais, culturais ou pessoais retratadas nas músicas e como essas questões estavam ligadas ao contexto sócio-histórico e ideológico atual.

Entre as questões propostas, havia algumas que desafiavam os alunos a identificarem os sentidos produzidos pelos artistas ao escolherem determinadas palavras ou expressões, além de explorarem o impacto emocional das músicas. Algumas perguntas também convidaram os alunos a se posicionarem, perguntando, por exemplo, se concordavam ou discordavam das ideias expressas nas músicas e como as viam em relação às suas próprias experiências ou observações de mundo.

Além disso, buscamos mostrar para o aluno de que forma o uso de recursos musicais, como melodia e ritmo, também ajudavam na construção do discurso. Essa atividade permitiu que os alunos organizassem suas ideias de forma escrita, refletindo de maneira mais estruturada sobre o conteúdo das músicas e os seus discursos.

Após responderem às questões, os alunos puderam compartilhar suas respostas em grupo, discutindo as diferentes interpretações que surgiram e enriquecendo a compreensão coletiva. Essa dinâmica não só aprofundou o entendimento sobre as músicas, mas também fortaleceu as habilidades de expressão escrita e argumentação dos alunos.

A partir dessa compreensão teórica, os alunos foram desafiados a criarem suas próprias paródias, explorando a criatividade e o uso do humor e crítica sobre o tema bullying escolar. Alguns adaptaram músicas, outros recriaram as músicas a partir de histórias conhecidas, sempre buscando uma forma de provocar reflexão por meio da distorção dos elementos originais.

Além disso os alunos puderam compartilhar suas produções com os colegas, analisando as diferentes abordagens e estilos adotados. A troca de ideias e a apreciação das paródias criadas pelos outros fomentaram uma discussão sobre os recursos utilizados, como a escolha de palavras, a construção das situações e o impacto que essas modificações geravam no público.

Ao final, a oficina proporcionou aos alunos uma compreensão ampliada sobre o gênero paródia, destacando-o não apenas como uma forma de entretenimento, mas como uma manifestação literária e artística capaz de provocar reflexões e questionamentos sociais. Através da criação e apresentação das paródias, os estudantes foram estimulados a utilizar a produção discursiva pautada pela criatividade e pela problematização, apropriando-se do gênero discursivo para expressar suas opiniões, sentimentos e percepções sobre o bullying no ambiente escolar.

Mais do que apenas reescrever letras de músicas conhecidas, os alunos participaram ativamente de um processo de resignificação, no qual puderam explorar os sentidos implícitos nos discursos e desconstruir estereótipos, apontando novas possibilidades de leitura e interpretação da realidade. Essa experiência também contribuiu para o fortalecimento de competências como o trabalho em grupo, a escuta ativa, a empatia e o respeito às diferentes vozes e vivências dentro da sala de aula.

Assim, a proposta mostrou-se eficaz não apenas do ponto de vista pedagógico, ao desenvolver habilidades de leitura, escrita e oralidade, mas também no campo formativo, ao promover uma educação voltada para a construção de valores como a solidariedade, o respeito à diversidade e a valorização das diferenças. Encerramos este capítulo reforçando a importância de práticas pedagógicas que integrem a linguagem à realidade social dos alunos, permitindo que eles se tornem sujeitos críticos e atuantes, capazes de transformar o meio em que vivem por meio da palavra e da escuta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletirmos sobre a importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem é algo fundamental, e isso deveria ser uma preocupação constante para os professores. Afinal, é essencial que o ensino da leitura seja planejado de forma a não só superar as dificuldades de interpretação de textos, mas também a desenvolver a capacidade leitora dos alunos em relação aos discursos presentes nesses textos.

Constata-se que os alunos enfrentam dificuldades em identificar os sentidos construídos historicamente nos textos, uma vez que não reconhecem as formações discursivas que sustentam as posições do sujeito enunciator. Isso os impede de realizar deslocamentos de sentido e de exercer uma leitura crítica que questione os efeitos de sentido produzidos pelas ideologias em funcionamento no discurso.

Embora existam diversas propostas pedagógicas focadas na prática de leitura, ainda percebemos que há muito espaço para melhorar. Isso se deve à necessidade de encontrarmos metodologias mais eficazes que realmente ajudem os alunos a superarem essas dificuldades e a desenvolverem habilidades mais profundas de leitura e interpretação. Para isso, um passo fundamental é recorrermos a teorias educacionais que possam contribuir de maneira mais eficiente para o aprimoramento das metodologias de ensino, garantindo que elas resultem em avanços reais no processo de ensino-aprendizagem. Essas teorias podem oferecer novas abordagens e ferramentas que tornam a leitura mais envolvente e significativa, ajudando os alunos a se tornarem leitores mais críticos, reflexivos e conscientes.

Dessa maneira, a proposta didático-pedagógica deste trabalho focou na prática da leitura, buscando ir além da simples interpretação de textos, com o intuito de abordarmos a leitura de forma discursiva, especialmente a partir da temática do bullying escolar. O nosso intuito foi explorarmos a leitura não apenas como um processo de decodificação de palavras, mas como uma maneira de entendermos as diferentes camadas de significados presentes nos discursos sobre o bullying nas escolas. A proposta envolveu a análise de como o bullying é abordado nos textos, refletindo sobre as diversas formas de violência e exclusão que ele representa.

Para apoiarmos esse processo, as teorias mencionadas, com base na Análise do Discurso, especialmente as de Coracini (2010) e Orlandi (1993, 2002), forneceram fundamentos teóricos importantes. Essas teorias ajudam a entendermos como os

discursos sobre o bullying escolar são construídos e como podem ser interpretados de maneira mais profunda, considerando as implicações sociais e emocionais desse fenômeno. Elas oferecem ferramentas para analisarmos como os textos sobre bullying refletem atitudes, crenças e práticas que contribuem para a perpetuação dessa violência nas escolas.

Dessa forma, ao utilizarmos essas abordagens teóricas, os alunos são incentivados a desenvolverem uma leitura mais crítica e contextualizada, permitindo que compreendam melhor a realidade do bullying escolar e suas consequências.

Ao aplicarmos as teorias mencionadas, buscamos elaborar atividades que fizessem os alunos explorarem profundamente os sentidos dos textos, ajudando-os a acessarem os discursos materializados nos textos. Além disso, procuramos conectar as atividades de leitura a questões sociais relevantes, para que os alunos pudessem refletir sobre o contexto social em que vivem, compreendendo como os textos se relacionam com a sociedade ao seu redor.

A leitura, sob o viés da Análise do Discurso (AD), especialmente na tradição francesa proposta por Michel Pêcheux, assume uma dimensão que ultrapassa a simples decodificação de palavras e frases. Trata-se de um processo profundamente ideológico, no qual o sujeito leitor não apenas compreende um conteúdo, mas se insere em uma rede complexa de sentidos, discursos e formações ideológicas. Nesse sentido, a leitura é compreendida como um ato interpretativo, situado historicamente, no qual o leitor é interpelado por discursos que o atravessam e que moldam sua posição como sujeito.

A importância dessa abordagem se revela particularmente no contexto educacional, em que formar leitores críticos significa capacitá-los a perceber os efeitos de sentido naturalizados nos textos e nas práticas sociais. Ler criticamente, nesse escopo, é reconhecer que todo discurso carrega uma memória discursiva, uma posição ideológica, e que os sentidos são construídos dentro de determinadas condições de produção. Isso significa ensinar os alunos a perceberem que não existe leitura neutra, pois toda leitura se dá a partir de uma posição enunciativa, de um lugar de fala condicionado pelas experiências e pelas relações sociais do sujeito.

Ao compreender a leitura como prática discursiva, a AD oferece ferramentas teóricas fundamentais para o desenvolvimento de uma educação mais reflexiva, comprometida com a emancipação intelectual. Os sujeitos que leem a partir dessa perspectiva são capazes de identificar silenciamentos, disputas de sentido e

estratégias de legitimação presentes nos discursos, o que amplia significativamente sua capacidade de agir criticamente no mundo.

Essa concepção crítica da leitura não apenas enriquece o processo de ensino-aprendizagem, mas também fortalece a constituição do sujeito como agente histórico. Ao compreender que os textos não são autossuficientes e que seus sentidos são atravessados por relações de poder, o leitor se posiciona diante do discurso com maior autonomia, desenvolvendo a habilidade de interpretar com profundidade e de resistir a leituras hegemônicas. Isso implica em reconhecer que a linguagem não reflete a realidade de forma transparente, mas a constrói, de modo que toda leitura é também uma interpretação do mundo.

No campo escolar, esse entendimento transforma a prática pedagógica. O educador deixa de ser apenas transmissor de conteúdos e passa a ser mediador de sentidos, incentivando os alunos a investigarem o que está dito, o que está silenciado e o que é reiterado nos textos que circulam em diferentes esferas sociais — da mídia à literatura, dos discursos científicos aos institucionais. Esse tipo de formação promove o letramento discursivo, no qual o estudante é preparado para lidar com a heterogeneidade discursiva do mundo contemporâneo, questionando estereótipos, ideologias naturalizadas e estruturas simbólicas que sustentam desigualdades.

Além disso, ao incorporar os princípios da AD à leitura, a escola passa a valorizar a historicidade do sujeito e a pluralidade dos sentidos, reconhecendo que cada aluno lê a partir de um lugar de pertencimento, marcado por classe, gênero, etnia e outras dimensões identitárias. Isso reforça o papel da leitura como prática social e política, comprometida com a inclusão e com o reconhecimento das diferenças, além de estimular a escuta ativa e o diálogo entre visões de mundo distintas.

Dessa forma, a leitura sob a perspectiva da Análise do Discurso não é apenas um exercício cognitivo, mas um ato ético e político. É por meio dela que se torna possível desestabilizar discursos dominantes, questionar verdades instituídas e construir novas formas de significar o mundo. Ao oferecer ao sujeito a possibilidade de reinscrever-se nos discursos que o atravessam, a leitura se revela como uma prática emancipadora — capaz de formar leitores mais conscientes, críticos e sensíveis à complexidade dos sentidos que constituem a realidade social.

Portanto, a importância da leitura à luz da AD está em seu potencial de formar sujeitos que não apenas compreendem os discursos que os cercam, mas que também intervêm neles, reconfigurando sentidos e disputando significações. Em um tempo

marcado por desinformação, polarizações e manipulação discursiva, essa formação crítica se torna não apenas desejável, mas absolutamente necessária.

Assim, a leitura sob a lente da Análise do Discurso não é apenas um instrumento de acesso ao conhecimento, mas um meio de questionar as verdades instituídas, de deslocar sentidos cristalizados e de promover a transformação social. Em um cenário de multiplicação de discursos e disputas narrativas, formar leitores que reconheçam os mecanismos discursivos que sustentam determinadas visões de mundo é, sem dúvida, uma das tarefas mais urgentes da educação contemporânea.

Levando em consideração a leitura discursiva, optamos por trabalhar por meio dessa abordagem com a temática do bullying escolar, reconhecendo sua relevância, tanto para a conscientização sobre os impactos negativos dessa prática quanto para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo, empático e respeitoso. A proposta teve como objetivo sensibilizar os alunos para a importância de se combater o bullying, por meio da valorização do respeito às diferenças, da solidariedade e da convivência harmoniosa.

Ao fazermos uso dessa temática, buscamos promover uma leitura crítica e transformadora, que ultrapasse a simples compreensão do fenômeno e contribua para a formação de sujeitos conscientes, capazes de refletir sobre suas atitudes e posicionamentos. Dessa forma, procuramos estimular a criação de uma cultura escolar pautada no diálogo, na escuta e na valorização do outro, em que o cuidado e a empatia se tornem práticas cotidianas.

Embora a proposta não seja inovadora, teve como objetivo tornarmos a prática da leitura mais significativa e envolvente para os alunos, utilizando as teorias de Análise do Discurso como base para fundamentar todo o processo. Durante as atividades, buscamos valorizar as histórias de leitura dos alunos, permitindo que conectassem o que já sabiam sobre o bullying escolar com novas informações e, ao mesmo tempo, proporcionamos a oportunidade de adquirir novos aprendizados sobre esse fenômeno. Esse percurso foi cuidadosamente planejado para ampliarmos a visão dos alunos sobre as consequências do bullying e as formas de combatê-lo, incentivando-os a se tornarem leitores mais críticos e reflexivos sobre o tema.

A ideia central era que os alunos não apenas compreendessem o bullying como uma prática nociva no ambiente escolar, mas também se tornassem mais conscientes de como suas atitudes e palavras podem afetar os outros. Ao longo do processo,

buscamos envolvê-los ativamente nas discussões, ajudando-os a se tornarem protagonistas na construção de um ambiente educacional mais respeitoso e acolhedor.

Por fim, ao término das atividades, os alunos deveriam se sentir preparados para refletirem de forma crítica sobre o bullying escolar, compreendendo suas causas e consequências e tornando-se agentes ativos na criação de soluções que favoreçam um ambiente escolar mais harmonioso e saudável para todos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português** – encontro e interação. São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- BERGER, K. S. **Atualização sobre bullying na escola**: Ciência esquecida? *Developmental Review*, 27, 90-126. 2007.
- BRANDÃO, H. H. N. **O leitor**: co-enunciador do texto. *Polifonia*, Cuiabá, n. 01, 1994.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: a educação é base. Brasília: MEC, 2018.
- BUROCHOVITH, E.; SANTOS, A. A. A. **Inventário de Depressão Infantil (CDI)**: análise dos parâmetros psicométricos. *Fractal: Revista de psicologia*, v. 20, n. 2, p. 473-489, 2008. Campinas – SP: Pontes Editores, 1997.
- CANTINI, N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.
- CORACINI, M. J. Leitura: decodificação, processo discursivo. In: CORACINI, M. J. (Org.) **O jogo discursivo na aula de leitura**: língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 2010.
- COSTA, A. R. **Sintomatologia depressiva em crianças numa unidade de saúde do norte**. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia de Braga, 2011.
- COURTINE, J.-J. **A Análise do Discurso e a História**: contribuições da Linguística à História Social. In: *Análise do Discurso e História*. São Paulo: Contexto, 1994.
- DALOSTO, M. M.; ALENCAR, E. M. L. S. **Manifestações e prevalência de bullying entre alunos com altas habilidades/superdotação**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Vol. 19, n. 3, 2013.
- FONSECA, M. H. G.; FERREIRA, R. A.; FONSECA, S. G. **Prevalência de sintomas depressivos em escolares**. *Pediatria*, 27(4) 113-122, 2005.
- FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FEIZI, Masrour Milani. **Cultura de paz x violências:** papel e desafios da escola. In: FEIZI, Masrour Milani; JESUS, Rita de Cássia Dias (org.). *Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas*. Salvador: Inpaz, 2003. p. 31-62.

FONSECA, F. M. H., FERREIRA, R. A., & FONSECA, S. G. (2005). **Prevalência de sintomas depressivos em escolares**. *Pediatria*, 27, 223-232.

GRECO, Eliana Alves; LISBOA, Marfiza Rosa Caetano. **Formação de professores Parfor e as concepções de leitura**. In: PAINI, Leonor Dias; CHICARELLE, Regina de Jesus; CELORIO, José Aparecido (org.). *Parfor – Plano Nacional de Formação de Professores, dialogicidade entre a educação básica e a universidade: compartilhando saberes*. Maringá: Massoni, 2019. p. 243-255.

GREGOLIN, Maria R. V. **A análise do discurso:** conceitos e aplicações. Alfa, São Paulo. <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/8806>, 2011.
<http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/8806>, 2011.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KLEIMAN, A. **Oficinas de leitura – teoria e prática**. 15 ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2013.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura:** uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LISBOA, C. S. M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças em idade escolar:** fatores de risco e proteção. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LISBOA, C.; KOLLER, S. H. **Interações na escola e processos de aprendizagem:** fatores de risco e proteção. Em E. Boruchovitch & J. A. Bzuneck (Eds.), *Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola* (pp. 201-224). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOPES NETO, Aramis. **Bullying:** comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3 ed. 1997.

MARCUSCHI, L. A. **A construção do sentido:** um estudo sobre a leitura e a produção de textos. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MATOS, Margarida et al. *Violência, bullying e delinquência, gestão de problemas de saúde em meio escolar*. Lisboa: Coisas de Ler, 2009.

MENEGASSI, R.J; ÂNGELO, C. M. P. Conceitos de leitura. In: MENEGASSI, R. J. (org). **Leitura e ensino** (formação de professores EAD). Maringá: EDUEM, 2005, p. 15-40.

MENEGASSI, R.J; ÂNGELO, C. M. P. Estratégias de leitura. In: MENEGASSI, R. J. (org). **Leitura e ensino** (formação de professores EAD). Maringá: EDUEM, 2005, p. 77-98.

MESQUITA, Ana Paula Siqueira Lazzareschi de. **Comentários à Lei do Bullying n.º 13.185/2015**. São Paulo: Lex, 2017.

NASCIMENTO, T. M. C. **O bullying na escola**: uma análise do discurso da mídia impressa pedagógica. Recife: 2014.

OLIVEIRA, Willer Carlos de. **O papel do professor diante do bullying na sala de aula**. 2112. 47 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 3. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp,

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. Campinas -

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1993.

ORTE, S. M. **O bullying no ambiente escolar**: uma análise dos efeitos e das intervenções. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
Paulo, v.39, p.13-21, 1995.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

RAIMUNDO, Raquela; SEIXAS, Sónia. **Comportamentos de bullying no 1º ciclo**: estudo de caso numa escola de Lisboa. *Interacções*, n. 13, p. 164-86, 2009.

ROCHA, Moana Oliveira; COSTA, Carmen Lucia; PASSOS NETO, Irazano. **Bullying e o papel da sociedade**. *Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais*, v. 1, n. 16, p. 191-199, 2013.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

SACCHI, T. C. M. **Projeto temático o Bullying na escola e a produção de contrapalavras no Ensino Fundamental I**. Dissertação de Mestrado Profissional em Letras – Universidade Estadual de Maringá, 2020.

SALMIVALLI, Christina. **Bullying como um processo de grupo**: papéis dos participantes e suas relações com o status social dentro do grupo. *Comportamento Agressivo*, v. 22, p. 1-15, 1996.

SILVA, A. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.

SILVA, E. T. **De olhos abertos** – reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SILVA, Elizângela Napoleão da; ROSA, Ester Calland de Sousa. **Professores sabem o que é bullying?**: um tema para a formação docente. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 17, n. 2, p. 329-338, 2013.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**; trad. Cláudia Schiling. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SPENCE, Susan; MATOS, Maria. Intervenções preventivas com crianças e adolescentes. In: MATOS, Maria et al. (Ed.). **Desenvolvimento de competências de vida na prevenção do desajustamento social**. Lisboa: IRS/MJ, 2000.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron; CAMPOS, Carlos Alexandre. **Bullying**: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 20, n. 2, p. 275-284, 2016.

APÊNDICE



ESPAÇO PARA FICHA CATALOGRÁFICA

APRESENTAÇÃO

Esta proposta didático-pedagógica de leitura foi desenvolvida pela professora Aline Rose de Campos Santos, mestra em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação da Prof.^a Dra. Eliana Alves Greco. O programa Profletras trata-se de um mestrado profissional e se destaca pela criação de um Produto Educacional, resultado de uma pesquisa realizada no Curso de Mestrado Profissional em Letras (Profletras).

O intuito desta proposta didático-pedagógica de leitura é a promoção, a autoformação e o aperfeiçoamento do conhecimento de docentes e profissionais da educação, priorizando as peculiaridades do ensino. O objetivo fundamental é colaborar para o processo formativo dos docentes, estimulando o trabalho com o tema bullying escolar como recurso pedagógico para potencializar o desenvolvimento da leitura dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, propiciando uma perspectiva crítica e reflexiva para a sala de aula, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa.

Esse Produto Educacional é o escopo da dissertação *A violência do cotidiano escolar*: uma leitura discursiva do bullying, desenvolvida na esfera da Análise do Discurso (AD), tendo como base teórica os conceitos de Coracini (2010) e Orlandi (1993; 2002). A pesquisa também se fundamenta em estudos sobre bullying e suas implicações no contexto escolar.

As oficinas apresentadas neste projeto abordam o bullying escolar como temática central e estão estruturadas em torno da leitura e análise de diferentes gêneros discursivos, da compreensão das condições de produção dos textos, da abordagem da linguagem verbal e multimodal e na apresentação de atividades de leitura crítica. Ao final, foi proposta uma prática de produção criativa com base nas reflexões realizadas ao longo das oficinas.

A elaboração desta proposta didático-pedagógica de leitura tem como foco guiar os professores desde os conceitos básicos até a implementação prática. Cada oficina aborda aspectos específicos, buscando proporcionar uma compreensão abrangente e aplicável do tema, contribuindo para a formação de leitores críticos e cidadãos mais conscientes e empáticos.

SOBRE A AUTORA

Possui uma sólida trajetória profissional na educação, com 15 anos de experiência na cidade de Nanduba, SP. Desde o início de sua carreira, tem se dedicado ao desenvolvimento e à melhoria da educação na região. É formada em Letras pela Unesp-Fapepe (Presidente Prudente) desde 2007 e possui especialização em Gestão Escolar pela Barão de Rio Branco, concluída em 2010. Recentemente, em 2025, completou seu Mestrado Profissional em Letras – Proletras, pela Universidade Estadual de Maringá.

Sua experiência profissional abrange não apenas o ensino de Língua Portuguesa, mas também a gestão e a implementação de projetos educacionais que visam melhorar a qualidade do ensino. Ao longo de sua carreira, tem se dedicado a estudar as questões sociais no contexto escolar, especialmente relacionadas ao bullying, e a promover práticas pedagógicas que contribuam para a formação de cidadãos críticos, empáticos e conscientes.





**Palavra puxa
palavra, uma ideia
traz outra, e assim
se faz um livro, um
governo, ou uma
revolução.**

**MACHADO
DE ASSIS**

PROPOSTA PEDAGÓGICA DE LEITURA DISCURSIVA SOBRE O TEMA BULLYING NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Esta proposta didático-pedagógica tem como objetivo explorar a leitura pela perspectiva discursiva, fundamentada na Análise de Discurso de linha francesa, com o foco no tema do bullying escolar. As atividades foram elaboradas em um percurso que considera as histórias de leituras das vivências dos alunos sobre o assunto, buscando ampliá-lo e conectá-lo ao contexto socio-histórico e ideológico no qual esses alunos estão inseridos. Assim, a proposta visa aprofundar a compreensão crítica sobre as diversas formas de bullying e suas implicações, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral.

Para guiar esse processo de aprendizagem, a proposta foi organizada em oito oficinas. Cada uma delas inclui atividades que exploram diferentes gêneros discursivos, permitindo que os alunos analisem o bullying sob várias perspectivas e em diferentes contextos. Essas oficinas estão descritas a seguir.

- 1ª Conhecendo o tema.
- 2ª Você conhece os tipos de bullying?
- 3ª Produção de Padlet.
- 4ª Produção de Mapa Mental em cartaz.
- 5ª Entrevista via *Google Forms*.
- 6º Vídeo: Valorize a vida!
- 7ª Roda de conversa referente ao vídeo.
- 8ª Paródia.



SUMÁRIO

OFICINA 1. CONHECENDO O TEMA.....	8
OFICINA 2. VOCÊ CONHECE OS TIPOS DE BULLYING?.....	14
OFICINA 3. PRODUÇÃO DE PADLET.....	17
OFICINA 4. PRODUÇÃO DE MAPA MENTAL EM CARTAZ.....	30
OFICINA 5. ENTREVISTA VIA <i>GOOGLE FORMS</i>	33
OFICINA 6. VÍDEO VALORIZE A VIDA!.....	36
OFICINA 7. RODA DE CONVERSA.....	39
OFICINA 8. PRODUÇÃO DE PARÓDIAS.....	41
REFERÊNCIAS.....	50
ANEXOS.....	51

OFICINA 1. CONHECENDO O TEMA

Professor(a), a previsão para esta oficina é de duas aulas.

Nesta primeira oficina de atividades, será realizada uma roda de conversa com os alunos, para trocarem ideias e explorarem a temática do bullying no ambiente escolar. Organize a turma em um formato circular, criando um ambiente acolhedor e confortável que incentive a participação ativa de todos. Instigue os alunos a se engajarem, promovendo uma interação dinâmica entre professor e aluno, para que assim possa compreender o que eles já sabem sobre o assunto.

O objetivo central desta oficina é despertar a curiosidade dos estudantes acerca do tema que será trabalhado.

Início da discussão:

Para iniciar o tema com os alunos, proponha uma conversa guiada com algumas perguntas reflexivas. O objetivo é levá-los a pensar sobre o assunto, sem influenciar diretamente suas respostas. Faça as perguntas que estão descritas abaixo.

Importante: neste momento, apenas escute as respostas dos estudantes e incentive a participação. Evite julgar ou corrigir as respostas — a ideia é abrir espaço para que eles expressem seus pensamentos livremente.

Leitura individual:

Após a discussão inicial, peça aos alunos que façam uma leitura silenciosa do texto "*Um em cada 10 estudantes já foram ofendidos nas redes sociais*". Essa leitura servirá como um primeiro contato com o conteúdo.

Leitura em voz alta com mediação:

Em seguida, o professor deve realizar a leitura do texto em voz alta para toda a turma. Durante a leitura, faça pausas estratégicas para explicar expressões, tirar dúvidas e destacar pontos importantes do texto. Essa mediação ajudará os alunos a compreenderem melhor o tema e se aprofundarem na discussão.

Atividade 1: Para início de conversa!

Alunos,

Nesta atividade, vamos formar uma roda de conversa para trocarmos ideias e falarmos sobre o bullying na escola. Este será um momento para ouvir, falar, compartilhar opiniões e até experiências – sempre com respeito e atenção ao que o outro tem a dizer.

Depois da conversa, faremos a leitura de um texto que fala mais sobre o assunto. Ele vai nos ajudar a entender melhor como o bullying acontece, principalmente nas redes sociais, e por que é tão importante falar sobre isso.

Roda de conversa

- 1º O que vocês entendem por bullying?
- 2º De que forma o bullying pode acontecer na escola?
- 3º Como vocês acham que uma pessoa se sente quando está sendo vítima de bullying?
- 4º Vocês já presenciaram ou ouviram falar de situações de bullying na escola?
- 5º Quais sinais vocês acham que um professor ou um colega pode perceber se alguém está sendo vítima de bullying?
- 6º O que podemos fazer como turma para prevenir o bullying e criar um ambiente mais acolhedor e respeitoso para todos?

Atividade 2: Leitura do texto

Alunos,

Nesta atividade, vamos fazer a leitura de um texto jornalístico sobre o tema bullying. Depois da leitura, teremos um momento de troca de ideias e reflexão, em que cada um poderá compartilhar suas opiniões, dúvidas e pensamentos sobre o que foi lido. Será uma ótima oportunidade para aprendermos juntos e pensarmos sobre como esse assunto está presente no nosso dia a dia.

UM EM CADA 10 ESTUDANTES JÁ FORAM OFENDIDOS NAS REDES SOCIAIS.

BGE: um em cada dez estudantes já foi ofendido nas redes sociais. Dado é da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar.

Aproximadamente um em cada dez adolescentes (13,2%) já se sentiu ameaçado, ofendido e humilhado em redes sociais ou aplicativos. Consideradas apenas as meninas, esse percentual é ainda maior, 16,2%. Entre os meninos é 10,2%. Os dados fazem parte da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE) 2019, divulgada hoje (10) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ao todo, foram entrevistados quase 188 mil estudantes, com idade entre 13 e 17 anos, em 4.361 escolas de 1.288 municípios de todo o país. O grupo representa 11,8 milhões de estudantes brasileiros. A coleta dos dados foi feita antes da pandemia, entre abril e setembro de 2019. A partir de 2020, com a suspensão das aulas presenciais, o uso das redes sociais, até mesmo como ferramenta de estudos, foi intensificado.

As agressões existem também fora da internet, nas escolas, onde 23% dos estudantes afirmaram ter sido vítimas de bullying, ou seja, sentiram-se humilhados por provocações feitas por colegas nos 30 dias anteriores à pesquisa. Quando perguntados sobre o motivo de sofrerem bullying, os três maiores percentuais foram para aparência do corpo (16,5%), aparência do rosto (11,6%) e cor ou raça (4,6%).

Em relação à saúde mental dos estudantes, metade (50,6%) disse se sentir muito preocupado com as coisas comuns do dia a dia. Um em cada cinco estudantes (21,4%) afirmou que a vida não valia a pena ser vivida. Entre as meninas, esse percentual é 29,6% e, entre os meninos, 13%.

Os resultados mostram ainda insatisfação com o próprio corpo. Menos da metade (49,8%) achava o corpo normal, 28,9% se achavam magros ou muito magros e 20,6%, gordos ou muito gordos.

Violências

Em 2019, de acordo com a PENSE, cerca 14,6% dos adolescentes, alguma vez na vida e contra a sua vontade, foram tocados, manipulados, beijados ou passaram por situações de exposição de partes do corpo. No caso das meninas, o percentual (20,1%) é mais que o dobro do observado entre os meninos (9%). Além

disso, 6,3% dos estudantes informaram que foram obrigados a manter relação sexual contra a vontade alguma vez na vida, sendo 3,6% dos meninos e 8,8% das meninas.

A pesquisa mostra também que quase um em cada dez adolescentes (10,6%) envolveu-se em lutas físicas e 2,9%, em briga com arma de fogo. Dentro de casa, também há relatos de violência - 21% afirmaram ter sido agredidos pelo pai, mãe ou responsável alguma vez nos 12 meses anteriores ao estudo.

Esse cenário pode, de acordo com a PENSE, ter se intensificado na pandemia. “A pandemia trouxe grandes dificuldades para os adolescentes do mundo todo. A falta de acesso à escola, além da significativa perda de aprendizagem, pode significar também a perda de proteção contra perigos como violência doméstica e abuso infantil ou até a perda da única refeição balanceada que tinham. Tornou-se mais difícil para os adolescentes manter práticas de exercícios, intensificando os quadros de desânimo, tristeza, ansiedade e ausência de amigos”, diz o estudo.

Infraestrutura

A PENSE traz também dados sobre a infraestrutura disponível para os estudantes, tanto nas escolas quanto em casa. Os resultados mostram que menos da metade (49,7%) dos alunos das escolas públicas tem computador em casa, enquanto entre os alunos das escolas privadas esse percentual é de 89,6%. Quase a totalidade (95,7%) dos alunos de escolas privadas tem aparelhos celulares. Entre os alunos de escolas públicas, esse percentual é 82,2%. Entre os estudantes de escolas particulares, 98,6% têm internet em casa. Entre os alunos de escolas públicas, 84,9%.

A PENSE mostra ainda que 61,5% dos estudantes de 13 a 17 anos estudam em escolas com pia ou lavatório em condições de uso e que oferecem sabão para lavagem das mãos. Nas escolas privadas esse percentual chega a 97,5% e, nas públicas, a 55,4%.

A pesquisa ressalta que a lavagem das mãos é reconhecida como importante medida de saúde pública, por sua eficácia em reduzir a incidência de doenças infectocontagiosas. Nas escolas, a importância da disponibilização da estrutura necessária à lavagem é dupla: por ser um ambiente de aprendizagem de hábitos saudáveis e pela própria prevenção de transmissão de doenças entre os alunos.⁷

⁷ Um em cada 10 estudantes já foram ofendidos nas redes sociais. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-09/ibge-um-em-cada-dez-estudantes-ja-foi-ofendido-nas-redes-sociais>. Acesso em: 10 nov. 2024.

Momento de interação pós leitura!

Professor (a),

Após a leitura, reserve um momento de interação para que os alunos possam compartilhar suas impressões e reflexões sobre o tema. Pergunte a eles como se sentiram ao ouvir os diferentes exemplos de bullying mencionados e se já presenciaram ou vivenciaram situações semelhantes no ambiente escolar ou fora dele.

Incentive-os a pensar sobre como cada tipo de bullying pode impactar uma pessoa e a refletir sobre as possíveis consequências emocionais e sociais. Este é um espaço para que eles expressem dúvidas, contem experiências e discutam estratégias que poderiam ajudar a prevenir ou lidar com o bullying. Aproveite também para reforçar a importância da empatia, do respeito e da responsabilidade no trato com os outros, fortalecendo uma cultura de apoio mútuo na sala de aula.

Atividade 2: Considerações sobre o texto lido

Aluno,

Agora que já conversamos e fizemos a leitura do texto sobre bullying, chegou a hora de registrar o que você aprendeu.

Nesta atividade, você deverá responder no seu caderno a algumas perguntas sobre o tema bullying, com base no que foi discutido na roda de conversa e nas informações do texto.

O que você precisa fazer:

Leia com atenção cada pergunta.

Pense no que foi falado e lido durante a aula.

Escreva suas respostas de forma coerente, com calma e atenção.

Tente refletir de forma sincera sobre o que aprendeu e como se sentiu ao conhecer mais sobre esse assunto.

Para responder no caderno.

1. O que é bullying, de acordo com o texto?
2. Quais formas de bullying foram descritas no texto?
3. Quem são as principais vítimas do bullying, segundo o texto?
4. Que consequências o bullying pode causar, tanto para as vítimas quanto para os agressores?
5. Em sua opinião porque algumas pessoas praticam bullying?
6. Como o texto sugere que o bullying pode ser prevenido ou combatido?
7. Qual é o papel dos colegas de classe (espectadores) em situações de bullying?
8. Qual foi a parte mais impactante do texto para você? Por quê?
9. Como os professores, pais e alunos podem trabalhar juntos para prevenir o bullying?
10. O que podemos fazer, como grupo, para criar um ambiente mais acolhedor na escola?
11. Você acha que o texto oferece soluções viáveis para o bullying? Explique sua resposta.

Professor (a),

Acesse o link abaixo para aprofundar seu conhecimento sobre o bullying e obter recursos adicionais que podem enriquecer suas atividades em sala de aula.

Este material oferece insights sobre as causas, os efeitos e as estratégias de prevenção do bullying, além de orientações práticas para lidar com situações de conflito e promover um ambiente escolar seguro e inclusivo.

<https://www.youtube.com/watch?v=ogDEnsygi8>

OFICINA 2. VOCÊ CONHECE OS TIPOS DE BULLYING?

Professor(a), o planejamento para esta oficina contempla duas aulas.

Nesta etapa, os alunos deverão ser levados à sala de informática para realizarem uma pesquisa guiada sobre o tema.

Objetivo da Pesquisa:

Os alunos irão pesquisar sobre os diferentes tipos de bullying, conforme indicados no quadro apresentado abaixo (ex: físico, verbal, psicológico, virtual/cyberbullying, entre outros). É importante que compreendam como cada tipo se manifesta e os impactos que pode causar.

Registro das Informações:

Durante a pesquisa, oriente os alunos a registrarem as informações no caderno, organizando o conteúdo de forma clara, com título, subtítulos e, exemplos para cada tipo de bullying pesquisado.

Pesquisa Complementar – Lei 14.811/2024:

Além disso, os alunos deverão pesquisar sobre a Lei 14.811/2024, que trata da criminalização do bullying e cyberbullying. Oriente-os a identificar:

- O que diz a lei;
- Quais são as punições previstas;
- Onde e quando ela se aplica (dentro e fora do ambiente escolar);
- Por que essa lei é importante para a proteção das vítimas.

Importante: Durante toda a atividade, acompanhe os alunos, ajude na busca por fontes confiáveis e estimule o pensamento crítico sobre o conteúdo pesquisado.

Alunos,

Nesta atividade, vocês irão realizar uma pesquisa e deverão anotar no caderno as principais informações encontradas. É importante que o registro seja organizado e completo, pois ele servirá de base para outras discussões e atividades que faremos em sala.

 O que deve ser registrado:

- *Os principais tipos de bullying (ex: físico, verbal, psicológico, virtual/cyberbullying);*
- *As características de cada tipo, ou seja, como eles acontecem e se manifestam no dia a dia;*
- *Exemplos práticos que ajudem a entender cada tipo de bullying;*
- *As informações sobre a Lei 14.811/2024, incluindo o que ela diz e quais são as punições aplicadas a quem pratica o bullying, tanto na escola quanto fora dela.*

Lembre-se: *capriche nas anotações, escreva com atenção e organize as suas ideias. Isso vai ajudar muito nos próximos momentos de aprendizagem!*

Para realizar no caderno.

Atividade 1. Pesquise os tipos de bullying abaixo e preencha o quadro explicando e dando exemplos de cada um deles.

VERBAL	FÍSICO	PSICOLÓGICO	MATERIAL	CYBER-BULLYING

Atividade 2. Momento de interação!

Professor(a),

Nesta etapa, os alunos deverão apresentar para a turma o que descobriram durante a pesquisa sobre os diferentes tipos de bullying. Esse é um momento valioso de troca de informações e experiências, por isso, incentive a participação de todos e promova um ambiente acolhedor, onde todos se sintam à vontade para falar.



Dicas para o momento da troca:

- Estimule os alunos a ouvirem com atenção os colegas.
- Valorize as contribuições feitas e complemente com perguntas ou comentários que aprofundem o tema.
- Permita que a conversa aconteça de forma espontânea, mas organizada, para que todos tenham a chance de participar.



Dica:

Para enriquecer ainda mais a discussão, é recomendável que você também faça uma pesquisa prévia sobre o tema. Isso permitirá complementar as falas dos alunos com informações relevantes e atualizadas.

Segue abaixo uma sugestão de leitura com conteúdo claro e acessível sobre os tipos de bullying:



<https://www.diferenca.com/tipos-de-bullying/>

OFICINA 3. PRODUÇÃO DE PADLET

Professor(a),

Este planejamento está organizado para ser desenvolvido ao longo de quatro aulas, compondo uma oficina dedicada à reflexão e ao debate sobre o bullying. Durante esse período, os alunos participarão de atividades variadas, explorando diferentes gêneros discursivos (textos jornalísticos, conversas orais, registros escritos, entre outros) para compreender melhor o tema e seus desdobramentos.

A proposta busca não apenas desenvolver habilidades de leitura e escrita, mas também estimular o pensamento crítico, a empatia e o respeito nas relações escolares.

Atividade de Encerramento:

Como culminância da oficina, os alunos irão colaborar na criação de um mural virtual utilizando a plataforma Padlet. Nesse espaço interativo, eles poderão compartilhar produções autorais, reflexões e aprendizados construídos ao longo das aulas.

Essa atividade final tem como objetivo consolidar o conhecimento adquirido, fortalecer o diálogo e valorizar a participação de cada estudante na construção coletiva do saber.

Atividade 1: Leitura de gráfico

Professor(a),

Para dar início à discussão sobre o tema, será apresentado aos alunos um gráfico retirado do jornal *Correio Braziliense*, que mostra as porcentagens relacionadas aos diferentes tipos de bullying.

Utilize esse recurso visual como ponto de partida para uma conversa com a turma. Comente oralmente os dados apresentados e incentive os alunos a refletirem e compararem essas informações com a realidade que vivenciam em seus próprios contextos sociais — como na escola, na vizinhança ou nas redes sociais.

Esse momento é importante para aproximar o conteúdo da vivência dos alunos e estimular uma reflexão mais crítica e significativa sobre o problema.

Bullying no topo dos casos de violência

No ano passado, a Secretaria de Segurança Pública coletou a opinião dos gestores de 368^ª escolas públicas do DF para uma pesquisa qualitativa sobre violência nas instituições de ensino. O levantamento mostrou que as ocorrências mais recorrentes são:

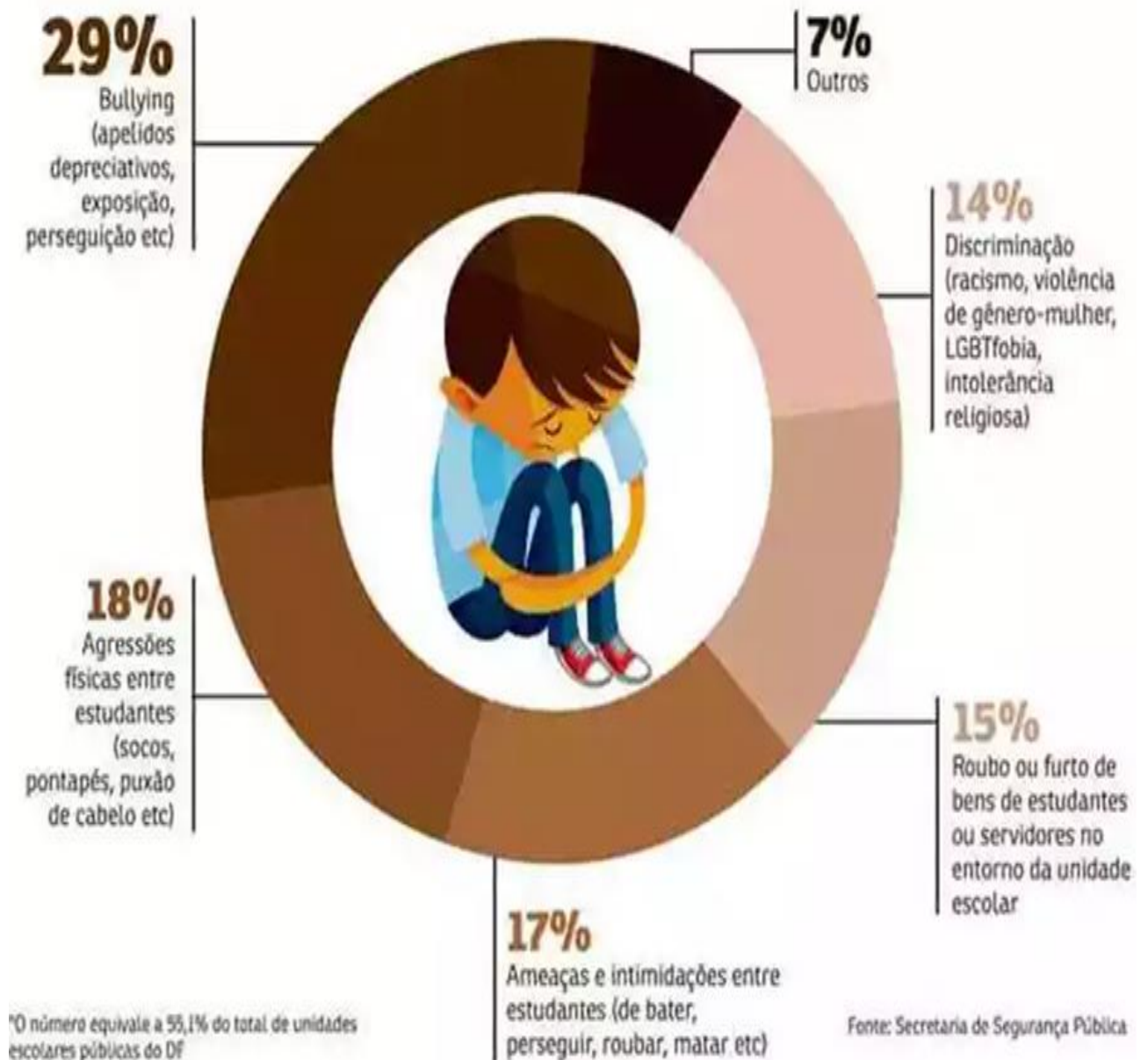


Figura1: Bullying no topo dos casos de violência (*Correio Braziliense*)

Para introduzir o texto!

Atividade de oralidade

Professor(a),

Nesta atividade, proponha uma conversa aberta com os alunos sobre a presença dos diferentes tipos de bullying no ambiente escolar. O objetivo é estimular a reflexão coletiva, promover o diálogo e valorizar as percepções dos alunos sobre a realidade que os cerca.



como conduzir a conversa:

- Inicie com as perguntas descritas abaixo, faça-as de forma explicativa de modo que ajude os alunos a pensarem sobre o assunto.
- Incentive-os a justificar suas respostas com base em suas observações, vivências e percepções pessoais.

Essa conversa ajudará a aprofundar o entendimento sobre o tema e poderá servir como base para outras atividades ao longo do projeto.

Questões de reflexão oral

- 1) Em sua opinião essas porcentagens referentes aos tipos de bullying são reais?
- 2) Se fizéssemos um gráfico sobre os tipos de bullying na nossa escola, as porcentagens seriam iguais, maiores ou menores? Justifique.

Alunos,

Nesta atividade, vocês irão analisar um gráfico com dados hipotéticos sobre os diferentes tipos de bullying. Observem com atenção as categorias apresentadas e suas respectivas porcentagens.

 O que vocês devem fazer:

- *Identifiquem quais tipos de bullying aparecem com maior frequência no gráfico e quais são menos recorrentes.*
- *Reflitam sobre as possíveis razões para essas diferenças: Por que será que alguns tipos ocorrem mais que outros?*
- *Pensem se esses dados se parecem com a realidade da escola de vocês ou se há diferenças.*
- *Depois da análise e da discussão, respondam no caderno às perguntas indicadas abaixo, com base no gráfico e nas reflexões feitas.*

Lembrem-se de escrever com atenção e, sempre que possível, usem seus próprios exemplos e percepções para enriquecer suas respostas!

Atividades para serem feitas no caderno

1. Qual é o tipo de bullying mais frequente, de acordo com o gráfico?
2. Em sua opinião, qual faixa etária foi realizada esta pesquisa?
3. Segundo o gráfico, qual é o ambiente onde o bullying ocorre com mais frequência?
4. De acordo com o gráfico, qual é a principal consequência relatada pelas vítimas de bullying?
5. A partir dos dados apresentados no gráfico, em sua opinião, qual medida pode ser adotada pelas escolas para combater o bullying?

Atividade 2: Curta-metragem bullying na escola.

Professor(a),

Nesta etapa da oficina, os alunos irão assistir a um curta-metragem que aborda os impactos do bullying na vida de suas vítimas. O objetivo é sensibilizar a turma por meio da linguagem audiovisual, despertando a empatia e promovendo uma reflexão mais profunda sobre o tema.

Após a exibição do vídeo:

Conduza uma atividade de oralidade interativa, retomando as perguntas propostas anteriormente ou adaptando-as ao conteúdo do curta. Estimule os alunos a:

- Compartilhar o que mais os chamou atenção no vídeo;
- Refletirem sobre os sentimentos e comportamentos das personagens;
- Relacionarem o que viram com situações reais do cotidiano escolar;
- Expressarem suas opiniões e conclusões de forma respeitosa.

Esse momento de troca é essencial para consolidar o aprendizado e fortalecer o diálogo e a escuta entre os colegas, promovendo um ambiente de respeito e cooperação.



Figura 2: Curta-metragem bullying na escola.

Alunos,

Após assistirmos ao curta-metragem, vamos conversar sobre os temas que ele trouxe e refletir juntos sobre as mensagens que a história nos transmite.

Durante a discussão, observem com atenção:

- *O comportamento dos personagens e como cada um lidou com as situações apresentadas;*
- *O enredo, ou seja, o que acontece na história e por que isso é importante;*
- *As lições que podemos aprender com o filme e como elas se conectam com o que vivemos no nosso dia a dia.*

Este é um momento para expressar suas ideias, ouvir os colegas e pensar sobre atitudes que fazem a diferença no ambiente escolar. Participem com respeito e atenção — cada opinião conta!

Atividade de oralidade

1. Quais são as possíveis causas que levam uma pessoa a praticar bullying?
2. De que maneira as testemunhas de bullying podem influenciar a situação?
3. Qual o papel das instituições educacionais e da sociedade em geral na prevenção e combate ao bullying?
4. Quais são os efeitos do bullying sobre o desenvolvimento social e acadêmico das crianças e adolescentes?
5. Como as vítimas de bullying podem ser apoiadas e recuperadas de seus traumas de forma eficaz?

Atividade 3: Notícia on-line

Professor(a),

O objetivo desta atividade é analisar uma notícia que aborda o bullying a partir de relatos pessoais de estudantes, destacando suas experiências e sentimentos em relação ao tema.

Para tornar a leitura mais dinâmica, recomenda-se a utilização de um projetor (data show) ou computadores para exibir a notícia online. Caso a escola não possua esses recursos, a leitura pode ser feita por meio de uma versão impressa do texto.

Antes da leitura da notícia:

É importante contextualizar o meio de comunicação em que a reportagem foi publicada. Apresente brevemente aos alunos:

- O nome do veículo de imprensa;
- Seu perfil editorial (ex: jornalístico, educativo, voltado a temas sociais, etc.);
- Sua relevância no cenário da comunicação e o compromisso com pautas sociais, como o combate ao bullying.

Essa introdução permitirá que os alunos compreendam melhor a credibilidade da fonte, o público-alvo da notícia e o tom utilizado na abordagem do tema. Dessa forma, eles serão capazes de realizar uma leitura mais crítica e contextualizada, reconhecendo que o conteúdo da notícia está inserido dentro de um determinado ponto de vista e propósito comunicativo.

Para introduzir o texto

Interação oral

1. O site que divulgou a notícia corresponde ao jornal *Extra*. Vocês conhecem, já ouviram falar ou já leram alguma notícia deste meio de comunicação?
2. *Extra* é um jornal brasileiro, da cidade do Rio de Janeiro. Fundado em abril de 1998 pela Infoglobo (Grupo Globo de televisão). Você considera que esta notícia é relevante para aparecer como uma das principais matérias de um jornal de grande circulação? Justifique.

Educação



Para calar o preconceito

Escola em Caxias lança projeto contra o bullying e conscientiza a comunidade. Evento termina hoje com peça teatral

«Já vi praticarem bullying e não fiz nada para impedir. Hoje eu me arrependo»
Walterson Luis Gomes
estudante

«Às vezes, o próprio agressor do bullying também sofre, tem algum trauma»
Eric Teixeira da Silva
estudante

«A gente não pode ficar em silêncio. As escolas devem tomar providências»
Isacelli Jagg
estudante

Livia Marinho
(na frente)
sofreu bullying em outras escolas e agora ajuda a falar sobre o tema

Crista Cruz
coordenadora de arte

« Aos 10 anos, a estudante Livia Marinho Chiara, hoje com 14, conheceu o bullying. Aluna aplicada, querida pelos professores e tímida, ela foi alvo de ataques de um pequeno grupo de colegas de classe. Mudou de escola após concluir o 3º ano e, quando ingressou no 7º ano, voltou a sofrer hostilidade.

— Sempre fui alvo de bullying por ser quieto e tirar notas boas. Mas as escolas não tomavam providências, só quando o caso já estava bem grave — lembra a jovem, que entrou nesse ano no Colégio Adventista do Duque de Caxias para cursar o 1º ano do ensino médio.

A unidade encerra hoje a Semana da Cortesia, que nesta edição tem o bullying como tema. Livia integra o grupo de jovens da instituição que participam do projeto. Entre as atividades, os alunos vão encenar uma peça sobre o assunto, que será apresentada a estudantes da rede estadual. Depois de superar os

Alunos do ensino médio com cartas do Correo da Amizade. Abaixo, o 4º ano

anos difíceis, ela se sente pronta para dar seu recado:

— Na peça, interpreto uma vítima de bullying. Quis fazer essa personagem porque sofri isso. Hoje, tudo mudou.

Fui muito bem acolhida aqui. O chinês Roberto Huang, de 16, também passou por dificuldades quando veio para o Brasil, há seis anos.

— Era zoadido por causa da minha nacionalidade, mas eu levei na esportiva e fui parando — lembra Roberto, que interpreta um agressor.

Além da peça, os alunos vão trocar cartas entre si e com funcionários no Correo da Amizade, participar de uma palestra e distribuir materiais contra o bullying em duas escolas públicas do bairro.

— A Semana da Cortesia fala do respeito ao próximo, mas decidimos incluir o bullying nesse ano porque é um assunto atual. A ideia é mostrar que ninguém vence isso sozinho — explica a orientadora educacional da escola, Thamyres Sobral. 1

SER GENTIL É LEGAL

Figura 3: Notícia on-line⁸.

⁸ Jornal Extra. Para calar o preconceito. Disponível em: <https://extra.globo.com/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

Para responder no caderno

Alunos,

Após a leitura da notícia, vamos conversar sobre os principais assuntos abordados e refletir juntos sobre como essas informações se conectam com o nosso dia a dia, especialmente no ambiente escolar.

Em seguida, vocês deverão responder, no caderno, às questões propostas sobre o texto. Utilizem as informações da notícia e as ideias discutidas em sala para construir suas respostas.

Lembrem-se de:

Organizar bem as ideias;

Escrever de forma clara e com atenção;

Justificar suas opiniões sempre que possível, usando argumentos baseados no texto e em suas próprias reflexões.

Essa atividade é uma oportunidade para aprofundar a compreensão do tema e exercitar o pensamento crítico.

1. Qual é o contexto em que o bullying ocorreu, e como ele foi descrito na notícia?
2. A notícia menciona quem foram os agressores e as vítimas? Justifique.
3. Quais tipos de bullying foram relatados (físico, verbal, psicológico, cibernético)?
4. A notícia aborda o impacto do bullying nas vítimas a curto e longo prazo? Justifique.
5. De que maneira a notícia explora as razões ou motivações dos agressores para cometer bullying?
6. Houve testemunhas do bullying, e o texto menciona se elas intervieram ou permaneceram em silêncio? Justifique.
7. A notícia apresenta alguma solução ou estratégia para combater o bullying? Justifique.

Professor(a),

Abaixo segue uma sugestão de outra notícia que pode ser trabalhada em sala de aula. Entretanto, caso prefira, ela pode ser lida apenas para o seu conhecimento pessoal. Essa notícia foi escolhida para proporcionar uma visão mais ampla sobre o tema bullying, oferecendo uma oportunidade para ampliar a compreensão dos alunos sobre questões atuais.

Caso decida abordá-la em sala, ela pode ser utilizada para gerar discussões, reflexões ou atividades que estimulem a análise crítica e o entendimento do contexto apresentado. Dessa forma, a notícia não só enriquece o conteúdo do ensino, mas também oferece um ponto de partida para explorar diferentes perspectivas e promover o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.

Sugestão de notícia: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/bullying/>



Atividade 4. Produção de Padlet

Professor(a),

Nesta atividade, os alunos irão realizar uma produção escrita utilizando o Padlet, uma ferramenta digital colaborativa que funciona como um quadro virtual interativo. O Padlet permite que os participantes compartilhem conteúdos em um mural online, de forma simples e visual. Nele, é possível postar textos, imagens, vídeos, links e outros recursos multimídia, tornando o aprendizado mais dinâmico e acessível.

🎯 Objetivo da atividade:

O uso do Padlet tem como principal objetivo estimular a colaboração entre os alunos, possibilitando o compartilhamento de ideias em um espaço coletivo e organizado. Todos poderão participar ao mesmo tempo, contribuindo com suas reflexões, opiniões e aprendizados.

Essa dinâmica favorece a troca de experiências, incentiva a criatividade e torna o processo de aprendizagem mais envolvente e interativo.

Abaixo, você encontrará as explicações do que é um Padlet e o passo a passo para criar e utilizar um mural dentro dessa ferramenta, para que, assim, possa garantir que todos os alunos consigam participar de forma eficiente e organizada.

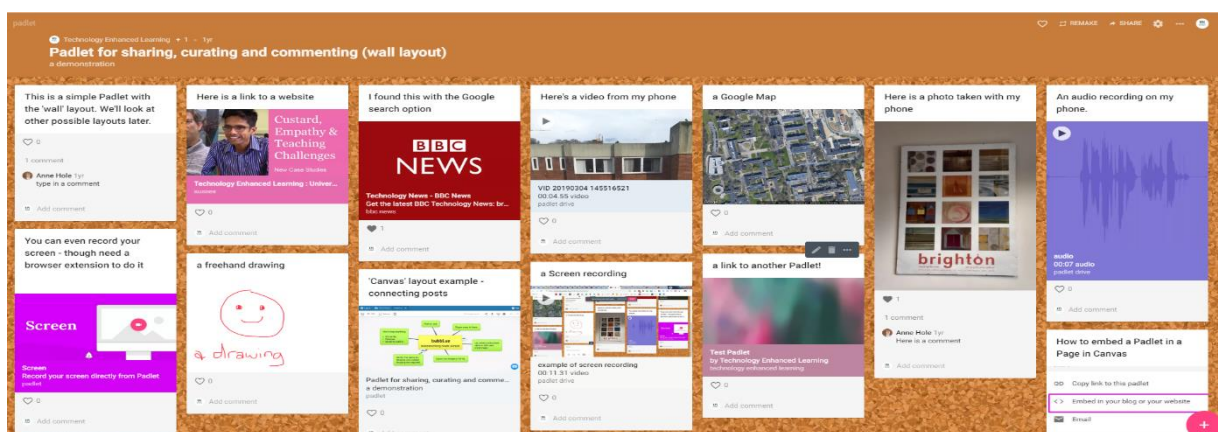


Figura 4: Mural virtual⁹

⁹ www.padlet.com

O que é um Padlet?

O Padlet é uma ferramenta online que permite criar quadros virtuais para organizar a rotina de trabalho, estudos ou projetos pessoais. Ele funciona como um mural dinâmico e interativo onde é possível inserir conteúdos como texto, imagens, vídeos e hiperlinks. Pode ser utilizado para escrita colaborativa em grupos ou turmas, seja em sala de aula ou online.

Passo a passo para o desenvolvimento e produção do Padlet

1. Criação da Conta

Acesse: Vá para www.padlet.com.

Inscreva-se: Clique em "Inscrever-se" e escolha o método de cadastro (e-mail, Google, etc.).

2. Criação de um Novo Padlet

Inicie: Clique em "Criar Novo Padlet".

Escolha o Tipo: Selecione o formato do Padlet (Mural, Grade, etc.).

Nomeie e Descreva: Dê um título e uma breve descrição ao seu Padlet.

3. Personalização

Ajuste o Layout: Clique em "Configurações" para mudar o fundo, cores e layout.

Defina Permissões: Configure quem pode visualizar ou editar o Padlet (público ou privado).

4. Adição de Conteúdo

Adicionar Posts: Clique em "+" para criar novos posts.

Conteúdo: Insira textos, imagens, vídeos, links, etc.

5. Compartilhamento

Compartilhe o link: Clique em "Compartilhar" para obter o link ou convite.

Permissões de Acesso: Ajuste quem pode ver ou editar.

6. Utilização em Atividades

Explique o Uso: Mostre aos alunos como adicionar e interagir com posts.

Dê Instruções: Defina tarefas e prazos para a atividade no Padlet.

7. Revisão e Reflexão

Revise: Discuta o que foi feito e ofereça feedback.

Peça Opiniões: Solicite feedback dos alunos sobre a ferramenta.

8. Encerramento

Salve o Trabalho: Exporte o conteúdo se necessário.

Agradeça: Finalize a atividade com uma reflexão sobre o aprendizado.¹⁰

¹⁰ Explicações retiradas do site: <https://olhardigital.com.br/2022/01/14/tira-duvidas/padlet-o-que-e-como-funciona-e-como-usar/>

OFICINA 4. PRODUÇÃO DE MAPA MENTAL EM CARTAZ

Professor(a), a previsão de duração desta oficina é de duas aulas.

Nesta etapa, os alunos irão criar um mapa mental com base nas pesquisas realizadas anteriormente sobre os diferentes tipos de bullying. O objetivo é organizar as informações de forma visual e simplificada, destacando as principais características, exemplos e consequências de cada tipo.

A proposta é que os alunos expressem o que aprenderam por meio de palavras-chave, desenhos, setas, símbolos e esquemas, desenvolvendo a criatividade e consolidando o conhecimento de forma prática e significativa.

Por que usar o mapa mental?

O mapa mental é uma ferramenta que ajuda a visualizar ideias de forma organizada, tornando o conteúdo mais fácil de compreender, memorizar e compartilhar. Além disso, é uma forma lúdica de envolver todos os estudantes no processo de aprendizagem.

Forma de apresentação:

Cada grupo produzirá seu mapa mental em formato de cartaz, utilizando materiais como cartolina, canetinhas, lápis de cor, réguas, adesivos e outros itens de papelaria.

Esses cartazes serão expostos em um mural da escola, para que toda a comunidade escolar tenha acesso às informações. A exposição também tem como objetivo promover a conscientização sobre o bullying e incentivar o respeito e a empatia no ambiente escolar.

Objetivo da atividade:

Essa atividade busca tornar o aprendizado mais envolvente e colaborativo, permitindo que os alunos reflitam sobre o tema de forma criativa. Ao transformar o conteúdo em um material visual e acessível, eles aprofundam sua compreensão e contribuem para o debate coletivo sobre um assunto tão importante.

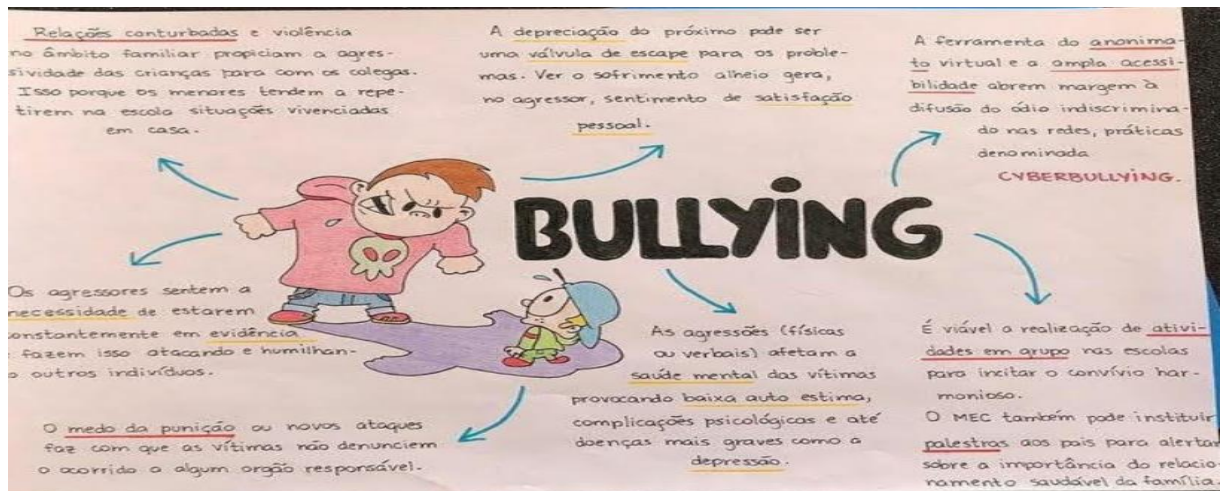


Figura 5: Exemplo de mapa mental¹¹

Atividade 1: Produção de mapa mental

Um mapa mental é uma ferramenta visual usada para organizar informações de forma hierárquica e interligada, facilitando a compreensão e a memorização de ideias e conceitos. Ele é construído a partir de um tema central, que se ramifica em tópicos principais e, em seguida, em subtópicos e detalhes menores. Esses elementos são conectados por linhas, criando uma espécie de diagrama que organiza o conteúdo de forma intuitiva.

Organizando a produção!

1. Organizar o pensamento de maneira visual

O mapa mental é uma ferramenta que transforma as ideias em algo visual e fácil de entender. Ele começa com um tema principal no centro e a partir dele surgem ramificações com palavras-chave ou conceitos relacionados. Isso ajuda a organizar pensamentos que, inicialmente, podem parecer confusos ou desconexos. Quando você coloca esses conceitos em um diagrama, fica mais claro como eles estão interligados, tornando o raciocínio mais lógico e ordenado.

¹¹ Fonte: <https://studymaps.com.br/wp-content/uploads/2023/09/WhatsApp-Image-2023-11-28-at-6.15.50-PM.jpeg>

2. Facilitar a aprendizagem e a memorização

Nosso cérebro trabalha melhor com imagens e associações visuais. O mapa mental aproveita isso ao conectar palavras e conceitos por meio de setas, cores e imagens, o que faz com que o conteúdo seja mais fácil de lembrar. Quando vemos as informações dispostas visualmente, em vez de apenas listadas de forma linear, nosso cérebro consegue fazer associações mais rápidas e fortes, o que ajuda na retenção da informação.

3. Estimular o pensamento criativo

O mapa mental incentiva a criatividade porque não há uma única forma "correta" de organizá-lo. Você pode começar a partir de qualquer ideia, ramificar para diferentes direções, usar cores e formas. Isso permite que você explore várias possibilidades e caminhos de raciocínio, sem a limitação de uma estrutura rígida. O processo de “desenhar” suas ideias no mapa mental pode gerar novos insights e soluções que talvez não surgissem com uma abordagem linear.

4. Simplificar conteúdos complexos

Quando temos que lidar com muitos conceitos ou um grande volume de informações, fica difícil absorver tudo de uma vez. O mapa mental divide esses conteúdos em partes menores e mais gerenciáveis, tornando-os mais fáceis de entender. Cada parte complexa é quebrada em tópicos menores, e isso facilita a visualização das relações entre diferentes conceitos. O mapa mental cria uma visão panorâmica do assunto, ajudando a compreender o todo e as partes que o compõem.

5. Aprimorar a resolução de problemas

Um dos maiores benefícios dos mapas mentais é que eles permitem ver o “quadro completo” de uma questão ou problema. Ao colocar todas as ideias ou partes de um problema em um único espaço visual, você consegue ver conexões que podem não ter sido óbvias antes. Isso ajuda a analisar diferentes ângulos e possíveis soluções de forma mais clara e estratégica, aumentando as chances de encontrar uma resposta eficaz ou inovadora.¹²

¹² Explicações retiradas do site: <https://overbr.com.br/artigos/mapa-mental-o-que-e-e-qual-o-objetivo-de-criar-um>

OFICINA 5. ENTREVISTA VIA *GOOGLE FORMS*

Professor(a), a previsão desta atividade é de duas aulas.

Nesta atividade, os alunos irão à sala de informática para responder a um formulário digital no *Google Forms* com perguntas relacionadas ao tema bullying escolar.

Por que usar o *Google Forms*?

A ferramenta permite que os alunos respondam de forma prática, rápida e organizada, garantindo que suas respostas sejam registradas com segurança e de forma anônima. Isso ajuda a criar um ambiente mais confortável, onde todos podem expressar suas opiniões com sinceridade e sem medo de exposição.

Objetivo da atividade:

O principal propósito desta etapa é compreender o nível de conhecimento e percepção que os alunos têm sobre o bullying. As respostas reunidas no formulário nos ajudarão a identificar:

O que os alunos já sabem sobre o tema;

Quais dúvidas ou lacunas ainda existem;

Como eles percebem e vivenciam situações de bullying em seu cotidiano.

E depois?

Após a coleta dos dados, as informações serão discutidas coletivamente em sala, de forma respeitosa e reflexiva. O objetivo é estimular o diálogo, promover a conscientização e fortalecer a compreensão sobre a importância de prevenir e combater o bullying no ambiente escolar.

Essa atividade contribui para a construção de um espaço onde os alunos possam pensar criticamente sobre o tema, esclarecer dúvidas e compartilhar experiências, sempre em um ambiente seguro e acolhedor.

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

B *I* U ↺ ✕

QUESTIONÁRIO REFERENTE AO BULLYING PARA SABERMOS O CONHECIMENTO DOS ALUNOS SOBRE O TEMA.

VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE BULLYING?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

VOCÊ CONHECE OS TIPOS MAIS COMUNS DE BULLYING PRATICADOS ENTRE OS JOVENS?SE SIM,DIGA-NOS QUAIS VOCÊ CONHECE.

Texto de resposta curta

EM ALGUM MOMENTO DE SUA VIDA SE SENTIU PRESSIONADO POR COLEGAS DE SALA,COM BRINCADEIRAS QUE O DEIXARAM CONSTRANGIDO?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO
- ☐ CONSEGUI CONTORNAR A SITUAÇÃO
- ☐ DENUNCIE PARA A GESTÃO ESCOLAR

VOCÊ CONHECE AS LEIS QUE SÃO PUNITIVAS PARA OS PRATICANTES DO BULLYING?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO
- ☐ JÁ OUVI FALAR

...

EM SUA OPINIÃO AS PIADINHAS E BRINCADEIRINHAS, SÃO UM TIPO DE BULLYING?

☐ SIM ×

☐ NÃO ×

☐ Adicionar opção ou [adicionar "Outro"](#)

☒ Respostas corretas (0 pontos) 📄 🗑️ Obrigatória ☐ ⋮

CASO JÁ TENHA PRESENCIADO UMA SITUAÇÃO DE BULLYING, QUAL FOI A SUA REAÇÃO?

Texto de resposta curta

13

Figura 6: Print das perguntas realizadas no Google Forms.

OFICINA 6. VÍDEO VALORIZE A VIDA!

Professor (a), a duração desta oficina é de duas aulas.

Nesta oficina, os alunos irão assistir a um vídeo produzido por uma adolescente, no qual ela compartilha sua experiência pessoal com o bullying. A proposta é apresentar um relato real e sensível, que permita aos estudantes se colocarem no lugar do outro e compreenderem os sentimentos e desafios vividos por quem sofre esse tipo de violência.

Objetivo da atividade:

O principal objetivo é estimular uma reflexão crítica sobre o conteúdo do vídeo, promovendo o debate sobre:

As diferentes perspectivas envolvidas no bullying: a de quem sofre, de quem presencia e, até mesmo, de quem pratica;

Os impactos emocionais, sociais e escolares que o bullying pode causar;

A importância de questionar comportamentos e atitudes que alimentam essa prática.

Por que essa atividade é importante?

Através dessa experiência audiovisual, os alunos poderão analisar como o bullying afeta não apenas o indivíduo, mas também o ambiente escolar e a sociedade. A atividade ainda contribui para o desenvolvimento de uma leitura crítica de conteúdos visuais, relacionando-os com aspectos sociais, culturais e históricos.

Ao final da atividade, espera-se que os alunos tenham uma compreensão mais profunda sobre o tema e percebam a importância de cultivar respeito, empatia e responsabilidade nas relações interpessoais.

Para introduzir o texto

Alunos,

Vamos assistir a um vídeo chamado “Valorize a vida”, que traz histórias de adolescentes que passaram por situações de bullying na escola. Esse é um problema muito sério e, infelizmente, cada vez mais comum.

O vídeo mostra como o bullying pode afetar profundamente a vida de quem sofre com ele — causando tristeza, insegurança, dificuldades para aprender e até problemas nas amizades.

Enquanto assistem, prestem atenção nas histórias e pensem em como podemos, juntos, tornar a escola um lugar mais acolhedor, respeitoso e seguro para todos.

Depois do vídeo, vamos conversar sobre o que vimos e refletir sobre como cada um de nós pode fazer a diferença.



Figura 7: Vídeo Valorize a vida!¹⁴

Alunos,

Agora que assistimos ao vídeo “Valorize a vida”, chegou o momento de refletir com mais atenção sobre as histórias apresentadas e pensar no impacto que o bullying pode causar na vida das pessoas.

✎ Atividade:

¹⁴ Valorize a vida. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JBqav_oNgnY&t=4s. Acesso em: 08 nov. 2024.

- *No seu caderno, responda com atenção às questões a seguir. Suas respostas devem demonstrar que você entendeu do conteúdo do vídeo e suas reflexões sobre o tema. Tente escrever de forma clara e completa.*

✂ Dicas importantes:

- *Volte a pensar nas situações mostradas no vídeo.*
- *Relacione o que viu com situações que você já ouviu falar ou presenciou.*
- *Procure expressar sua opinião com respeito e empatia.*

Após assistir ao vídeo, responda as seguintes questões no caderno.

1. O que você entende por "valorização da vida"?
2. Você já presenciou ou ouviu falar sobre casos de bullying? Em sua opinião, como isso afeta a vida das pessoas envolvidas?
3. Em sua opinião, como o bullying impacta a autoestima e o bem-estar de quem sofre com isso?
4. O que podemos fazer no nosso dia a dia para mostrarmos mais empatia e valorizar a vida dos outros?
5. Por que algumas pessoas praticam bullying? Em sua opinião, como podemos agir diante dessas situações em nossa escola?
6. Qual é a importância de termos respeito pelas diferenças no ambiente escolar e fora dele?
7. Em sua opinião, de que forma o apoio de amigos e família pode ajudar alguém que está passando por dificuldades, incluindo situações de bullying?
8. Você já se perguntou como pequenas atitudes podem fazer uma grande diferença na vida de alguém? Como isso, em sua opinião, se relaciona com a valorização da vida?
9. Como você definiria o respeito em relação à vida dos outros, especialmente em situações onde há bullying?

OFICINA 7. RODA DE CONVERSA

Professor (a), a duração desta oficina é de duas aulas.

Esta atividade será desenvolvida com base no vídeo assistido durante a oficina anterior. A proposta é realizar uma roda de conversa para que os alunos possam discutir, refletir e compartilhar suas percepções sobre o tema abordado.



Objetivo da atividade:

O principal objetivo desta roda de conversa é criar um espaço seguro, acolhedor e de escuta ativa, onde todos se sintam à vontade para expressar suas experiências, sentimentos e opiniões. A ideia é incentivar um diálogo aberto e respeitoso, fortalecendo a consciência coletiva sobre o impacto do bullying e a importância de prevenir esse tipo de comportamento no cotidiano escolar.



Durante a conversa, será possível:

- Refletir sobre os aprendizados do vídeo;
- Compreender diferentes pontos de vista (de quem sofre, presencia ou comete bullying);
- Desenvolver empatia ao ouvir as experiências dos colegas;
- Pensar em formas de construir um ambiente escolar mais justo, seguro e respeitoso para todos.



Resultados esperados:

Mais do que discutir o tema, essa atividade tem como propósito fortalecer os laços entre os alunos, promover a empatia e valorizar a diversidade dentro da escola. Através do diálogo, os estudantes serão incentivados a identificar atitudes que precisam ser transformadas e a se comprometerem com uma convivência mais saudável e harmoniosa.

Alunos,

Agora vamos realizar uma roda de conversa para refletirmos juntos sobre o vídeo que assistimos e o tema bullying.

 *Nesta atividade, vocês poderão compartilhar suas opiniões, sentimentos e ideias sobre as situações apresentadas no vídeo e também sobre o que pensam a respeito do bullying na escola e na sociedade.*

Durante a conversa:

- *Respeitem a fala dos colegas, ouvindo com atenção.*
- *Participem com responsabilidade, sendo sinceros, mas cuidadosos nas palavras.*
- *Se quiserem, podem falar sobre algo que já presenciaram ou sentiram relacionado ao tema.*
- *Use argumentos para explicar suas opiniões e procurem fazer conexões com o vídeo e com a realidade.*

 Objetivo:

- *Refletir sobre o impacto do bullying, promover o respeito e pensar em formas de tornar a escola um lugar mais seguro e acolhedor para todos.*
- Vamos construir esse momento juntos, com empatia e escuta!*

Sugestões de questionamentos a serem feitos para os estudantes

1. Como você se sentiu ao ver as cenas de bullying no vídeo?
2. Você já presenciou ou vivenciou algo parecido no seu ambiente escolar?
3. Quais as consequências do bullying que o vídeo mostrou?
4. Em sua opinião, o que leva uma pessoa a praticar bullying?
5. Como o bullying afeta a vida das vítimas e de quem está ao redor delas?
6. Que atitudes podemos adotar para ajudarmos alguém que está sendo vítima de bullying?
7. No vídeo, como os personagens lidaram com o bullying? O que você faria de diferente?
8. Qual foi a mensagem mais importante que você tirou desse vídeo?
9. Em sua opinião, que papel a escola e os professores podem desempenhar na prevenção do bullying?

OFICINA 8. PRODUÇÃO DE PARÓDIAS

Professor(a), a previsão para esta oficina é de quatro aulas.

Nesta etapa final da oficina, o foco será o trabalho com o gênero textual música, com o objetivo de desenvolver as habilidades de escrita, interpretação e expressão criativa dos alunos. A proposta é que cada grupo elabore uma paródia musical sobre o tema bullying escolar, utilizando uma melodia conhecida e adaptando a letra com base nas reflexões feitas ao longo das oficinas desenvolvidas.

Por que paródia?

A escolha desse gênero tem como finalidade estimular a criatividade, possibilitando aos alunos abordar o bullying de forma crítica, reflexiva ou até mesmo com leveza e humor, sempre com respeito ao tema. A paródia exige uma leitura atenta e interpretativa da música original, além da recriação do conteúdo com um novo propósito – o que enriquece a compreensão do tema e fortalece a capacidade de ressignificação dos textos.

O que será trabalhado?

- Interpretação e reescrita criativa de letras musicais;
- Expressão de ideias e sentimentos por meio da música;
- Discussão crítica sobre comportamentos e atitudes no ambiente escolar;
- Desenvolvimento da escrita e da oralidade.

Apresentação e socialização:

Após a criação das paródias, os alunos serão convidados a apresentá-las para a turma. Essa etapa permite trabalhar a expressão oral, a escuta ativa e a autoconfiança, criando um ambiente colaborativo onde todos possam compartilhar suas produções e opiniões com respeito e empatia.

Objetivo:

Mais do que uma atividade musical, essa proposta busca promover o diálogo, a consciência social e o desenvolvimento emocional, ao mesmo tempo em que valoriza a produção textual de forma lúdica e significativa.

Atividade 1. Conhecendo o gênero paródia

Uma paródia é uma recriação cômica ou satírica de uma obra original, que pode ser literária, musical, cinematográfica, entre outros gêneros. Em uma paródia, a estrutura ou o estilo da obra original é mantido — isso significa que o ritmo, a melodia (no caso de músicas) ou a forma literária permanecem semelhantes ao original. No entanto, o conteúdo é modificado de maneira a provocar humor, crítica ou reflexão.

O objetivo da paródia é, muitas vezes, destacar aspectos peculiares ou pontos fracos do material original, exagerando certas características ou subvertendo os significados originais de forma criativa.

Esse tipo de releitura pode tanto divertir quanto estimular uma reflexão mais profunda sobre o tema abordado. Por exemplo, ao criar uma paródia sobre o bullying, os alunos podem exagerar situações, expor de forma crítica os comportamentos e consequências desse problema, o que ajuda na compreensão do tema e na sensibilização para a questão. A paródia, portanto, oferece um espaço para os estudantes utilizarem a criatividade e a linguagem de maneira inteligente e crítica, promovendo uma nova interpretação e compreensão dos conteúdos discutidos em sala de aula.

Para introduzir o texto

Professor (a),

Nesta atividade, o objetivo é utilizar duas músicas que tratam de temas sensíveis e relevantes — identidade, preconceito e bullying — como ponto de partida para reflexão e discussão em sala de aula. As canções selecionadas apresentam histórias de superação e enfrentamento de situações de discriminação, destacando o valor da autoaceitação, do respeito à diversidade e da resistência frente às adversidades.

Essas narrativas musicais permitem que os alunos reconheçam como o preconceito pode se manifestar por meio de atitudes discriminatórias e julgamentos, evoluindo para práticas de bullying. Além disso, a atividade busca mostrar que é possível transformar experiências de dor e exclusão em força, consciência e orgulho da própria identidade.

Etapas para conduzir a atividade:

- Apresente as músicas aos alunos: explique brevemente que elas trazem histórias marcantes sobre pessoas que enfrentaram dificuldades por serem diferentes, mas que encontraram formas de se fortalecer e se aceitar.
- Oriente a escuta atenta: peça que os alunos prestem atenção às letras, destacando:
 - situações de preconceito ou exclusão;
 - emoções dos protagonistas;
 - momentos de resistência, coragem ou superação.

Promova uma discussão guiada: Após a escuta, proponha uma conversa com perguntas que ajudem os alunos a refletirem:

- Como o preconceito aparece nas letras?
- De que forma o preconceito pode se transformar em bullying?
- Quais são os efeitos do bullying na autoestima das pessoas?
- Como os personagens das músicas reagiram e encontraram força?
- Qual é a importância de respeitar as diferenças no convívio social?

Objetivos principais da atividade:

- Estimular a empatia e a consciência social dos alunos;
- Incentivar a reflexão crítica sobre preconceito e bullying;
- Promover o respeito à diversidade e à identidade individual;
- Ampliar a compreensão sobre como as expressões artísticas (como a música) podem ser ferramentas de resistência e transformação social.

Alunos,

Nesta atividade, vamos trabalhar com duas músicas que abordam temas muito importantes: identidade, preconceito e bullying. A proposta é que vocês escutem atentamente as canções e reflitam sobre os assuntos transmitidos, percebendo como abordam as questões de lutas e superações de pessoas que enfrentam dificuldades simplesmente por serem diferentes.

O que vamos explorar?

As músicas escolhidas contam histórias de pessoas que passaram por situações de discriminação, exclusão e julgamento, muitas vezes traduzidas em atitudes de bullying. Ao mesmo tempo, essas canções relatam sobre resistência, coragem e autoaceitação, mostrando como é possível encontrar força dentro de si para enfrentar os desafios e valorizar quem se é de verdade.

Como será a atividade?

Depois de ouvirem as músicas:

- Identifiquem trechos que mostram momentos de dificuldade ou sofrimento dos sujeitos.*
- Destaquem partes em que os sujeitos demonstram força, superação e orgulho de sua identidade.*
- Reflitam sobre como o preconceito pode virar bullying e como isso afeta a forma como as pessoas se sentem e se veem.*

 **Vamos conversar também sobre:**

- O que é autoaceitação?*
- Como as músicas mostram a importância de respeitar a diversidade?*
- De que forma podemos, como grupo, promover um ambiente mais respeitoso e acolhedor dentro da escola?*

 **Por que essa atividade é importante?**

Além de desenvolver habilidades de escuta e interpretação, essa atividade vai ajuda-los a pensarem com mais empatia e sensibilidade sobre o outro e sobre si mesmos. A música pode ser uma ferramenta poderosa para entender realidades diferentes e refletir sobre atitudes que contribuem para um ambiente escolar mais justo e humano.

Ouçã as músicas abaixo. Após ouvi-las, reflita sobre o tema abordado e identifique as semelhanças nas duas versões

Eu sou Negra Li¹⁵ Tão pequeno e tão sensível ao toque do abusador Logo cedo definido pela voz e sua cor Esquecido pelo pai e a mãe que fez e não criou Mas agradecido a Deus Por sua vó e seu avô	Olhos coloridos Sandra de Sá¹⁶ Os meus olhos coloridos Me fazem refletir Que eu estou sempre na minha E não posso mais fugir Meu cabelo enrolado Todos querem imitar Eles estão baratinados
---	---

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EpOfjON2Y7Q>. Acesso em: 08 nov. 2024.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X2tb8YVfOql>. Acesso em: 08 nov. 2024.

Marginalizado e só, por não ser mais um igual Incapaz de ver beleza em seu corpo natural Endeusava o branco por não ser o padrão real Mas compreendeu que o mundo é seu, tentar nunca faz mal Eu sou A voz da resistência preta Eu sou Quem vai emprestar minha bandeira Eu sou E ninguém isso vai mudar Tudo começou dar certo quando eu aprendi me amar	Também querem enrolar Você ri da minha roupa Você ri do meu cabelo Você ri da minha pele Você ri do meu sorriso A verdade é que você Tem sangue crioulo Tem cabelo duro Sarará crioulo Sarará crioulo (sarará crioulo) Sarará crioulo (sarará crioulo) Sarará crioulo (sarará crioulo) Sarará crioulo (sarará crioulo)
--	---

Questões para discussão oral.

1. Como as experiências escritas nas letras refletem situações que podem gerar o bullying?
2. Quais sentimentos você percebe que os personagens das músicas sentem em relação ao preconceito e ao bullying?
3. De que maneira as músicas sugerem que a aceitação da própria identidade pode ajudar a combater o bullying?
4. Como o apoio de figuras familiares, como os avós nas letras, pode influenciar a maneira como alguém lida com o bullying?
5. Que mensagens de resistência e empoderamento você observou nas letras das músicas?

Atividade 2. Questões para responderem no caderno.

1. Como a letra das músicas ouvidas reflete a experiência de ser alvo de bullying devido à aparência?
2. Quais sentimentos o sujeito expressa ao ser marginalizado por não se encaixar no “padrão” esperado?
3. De que forma o bullying pode afetar a autoestima e a percepção de beleza de uma pessoa?
4. Como a busca por aprovação e aceitação pode levar a comportamentos autodepreciativos?
5. Como as músicas ouvidas incentiva aqueles que sofrem bullying a encontrar força em sua identidade?
6. Quais estratégias, em sua opinião, poderiam ajudar a prevenir o bullying relacionado a questões de raça e aparência?

Atividade 3. Produção de paródias sobre o tema bullying escolar

Professor(a),

Após discutir com os alunos os efeitos de sentido presentes nas músicas e refletir sobre o impacto do bullying, proponha que usem sua criatividade para criar uma paródia com foco no tema do bullying escolar. Sugira que escolham uma música de que gostem e que considerem apropriada para adaptar, a fim de transmitir um posicionamento discursivo contra o bullying.

A atividade consiste em modificar a letra da música escolhida, mantendo a melodia original, mas redirecionando o conteúdo para abordar temas como aceitação, amizade e respeito às diferenças.

Divida os alunos em grupos para que trabalhem coletivamente, incentivando a troca de ideias e a construção colaborativa da paródia. Lembre-os de que a paródia pode ser uma ferramenta divertida e impactante para expressar opiniões e experiências, oferecendo uma forma leve, porém reflexiva, de abordar o bullying.

Oriente-os a refletirem sobre os seguintes pontos enquanto escrevem:

Quais sentidos pretendem produzir com a paródia?

Que posicionamento assumem em relação ao tema?

Como suas escolhas de palavras e expressões contribuem para o efeito de sentido desejado?

Essa proposta permitirá que os alunos desenvolvam habilidades de leitura crítica, produção textual e colaboração, ao mesmo tempo em que fortalecem valores como empatia e respeito.

Atividade final. Apresentação das paródias produzidas

Alunos,

Chegou a hora de compartilhar as paródias que vocês criaram!

Cada grupo terá a oportunidade de apresentar sua versão para a turma. Durante as apresentações, fiquem atentos a alguns pontos que vão tornar esse momento ainda mais especial:

 **Caprichem na apresentação:** Usem entonação, criatividade e expressão corporal para transmitir bem o que vocês querem dizer.

Lembrem-se: a forma como vocês se expressam pode tornar a paródia ainda mais impactante!

 **Contém a inspiração de vocês:** Antes de começarem a cantar, expliquem de maneira breve qual foi a música original escolhida e como vocês transformaram a letra para abordar o tema do bullying.

 **Conversem com a turma:** Depois da apresentação, escutem as perguntas e comentários dos colegas. Essa troca de ideias é muito importante para refletirmos juntos sobre tudo o que foi criado.

 **Respeitem e valorizem os colegas:** Cada paródia é fruto da criatividade e do esforço de um grupo. Vamos ouvir com atenção, apoiar uns aos outros e reconhecer o trabalho de todos.

Agora é com vocês — vamos transformar tudo o que aprendemos em arte e reflexão!

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, H. H. N. **O leitor: co-enunciador do texto**. Polifonia, Cuiabá, n. 01, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CORACINI, M. J. Leitura: decodificação, processo discursivo...? In: CORACINI, M. J. **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 2010.

Correio Braziliense. **Escolas do DF lutam contra o bullying e outros tipos de violência**. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2019/04/14/interna-educacaobasica-2019,749371/escolas-do-df-lutam-contr-o-bullying-e-outros-tipos-de-violencia.shtml. Acesso em: 25 ago. 2024.

Extra. **Para calar o preconceito**. Disponível em: <https://extra.globo.com/>. Acesso em: 02 set. 2024.

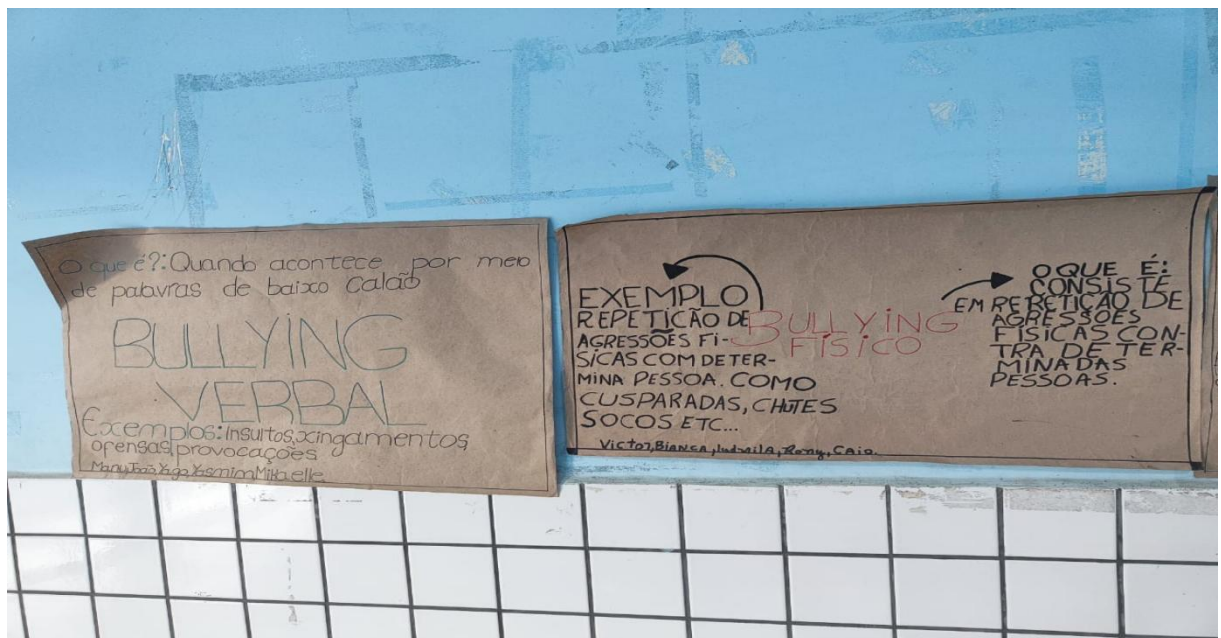
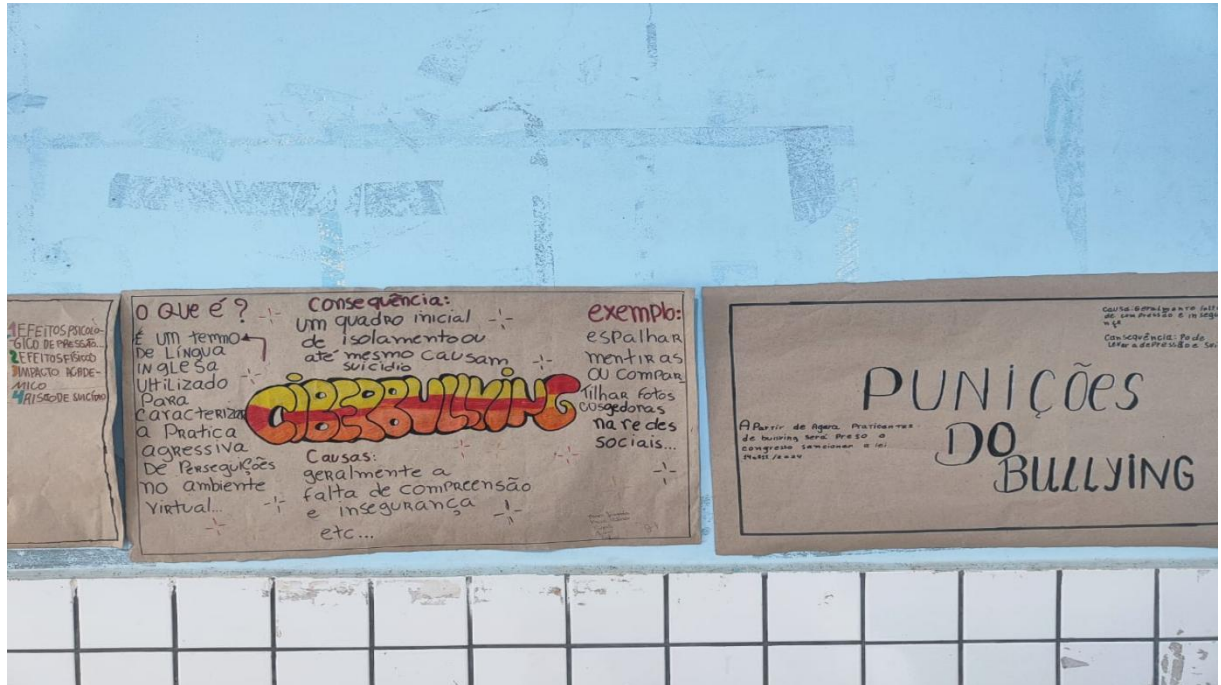
Letras.mus.br. **Eu sou – Negra Li**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/washington-duarte/eu-sou/>. Acesso em: 18 set. 2024.

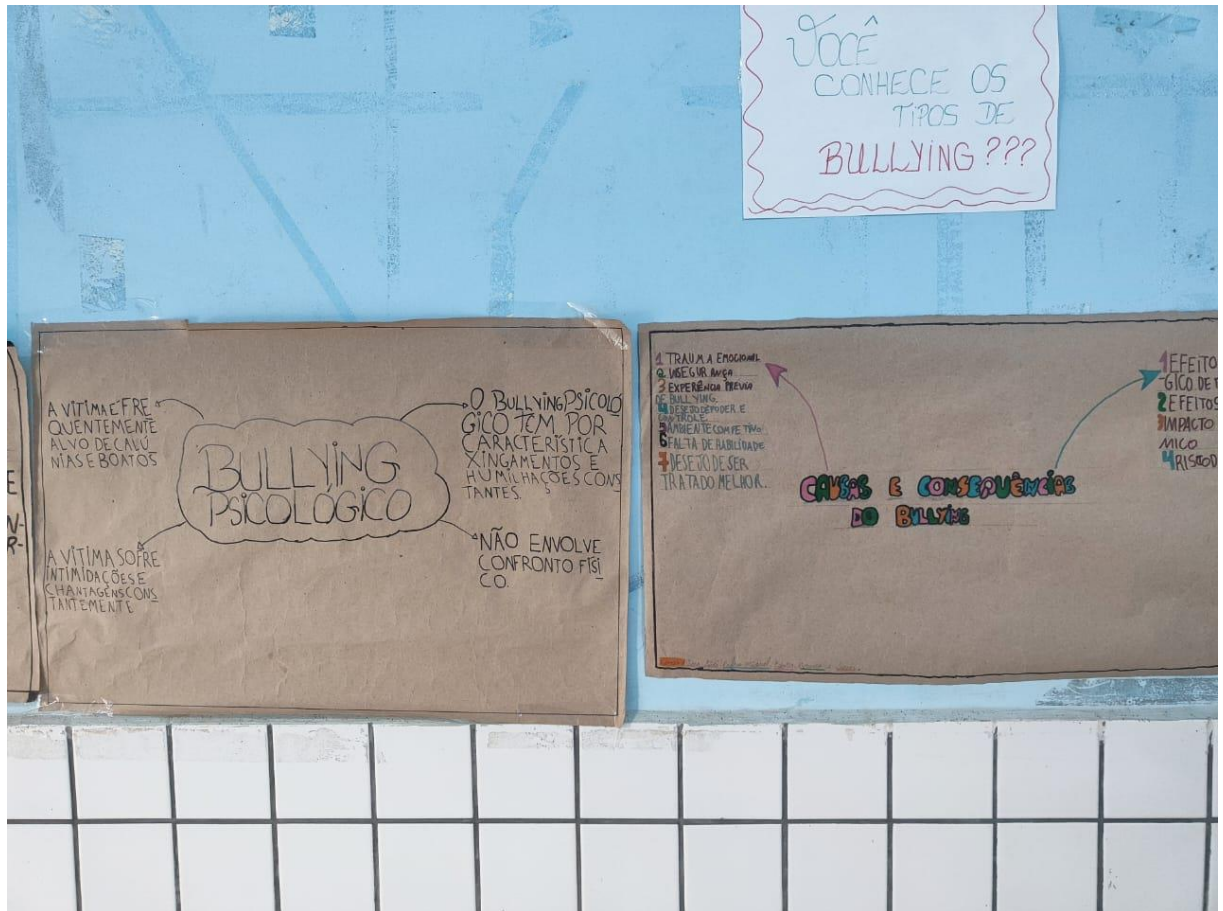
Letras.mus.br. **Olhos coloridos – Sandra de Sá**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sandra-de-sa/olhos-coloridos>. Acesso em: 18 set. 2024.

Revista Galileu. **O que o bullying fez com você**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2018/05/o-que-o-bullying-fez-com-voce.html>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SANTOS, V. **Valorize a vida**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JBqav_oNgnY&t=4s. Acesso em: 02 set. 2024.

ANEXOS





O BULLYING

Vou falar para você
 O que o bullying pode causar
 vai ter que aprender
 eu vou te ensinar
 Você vai pagar para ver
 quem faz bullying não se cansa
 e a vítima cai na dança 2X

Então pode, se preparar
 que agora eu vou começar, a denunciar
 Bullying não é brincadeira, não
 você acha que é diversão
 Isso pode até, dar prisão

Você acha isso Certo
 não se esquece, não se esquece
 (não se esquece)

A vítima não merece
 não merece, não merece, não merece
 se fosse contigo ou com o seu amigo
 você sabe que é chato, então para com
 isso
 Reflita, não se fala mais nisso

Então na escola

faça mais amigos (amigos)

porque ninguém é seu inimigo

respeite quem fecha contigo

diga não a agressão 2X

(Vou falar para Você)

Vou falar para Você

O que BULLYING pode causar

vai ter que apreender

eu vou te ensinar

Você quer pagar para ver

quem faz bullying não se cansa

e a vítima cai na dança 2X

Então pode se preparar

que agora eu vou começar a denúncia

BULLYING não é brincadeira não

Você acha que é diversão

isso pode até dar prisão

Você acha isso certo

não se esquece, não se esquece,
(não se esquece)

A vítima não merece

não merece, não merece, não merece

se fosse contigo ou com o seu amigo

Você sabe que é chato, então para

com isso

tilibra reflita, não se fala mais nisso

então na escola
faça mais amigos (amigos)
porque ninguém é seu inimigo
respeite quem fecha contigo
diga não a agressão

Bullying não evolui

Olha só, você pensa que é forte,
 Mas a dor que causa, não é só um corte.
 Palavras machucam, podem ferir, vamos juntos,
 É hora de agir!

Bully não evolui
 So traz tristeza e muito frio.
 Vamos juntos, dar a volta por cima
 Espalhar amor, esse é rima!

So traz tristeza e muito frio.
 Vamos juntos, dar a volta por cima
 Espalhar amor, esse é rima!

Seja mal, so traz solidão,
 Vamos buscar a inclusão
 Seja amigo, não seja cruel
 Juntos somos mais forte, isso é o ideal!

Bully não evolui
 So traz tristeza e muito frio.
 Vamos juntos, dar a volta por cima.
 Espalhar amor, esse é a rima!

Se alguém te ferir, não se cale não!
 Levante a voz e faça a diferença então
 O respeito é a chave para um mundo melhor
 Vamos juntos lutar contra esse terror